



BAHIANA
ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

**ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS EM SAÚDE**

PATRICIA SOUZA BAHIA BORGES

**INCLUSÃO SOCIAL PELO TRABALHO: PERCEPÇÕES DA
PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE EMPREGO EM JOVENS DE BAIXA
RENDA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**SALVADOR - BAHIA
2022**

PATRICIA SOUZA BAHIA BORGES

**INCLUSÃO SOCIAL PELO TRABALHO: PERCEPÇÕES DA
PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE EMPREGO EM JOVENS DE BAIXA
RENDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Tecnologias em Saúde da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Tecnologias em Saúde

Orientadora: Prof.^a Dra. Carolina Villa Nova Aguiar.

Coorientador: Prof. Dr. Antônio Almerico Biondi Lima

SALVADOR - BAHIA

2022

PATRICIA SOUZA BAHIA BORGES

**“INCLUSÃO SOCIAL PELO TRABALHO:
PERCEPÇÕES DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE
EMPREGO EM JOVENS DE BAIXA RENDA.”**

Dissertação apresentada a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Tecnologias em Saúde.

Salvador, de de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Olívia Maria Costa Silveira
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA

Prof.^a Dra. Márcia Oliveira Staffa Tironi
Doutora em Medicina e Saúde Humana
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, EBMSP

Prof.^a Dra. Marilda Castelar
Doutora em Psicologia Social
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, EBMSP

INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA

Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – EBMSP

FONTE DE FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Bahia – FAPESB

Dedico este trabalho aos meus filhos, Rafaela
e Marcelo,
meu orgulho e o maior amor que carrego no
coração.

AGRADECIMENTOS

Na linguagem cotidiana há infindas referências em relação às nuvens. No campo social, quando se diz que uma pessoa está “nas nuvens” expressa que ela está muito feliz. De outra forma, no jogo infantil busca-se semelhanças entre os contornos das nuvens e outras realidades. Há algo de espiritual em se imaginar. Imaginei os meus agradecimentos armazenados na **nuvem**, por meio de um provedor de computação, gerenciados e operados em um banco de dados, guardados, para sempre, na memória e no coração.



A word cloud containing the following names and terms: Beneficiários, Celso, Katia, Luiza, Soraia, Rafaela, Carmem, Psicologia, Filós, Meninas na Varanda, Almerico, Myla, Anabela, IFBRAIANO, Marli, Iolanda, Sylvia, Webe, Johana, Eliana, Ana Clara, NAPSI, Isamar, Leonardo, Irani, Rose, Alexandre, Luana, O amor é vermelho, O unicórnio e o rinoceronte, Programa Primeiro Emprego, Lourenço, Lorena, Aline, Luciana, Vanessa, Maria Constança, Anna Amélia, Bruno, Mestrado 2020.1, Taise, Renata, Cássia, Olivia, Nixon, Adelly, Adelina, Nayara, Gleice, Mônica, Maria Ivana, Iara, Thiago, FAPESB, Andrea, Marilda, Amanda, Ubton, Janaína, Marcia, Claudio, NEPPT, Luiz Antonio, FLEM, FESF-SUS, Carolina, Juliana, Bahiana, Trabalhadores Educandos, Margô, Thamís, Carla, Gustavo, Adriana, Aicil, Marcelo.

O trabalho do conhecimento nem sempre pode ser equilibrado e sereno: ele depende de aventuras espirituais apaixonadas e apaixonantes, capazes de proporcionar 'iluminações profanas', capazes de romper a carapaça da ideologia que, de algum modo, aprisiona a consciência a uma esmagadora supremacia da continuidade sobre a descontinuidade, na compreensão do movimento do real.

Leandro Konder (1936)

RESUMO

Introdução: apesar de estar presente em diversas fases da vida e em todos os grupos sociais, a experiência profissional pode assumir um papel central para o jovem de baixa renda, por se tratar de uma vivência que o insere em um *locus* passível de mudanças em diversas esferas. **Objetivo:** propor um modelo cognitivo/explicativo que represente as mudanças que podem ser incorporadas à vida de jovens de baixa renda, a partir de sua primeira experiência de emprego formal. **Método:** estudo descritivo, de corte transversal e de abordagem qualitativa. A amostra do estudo foi composta por 25 jovens beneficiários do Programa Primeiro Emprego, que participaram de grupos focais on-line. Nos grupos, os jovens foram convidados a refletir e, de forma interativa, pensar sobre os impactos da primeira inserção profissional em suas vidas profissionais e pessoais. Para a análise, as falas foram inicialmente categorizadas por meio da análise de conteúdo temática e, em seguida, visando uma sistematização e o estabelecimento de uma relação entre as categorias adotadas, foi utilizada a técnica do *mapeamento cognitivo*. **Resultados:** a partir da análise das falas dos jovens de baixa renda que participaram dos grupos focais, percebeu-se que uma primeira experiência de trabalho formal, socialmente reconhecida, está imbricada por um objetivo central, que é, ter uma profissão. A partir desse ponto de partida, foram identificados 29 núcleos de sentidos, que foram distribuídos em torno da tríade indivíduo-trabalho-sociedade. Entre as mudanças pessoais percebidas, destacam-se a valorização e o crescimento pessoal, assim como questões financeiras. Nas mudanças laborais, o aumento da empregabilidade como resultado da maior qualificação profissional e das novas habilidades técnicas adquiridas foi amplamente citado. Por fim, no que diz respeito às mudanças sociais, a percepção de alteração do status social ficou evidente. **Considerações Finais:** a maioria das mudanças observadas foram positivas e indicaram um aumento na qualidade de vida dos jovens de baixa renda. Conclui-se, portanto, que para uma mudança do sistema é necessária uma transformação da realidade laboral dos seus atores.

Palavras-chave: Emprego; Juventude; Trabalho; Pobreza; Inclusão social.

ABSTRACT

Introduction: despite being present at different stages of life and in all social groups, professional experience can play a central role for low-income young people, as it is an experience that places them in a locus that can be changed in different ways. **Objective:** to propose a cognitive/explanatory model that represents the changes that can be incorporated into the lives of low-income young people, from their first experience of formal employment. **Method:** descriptive, cross-sectional study with a qualitative approach. The study sample consisted of 25 young beneficiaries of the First Job Program, who participated in online focus groups. In the groups, young people were invited to reflect and, in an interactive way, to think about the impacts of their first professional insertion on their professional and personal lives. For the analysis, the speeches were initially categorized through analysis of content and, then, aiming at a systematization and the establishment of a relationship between the adopted categories, the cognitive mapping technique was used. **Results:** from the analysis of the speeches of low-income young people who participated in the focus groups, it was noticed that a first formal, socially recognized work experience is imbricated by a central objective, which is to have a profession. From this starting point, 29 nuclei of meanings were identified, which were distributed around the individual-work-society triad. Among the perceived personal changes, valorization and personal growth stand out, as well as financial issues. In terms of job changes, the increase in employability as a result of higher professional qualifications and new technical skills acquired was widely cited. Finally, with regard to social changes, the perception of change in social status was evident. **Final Considerations:** Most of the changes observed were positive and indicated an increase in the quality of life of low-income youth. It is concluded, therefore, that for a change in the system, a transformation of the work reality of its actors is necessary.

Keywords: Employment; Youth; Job; Poverty; Social inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Etapas dos procedimentos de análise de dados	29
Figura 2 – Mapeamento cognitivo dos jovens de baixa renda	32
Quadro 1 - Caracterização dos participantes do grupo focal	30

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	11
1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	14
2.1	Geral	14
2.2	Específicos	14
3	REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1	De qual juventude estamos falando ?	15
3.2	O trabalho: significados e sentidos	17
3.3	Políticas públicas e a inclusão laboral dos jovens	20
4	MATERIAL E MÉTODOS	25
4.1	Desenho do estudo	26
4.2	Locus da pesquisa	26
4.3	Participantes	27
4.4	Técnica de pesquisa	27
4.5	Procedimentos de análise de dados	28
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
5.1	Mapeamento cognitivo	32
5.1.1	Mudanças laborais	33
5.1.2	Mudanças pessoais e mudanças sociais	37
5.1.3	Outros achados	41
5.1.3.1	<i>Saúde no trabalho</i>	42
5.1.3.2	<i>Assédio moral</i>	42
5.1.3.3	<i>Preconceito de gênero</i>	43
6	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	44
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICES	54
	ANEXOS	116

APRESENTAÇÃO

Este estudo tem sua origem a partir de uma pesquisa iniciada em junho de 2019 em parceria com o governo do estado da Bahia, que apresentou como objetivo geral analisar as repercussões da participação dos beneficiários no Programa Primeiro Emprego Bahia (PPE/BA, edição 2016/2018).

Desde o período inicial do estudo, enquanto membro do grupo de pesquisa, muito me inquietava o percurso desses jovens, denominados beneficiários/trabalhadores educandos (TE), norteados por uma política pública.

Ainda que o trabalho seja uma temática muito pesquisada, pude perceber que o impacto da primeira experiência laboral formal para a juventude brasileira de baixa renda ainda encontrava lacunas e escassez na literatura. Assim, a aproximação com esta pesquisa me fez refletir sobre as possibilidades ainda não abarcadas em outros estudos. Com duração total de 22 meses, a pesquisa previa a coleta de dados abrangendo um número significativo de beneficiários do programa, distribuídos pelos diferentes municípios e órgãos participantes da Bahia. Diante dos resultados instigantes, consideramos que havia perguntas importantes relacionadas aos jovens em situação de pobreza diante dessa primeira experiência laboral que ainda não haviam sido respondidas.

1 INTRODUÇÃO

Independentemente do período da vida e/ou do grupo social, os assuntos relativos ao trabalho serão sempre marcantes e farão parte do contexto do sujeito e das organizações. O trabalho é um mister central na interação do indivíduo com o mundo tanto no plano objetivo quanto no subjetivo. Constitui-se uma atividade multidirecionada envolvendo questões materiais, interpessoais e, ainda, intrapessoais, relacionadas à produção de significados subjetivos (1).

Apesar de estar presente em diversas fases da vida e em todos os grupos sociais, a primeira experiência de emprego pode assumir um papel central para o jovem de baixa renda por se tratar de uma vivência que o insere em um *locus* passível de mudanças em diversas esferas, incluindo a ocupacional.

Somente a partir da década de 1990, a categoria “juventude” começa a ocupar um espaço nas políticas públicas do governo federal, no Brasil, por meio da indicação de um conselho interministerial para assuntos juvenis, vinculado à Presidência da República. Em 1995, ocorreu o I Encontro Nacional de Técnicos em Juventude, promovido pela Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social (Mudes), adotando a faixa etária de 15 a 24 anos como definida para o segmento jovem e a proposta de construção de uma política nacional para a juventude, que foi concretizada somente dez anos mais tarde. O período de 1997 a 2002 foi marcado por debates e construção de ações específicas para as juventudes no país, com atuações fragmentadas e sem a interlocução com os próprios jovens (2). O aprofundamento das discussões levou à percepção das várias “juventudes” e o foco foi direcionado para o jovem de baixa escolaridade e baixa renda, que vivencia um ciclo perverso de pobreza, violência e exclusão.

A educação é considerada o “principal mecanismo de mobilidade social e como única porta de esperança para inserção no mercado de trabalho” (3). Entretanto, o tema “trabalho” para esse segmento específico, em determinados momentos, apareceu, apenas, como um apêndice ao campo da educação. Ainda assim, é necessário constatar que no Brasil, desde 2005, vários empenhos tem sido empreendidos no propósito de elaborar critérios e encontrar direções que permitiram a formação de uma Política Nacional de Juventude (PNJ) (4).

Segundo as pesquisas de emprego e desemprego disponíveis (PNAD/IBGE e IBGE pesquisas) (5), a taxa de desemprego entre os jovens é superior à encontrada na população economicamente ativa. O desemprego pode ser caracterizado como um processo de

desfiliação social¹(6), recheado de situações de rompimento de laços, vínculos, trabalho, grupos e comunidade, em variados níveis de intensidade, que resultam na perda de referências de pertencimento social(7). Inversamente, o emprego formal baseado na seguridade social (trabalho decente)², segundo a Organização Internacional do Trabalho(8), teria o efeito de reforçar laços, formar novos vínculos e estimular novas formas de sociabilidade, particularmente no que se refere à família e ao projeto de vida.

Diante do cenário apresentado, surge a indagação: que mudanças os jovens brasileiros de baixa renda percebem em si mesmos e em sua relação com o mundo do trabalho a partir de sua primeira experiência de emprego formal?

A presente pesquisa insere-se na perspectiva de propor um modelo cognitivo/explicativo que represente as mudanças que podem ser incorporadas à vida de jovens de baixa renda a partir da primeira experiência de emprego, reconhecida socialmente como um trabalho formalizado e vinculado a uma profissão.

Se considerarmos que a primeira experiência específica de emprego para a juventude pode contribuir para promover uma mudança de perfil – de escolarização, capacitação, inserção social e mudança na percepção de si mesmo e no mundo do trabalho –, tais mudanças devem ser aferidas. Diante do exposto, este estudo pretende abranger as percepções da juventude brasileira de baixa renda a partir de uma primeira experiência laboral formal, imersos em um cenário social de desigualdades, desempregos e vulnerabilidades.

¹ Desfiliação social – Segundo Castel (4), a desfiliação social está relacionada à degradação de um posicionamento anterior, ou seja, a “desfiliação” de alguma condição existencial mais segura, relacionada à desfiliação do mercado de trabalho reconhecido como formal (p. 24).

² O conceito de trabalho decente foi formalizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1999, com o objetivo de garantir que todas as pessoas obtenham um "trabalho produtivo, de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas".

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Propor um modelo cognitivo/explicativo que represente as mudanças que podem ser incorporadas à vida de jovens de baixa renda a partir da primeira experiência laboral.

2.2 Específicos

1. Levantar a percepção de jovens de baixa renda sobre mudanças nas esferas pessoal e social, desde o início do programa;
2. Identificar possíveis aprendizagens atribuídas pelos jovens de baixa renda à experiência laboral.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 De qual juventude estamos falando?

A fase adulta deve ser considerada não somente por meio dos contextos legais, sociológicos e psicológicos, mas também como um período intermediário entre a adolescência e a meia-idade. Via de regra, essa etapa é vivenciada no período dos 18 aos 39 anos por meio de experiências multideterminadas, sofrendo influência de diversos fatores como gênero, raça/etnia, nível socioeconômico, coorte, cultura, personalidade, situação conjugal, parental e ocupacional, além de outros fatores como estilo e trajetória de vida. Considerando os paradigmas existentes sobre essa temática, aliados ao que preconiza a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), podemos considerar a juventude como a fase inicial da vida adulta, estabelecida no intervalo de 15 a 24 anos. No Brasil, a atual Política Nacional da Juventude (PNJ) considera jovem qualquer cidadão de 15 a 29 anos (9).

O conceito de juventude é heterogêneo, polissêmico e interdisciplinar, pois ele é fruto de um movimento de expansão estabelecido no processo de construção social, histórica e cultural. Sendo assim, o surgimento da identidade juvenil não está enredado apenas em determinada idade biológica, mas em um processo de transformação contínua entre indivíduos, coletivos e contextos, inseridos em experiências diversificadas. Com base em diferentes teorias e métodos de hipóteses biológicas, sociais ou psicológicas, desvela-se, portanto, uma pluralidade de juventude(s) (10).

Os jovens tendem a ver o mundo sob a perspectiva do seu contexto, porque esse lugar contempla as suas primeiras experiências sociais. A relação entre o local/micro e o global/macro representa a dialética entre fenômenos de diferentes escalas espaciais. Cada jovem apresenta diferentes formas de ver, sentir e viver no mundo, porque elas simbolizam, também, um momento de reflexões, opiniões, questionamentos e descobertas (11). Camus considerava que a juventude é, sobretudo, uma soma de possibilidades, pois entre jovens contemporâneos existem diferenças culturais e desigualdades sociais, elencadas em regiões sociogeográficas, níveis de renda e disparidades econômicas.

De acordo com o Decreto Federal nº 8.537, de 5 de outubro de 2015, art. 2º que regulamenta a Lei federal 12.852, de 5 de agosto de 2013, considera-se jovem de baixa renda – pessoa com idade de 15 a 29 anos, pertencente a uma família com renda mensal de até dois salários mínimos (12). Aditando, Novaes situa esse jovem a partir do local de sua residência;

da remuneração e precariedade do mercado de trabalho para esse seguimento, assim como da falta de expectativa e/ou garantia de inserção profissional. De outro modo, os jovens de baixa renda estão inseridos em uma conjuntura de contrastes existentes entre a rede pública e a privada de ensino, bem como as temáticas plurais, relacionadas às noções de cidadania, desigualdade e participação política, refletindo, portanto, em possibilidades diferenciadas para ingresso na universidade ou no mercado de trabalho (13). Em resumo, pode-se inferir que as desigualdades, retroalimentadas por preconceitos e discriminações, produzem distintos graus de vulnerabilidade juvenil.

As juventudes de baixa renda representam um grupo social complexo e distinto, que busca por melhores condições de vida frente às dificuldades encontradas pelas desigualdades sociais (11). Os jovens vivenciam discriminações do setor produtivo por conta da pouca experiência, baixa produtividade e alta rotatividade. Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – (PNAD) trimestral do IBGE (2019), dos mais de 13 milhões de desempregados no país em 2019, 32% têm idade de 18 a 24 anos, o que corresponde a um contingente de 4,1 milhões de jovens nessa faixa etária em busca de emprego. Colaborando com essa informação, a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2019) afirma que a taxa de desemprego entre os jovens é a maior em 27 anos, pois cerca de 30% das pessoas de 15 a 24 anos buscam formas de ocupação. De acordo com as pesquisas de emprego e desemprego disponíveis no PNAD/IBGE (2019), a taxa brasileira de desemprego entre os jovens é maior do que o dobro da média mundial de 13,1% e superior à encontrada na população economicamente ativa. Além disso, as mulheres ainda são aquelas que mais aparecem como inativas (14).

Contribuindo com os altos índices de inocupação na juventude, os ajustes produtivos mudaram as relações no mundo do trabalho e geraram o desemprego estrutural, reduzindo a possibilidade de entrada no mercado formal. A banalização da pobreza potencializou o acesso a serviços de baixa renda e conseqüentemente ampliou a restrição a deveres e direitos. Os privilégios passam a ser direcionados às classes mais abastadas, beneficiadas por intervenções estatais e pelo poder de compra (15).

O sociólogo José Machado Pais apresenta um valioso estudo em seu livro “Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro”. A “luta pela vida” desperta redefinições para o início laboral de jovens que, muitas vezes, buscam trabalhos domésticos, eventuais, temporários, parciais, ilegais ou “pluri-empregos”. “Ganhar pra comer” eventualmente significa buscar atividades profissionais inventadas de teor precário ou secundário. De outra ordem, esses sujeitos não aparecem nas estatísticas dos desempregados por estarem

exercendo trabalhos informais com a vida marcada por inconstâncias, flutuações, descontinuidades e reversibilidade. Nesse sentido, a trajetória profissional de jovens de baixa renda é fundamentada pela pluraridade e pelas identidades distintas em um padrão marcado pela vivência de precariedade de emprego (16).

Destaca-se que, ao lado do tema desemprego, a violência comparece com bastante expressividade, quando se trata de identificar as vulnerabilidades na situação social da juventude brasileira. A brutalidade urbana não deixa ninguém fora de seu circo de horrores. Os jovens são vítimas fadadas, porque estão na idade de maior inquietude e demanda por novos experimentos. Quando não encontram na escola ou na família respostas às suas insatisfações, eles vão procurá-las nas ruas, um espaço desordenado com possibilidades norteadas pela aventura e pelo perigo (17).

Nos últimos anos, taxas elevadas de vitimação fatal têm sido registradas entre os jovens, principalmente em decorrência de *causas externas*³. O óbito por causa violenta vem aumentando seu peso na estrutura geral da mortalidade, no Brasil, desde os anos 1980, afetando principalmente jovens do sexo masculino, pobres e negros com poucos anos de escolaridade, que vivem nas áreas mais carentes das grandes cidades do país (18).

Na relação violência e juventude, os mais pobres têm sido alvo de ações repressivas e de grande visibilidade midiática, pois tais contextos, de maneira geral, são naturalizados. Estabelecer e identificar locais de pertencimento são ações de elevada importância para o sujeito, especialmente na juventude (15).

Diante das ponderações acima e do aumento da distância entre o tempo que a juventude de baixa renda brasileira leva para a entrada no mercado de trabalho formal, para efeito deste estudo, considera-se o limite etário desses jovens até 34 anos. Dessa forma, percebeu-se que a transição juvenil tradicional não poderia ser aplicada ao público da pesquisa, pois está restrita aos jovens de classe média urbana brasileira (19)

3.2 O trabalho: significados e sentidos

Segundo Karl Marx (20), a dimensão **filosófica** da categoria “trabalho” pode ser expressa de forma universal como também por suas nuances particulares. O modo de produção social do capital é uma forma singular de aprendizagem e, as relações sociais, relacionadas ao entendimento da totalidade do modo de produção e reprodução da vida humana. Em sua

³ De acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas relacionados à saúde (CID 10ª Revisão), os acidentes e as violências são denominados causas externas.

universalidade, portanto, expressa a inter-relação entre ser humano e natureza. Ao trabalhar, o sujeito altera a natureza e a si mesmo, modificando as próprias necessidades e o modo de satisfazê-las, ao longo do tempo (21). Hegel e Marx (20) defendem a centralidade do trabalho como um elemento organizador da subjetividade do indivíduo, transformando-o em um “sujeito do trabalho” (22).

De acordo com Antunes (23), considerando o significado do trabalho no contexto das **ciências sociais**, seus nexos são estabelecidos a partir das relações de produção: da classe do trabalho à *classe-que-vive-do-trabalho*⁴. Dessa forma, aponta para um paradoxo na constituição do capital por meio de um processo de subjetivação que qualifica e hierarquiza as diferenças e as subjetividades. Esse processo de subjetivação é, portanto, diferente da subjetivação em si, porque é nesse processo que a verticalização das subjetividades se manifesta e dificulta os mecanismos de coletividade. Em decorrência da verticalização da subjetividade, a *classe-que-vive-do trabalho* procura “forjar” uma subjetividade ao encontro das suas relações de trabalho como no caso da qualificação profissional e da extensão dessas relações ao seu dia a dia. Sobre a particularidade do trabalho assalariado, os indivíduos imputam significado a algo em que dispendem energia de forma sistemática, visando atingir determinado objetivo. Portanto, tradicionalmente a categoria “trabalho” vem sendo enriquecida pelas especificidades do seu contexto, elencada pelos elementos necessários à concepção da vida (24). Conforme veremos, essa dimensão histórica se expressará nos sentidos do trabalho assumidos em cada etapa da vida social.

Considerando os aspectos **psicológicos** do significado do trabalho, Dejours (25) traz à luz do conhecimento os dispositivos importantes ocorridos no século XIX. A constituição do trabalho taylorista-fordista de produção torna o trabalhador parte do mecanismo da produção. A luta pela saúde revela-se com a luta pela sobrevivência: viver, para o operário, é não morrer. Dessa forma, o corpo constitui-se a primeira vítima do sistema rígido de produção e, em segundo lugar, o psiquismo. O sofrimento estrutura-se como uma vivência subjetiva mediadora entre a doença mental e o conforto psíquico, deixando de ser representado como algo negativo. De outro modo, a criatividade é utilizada como um recurso que o trabalhador encontra para criar formas defensivas de lidar com as opressões da organização do trabalho. A utilização de

⁴ Para Antunes, a classe-que-vive-do-trabalho diz respeito à totalidade de homens e mulheres, produtivos e improdutivos, desprovidos de meios de produção e que são constrangidos a vender sua força de trabalho no campo e na cidade em troca de salário porque é nesse processo que a verticalização das subjetividades se manifesta e dificulta os mecanismos de coletividade. Em decorrência da verticalização da subjetividade, a *classe-que-vive-do-trabalho* procura “forjar” uma subjetividade ao encontro das suas relações de trabalho como no caso da qualificação profissional e da extensão dessas relações ao seu dia a dia (18).

estratégias propicia a manutenção do aparelho psíquico, na sua maioria, de ordem coletiva.

Prazer e sofrimento originam-se internamente por meio do contexto e pela organização do trabalho e estão imbricados pelas atitudes e comportamentos estabelecidos pela instituição, abrangendo as relações subjetivas e de poder. Situações de medo e tédio são responsáveis pelo surgimento de sintomas como a ansiedade e a insatisfação no mundo do trabalho. Como resultado, a qualidade de vida do trabalhador, especialmente dos que vivem no terceiro mundo, vem-se degradando cotidianamente. Arremata, considerando um duplo movimento de transformação da organização laboral e de dissolução dos esquemas defensivos, o que pode resultar em um progresso da relação saúde mental e trabalho (25).

Conclui-se, portanto, que os significados do trabalho são repercussão das construções desenvolvidas coletivamente em um contexto histórico, seja individual (a identificação de seu trabalho no resultado da tarefa), para o grupo (o sentimento de pertencimento a uma classe unida pela execução de um mesmo trabalho) ou social (o sentimento de execução de um trabalho que contribua para a sociedade). Em contrapartida, os sentidos do trabalho estão relacionados à apreensão pessoal do que foi concebido coletivamente nas experiências cotidianas (24).

Embora não haja consenso na literatura acerca da definição do conceito “sentido do trabalho”, dois autores basilares, Estelle Morin e Ricardo Antunes divergem ao afirmarem: a primeira, que o sentido do trabalho está imbricado na sua intensificação e produtividade, o segundo defende o sentido para além do capital. De outro modo, um afirma o *status quo* e o outro o nega. A partir dessas considerações, faz-se necessário um debate que resgate a categoria “trabalho”, não somente em sua universalidade, mas considerando as peculiaridades do contexto social em que ele está inserido, reconhecendo, portanto, que se trata de um entrecho amplo, em decorrência de viverem realidades distintas; Morin traz vivências da administração, considerando as particularidades do trabalho assalariado, sob a ótica do empresariado e Antunes discute o mundo do trabalho no campo da sociologia, resgatando a categoria “trabalho” sob a perspectiva do trabalhador (24).

Na contemporaneidade, o trabalho está transversalizado por dicotomias e paradoxos. O desaparecimento de empregos permanentes, o surgimento de novas tecnologias e a organização laboral, convivem, lado a lado, com o desemprego e o labor excessivo. Tentar compreender o sentido do trabalho torna-se, portanto, uma tarefa complexa e dinâmica para os gestores, diante de múltiplas mudanças que afetam as instituições e os “mundos do trabalho”. A organização do trabalho deve proporcionar aos trabalhadores a possibilidade de realizar algo significativo, praticar e desenvolver suas habilidades, exercer seus julgamentos e livres-

arbítrios, compreender o desenvolvimento de seus desempenhos e fazer ajustes.

Para Antunes (23), não é plausível o entendimento do sentido do trabalho subordinado à lógica do capital. Seu sentido está relacionado àquele trabalho que seja uma autoatividade que tem um fim em si mesmo, distante das condições de desumanização do trabalho assalariado. Sob a égide societal capitalista, a força de trabalho nega o pensamento humanista, pois abarca um *modus operandi* unilateral, objetivando interesses do reconhecimento do valor. Contrapondo Morin, Antunes considera o trabalho assalariado, no capitalismo, uma manifestação histórica, não como um fim em si mesmo, mas um meio, cujo objetivo é o recebimento de um salário que o manterá vivo. Em outras palavras, o sentido do trabalho está intimamente ligado à superação da forma de trabalho assalariada, pois o autor relaciona os sentidos do trabalho com os sentidos da própria vida, pois só haverá um trabalho com sentido se a vida fora do trabalho também for dotada de sentido.

Ainda segundo Marx, a definição de “sujeito do trabalho” é considerada a base da nossa identidade, cujo sentido da existência em grande parte está imbricado nesse conceito. Portanto, o sentido da vida humana provém do trabalho e o ser humano se transformou em um *animal laborans*⁵. O trabalho torna-se central, não somente pelo valor identitário, existencial e da autorrealização do indivíduo como também objetivamente, a partir do entendimento de que o sujeito torna-se responsável pela produção e reprodução da sociedade (22).

Conclui-se que os sentidos do trabalho são fenômenos complexos e multidisciplinares (26), ainda que o estabelecimento de sentidos à vida imediata seja uma necessidade humana (24). Para o jovem de baixa renda, o sentido do trabalho percorre as duas direções trazidas por Morin e Antunes. Uma delas, numa direção objetiva e racional, expressa na forma de ganhar algum dinheiro, vinculada à luta pela sobrevivência e a outra atribuída a sentidos no campo subjetivo, evidenciando sentimentos divergentes de impotência e/ou resistência e de enfrentamento. Nesse contexto, observa-se, também, a dimensão do tempo no presente, não há passado, memória ou pertencimento, logo, o futuro não está em pauta (27). Abramo (28) considera a tematização da juventude como um desafio. Um desafio que deve romper com a lógica de considerá-la um problema social. Enfrentar essa lógica requer um enfrentamento para abertura de espaços políticos de negociação de suas necessidades.

3.3 Políticas públicas e a inclusão laboral dos jovens

⁵ Na teoria marxista, o *homo faber* é encontrado na faceta positiva do trabalho enquanto o *animal laborans* se manifesta no seu caráter negativo. Essa duplicidade entre o caráter ontológico do trabalho e sua faceta econômica foi, inclusive, uma das principais críticas de Marx ao modo de organização do trabalho na produção capitalista.

A discussão sobre a juventude e as vulnerabilidades sociais tem-se ampliado gradativamente no âmbito das políticas públicas. Em que pese tal temática ainda demandar de diagnósticos precisos, assim como os estudos e as avaliações sobre as políticas já em curso, o tematem-se desvelado sucessivamente. De um lado, impulsionado pela crescente preocupação com aspectos associados à violência e aos comportamentos de risco – tradicionalmente associada essa faixa etária, de outro, pela necessidade da redução das desigualdades sociais, ampliação de oportunidades e qualificação para uma geração confrontada a um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e instável (29).

Destarte, questões relativas à emergência da(s) juventudes(s) como um problema social e objeto de políticas públicas governamentais estão presentes em estudos voltados a essa temática, sobretudo aqueles com ligações nas camadas populares com baixa escolaridade e escassa qualificação profissional. Entre eles, destacam-se aqueles que consideram as especificidades territoriais, a distância entre a proposição e a prática, a relação entre a escolarização e o êxito ou fracasso do programa, além da prática do autor no âmbito dos programas (30).

Diante dessa diversidade de situações, muitas das quais evidências de profundas desigualdades entre os jovens brasileiros, está claro que são diferentes as demandas e necessidades dos diversos grupos. Essas diferenças devem ser consideradas na elaboração das políticas públicas de modo que os objetivos de promover e garantir o bem-estar e a integração social dos jovens sejam alcançados com efetividade e equidade (4)

A inclusão dos jovens no mundo do trabalho é uma questão que tem ocupado especialistas, organismos internacionais e governos, preocupados em formular programas que exigem recursos. Esses projetos estão distribuídos por políticas públicas em diversas áreas, especialmente na educação e no trabalho. A precarização e a flexibilização das relações de trabalho no contexto latino-americano refletem-se na população brasileira, tornando o mercado de trabalho instável e desprotegido. Envoltos nessa conjuntura, dois formatos são considerados para a inserção laboral desses sujeitos: a apresentação de políticas com ênfase na preparação e/ou qualificação profissional e aquelas dirigidas ao incentivo à contratação ocupacional. (31) “O assalariamento formal foi e continua sendo momento efêmero nas trajetórias de vida da imensa maioria dos brasileiros” (32).

As políticas públicas destinadas à melhoria das condições de inclusão dos jovens no mundo do trabalho operam num contexto de heterogeneidade e desigualdade. Deve-se diferenciar os três grupos de políticas: educação; assistência social e as políticas de trabalho e

emprego, foco deste estudo. Nesse caso, os jovens estão presentes como beneficiários de ações gerais. Com o objetivo de incentivar a geração de empregos para a juventude, diversos países foram implementando programas chamados “primeiro emprego”, usando como ferramenta a outorga de incentivos aos empregadores, subsídios públicos e a diminuição dos custos de contratação (33).

Pode-se destacar que a década de 1980 foi marcada pelo começo da recessão e do aumento da pobreza no Brasil e na América Latina. Nesse contexto, foram introduzidas políticas compensatórias para as camadas inferiores por meio de empregos temporários e programas alimentares. Nesse cenário, no fim do século XX, a juventude não localizava seu espaço, não somente no âmbito das políticas de proteção social, mas também entre as que almejavam a transferência de renda. (4)

A partir do início dos anos 2000, o debate sobre as demandas que abrangem juventude, trabalho e políticas públicas está envolto em duas condições. A primeira, relativa às mudanças no mundo do trabalho e o conseqüente aumento no desemprego juvenil nos anos 1990-2000. A segunda, mediante a inserção precoce no trabalho, reconhecida como parte da experiência juvenil (31). Enfim, é por meio dessa junção de elementos que se constitui a questão juvenil do século XXI (4).

Os desafios e as diferentes formas de inserção laboral operam um quadro marcado pela fragilidade do trabalho assalariado, produzindo marcas nas trajetórias de vida (34). No Brasil, o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego foi criado pelo Governo Lula, em 2003, reformulado pouco depois e extinto no fim da década. Os empregos subsidiados ou a contratação subsidiada com recursos públicos não obtiveram os resultados esperados (31). Essas ideias ganharam maior densidade no país a partir de 2004, quando se iniciou, em nível federal, um amplo diálogo sobre a necessidade de se instaurar uma política nacional voltada para esse público (4). O desafio era o de pensar políticas que, por um lado, visassem à garantia de cobertura em relação às diversas situações de vulnerabilidade e ao risco social apresentado para os jovens e, por outro, que buscassem oferecer múltiplas oportunidades de experimentação e inserção social que favorecessem a integração dos jovens nas várias esferas sociais (35). Esse processo de diálogo concedeu projeção nacional à temática da juventude(4).

Nessa conjuntura, ressalta-se a estruturação das políticas públicas e dos programas dirigidos à juventude, considerando não somente as demandas do mundo do trabalho, a etnia e o gênero como também a inclusão desses sujeitos na perspectiva de um corpo social democrático e integrativo. Destaca-se a implantação, em 2005, pelo governo federal, do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) pela Lei nº 11.129 que instituiu a Secretaria

Nacional de Juventude (SNJ) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), especificamente para jovens de 18 a 24 anos que estavam fora da escola e do mercado de trabalho. Nesse contexto, emerge a Política Nacional de Juventude (4).

Em 2007, a partir da avaliação dos resultados obtidos nas diversas frentes de atuação, propôs-se a reformulação da política nacional com o objetivo de ampliar a integração entre as ações de cunho emergencial e delas com as ações vinculadas às áreas de educação, saúde, esporte e cultura, bem como de aumentar sua escala de cobertura para todo o universo de jovens brasileiros socialmente excluídos – agora incluindo os jovens de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental, não trabalham e vivem em domicílios com renda per capita de até meio SM. A reformulação, no entanto, não implicou a extinção ou readequação das ações anteriores; elas foram abrigadas sob a rubrica de um único programa – o ProJovem Integrado – com gestão compartilhada entre a SNJ e os ministérios diretamente envolvidos(4).

Na segunda gestão do Governo Lula, de 2008 a 2011, por meio da estruturação do Plano Plurianual (PPA) “Desenvolvimento com Inclusão Social e Educação de Qualidade”, aumentou-se o número de ações e os jovens ganharam maior visibilidade. Houve uma maior atenção às questões relativas a esse público, com redefinição e maior clareza dos programas apresentados, assim como a ampliação da faixa etária para 29 anos. O tema “trabalho” para esse segmento específico apareceu como um apêndice ao campo da educação. Entretanto, os indicadores sinalizavam elevadas taxas de fracasso escolar, falta de acesso à escola, altos níveis de desemprego e trabalho precário, associados às condições de vida, à família, à moradia e ao local em que residem. Dessa forma, os jovens permaneciam necessitando de auxílio para o desenvolvimento de sua autonomia e emancipação na transição escola/trabalho (36,37). De outra forma, o ano de 2013 foi circunscrito pela promulgação do Estatuto da Juventude (Lei federal n.º 12.852) que estabelece e alinha sobre os direitos dos jovens os princípios e as diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve) (4).

A partir de referências do Programa 1º Emprego (federal, lançado em 2003) que articulava formação, trabalho e renda foi instituído pelo governo estadual o Programa Estadual de Incentivo à Concessão de Estágio e Primeira Experiência Profissional (Programa 1º EMPREGO – PPE), gerado pela Lei estadual nº 13.459 de 10 de dezembro de 2015 e lançado em novembro de 2016⁶. Esse projeto é destinado a estudantes e egressos da Rede Estadual de Educação Profissional e a jovens e adolescentes qualificados por programas governamentais

⁶ A Lei estadual nº 13.459, de 10 de dezembro de 2015 foi atualizada pela Lei estadual nº 14.395, de 16 de dezembro de 2021.

executados pelo estado da Bahia. O PPE é reconhecido pela inserção dos beneficiários/trabalhadores educandos (TE) no mundo do trabalho, por meio de contrato de ocupação formal em órgãos públicos. A iniciativa busca promover também melhorias no serviço público, retroalimentar o currículo educacional por meio de práticas necessárias à formação profissional, fomentar o protagonismo juvenil e a maior participação de mulheres, pessoas negras e pessoas com deficiência nas instituições. Os servidores públicos assumem o papel de orientadores dos beneficiários e “pontos focais” do programa. A inovação do PPE em relação ao programa federal é a sua vinculação direta e precípua como espaço público, transformando-o em uma gigantesca e singular escola (38,39).

As organizações são inerentes à vida humana sob diversos contextos. Elas podem ser definidas como o modo com que os indivíduos e os grupos estruturam-se com o objetivo de atender as próprias necessidades (40). Dessa forma, o desemprego pode ser caracterizado como um processo de desfiliação social, recheado de situações de rompimento de laços, vínculos, trabalho, grupos e comunidade, em variados níveis de intensidade, resultando na perda de referências de pertencimento social (7). O tema “trabalho” para a juventude, entretanto, em alguns momentos, apareceu como um apêndice ao campo da educação que, por conseguinte, é considerado o “principal mecanismo de mobilidade social e como única porta de esperança para inserção no mercado de trabalho” (3). Todavia, é por meio do trabalho que historicamente é criada uma linha identitária do “ser cidadão”, definindo o “lugar” de cada indivíduo na comunidade (15).

4 MATERIAL E MÉTODOS

Como ponto de partida para este estudo, foram utilizados dados secundários de uma pesquisa previamente realizada sob a responsabilidade da Coordenação de Acompanhamento de Políticas Sociais da Casa Civil do Estado da Bahia (COAPS/Casa Civil). Trata-se de uma pesquisa descritiva, de corte transversal, denominada “Repercussões do Programa Primeiro Emprego no Trabalho e na Vida de seus Beneficiários”, que teve o objetivo de levantar um perfil geral sobre os beneficiários do PPE, assim como identificar as percepções gerais sobre as mudanças proporcionadas pelo programa.

Para isso, buscou-se caracterizar a realidade econômica e sociocultural dos beneficiários antes da entrada no PPE e identificar as transformações nessa realidade durante e depois da vivência no programa: analisar os efeitos dessas transformações na renda, no acesso a bens e serviços, nas oportunidades educacionais, na estrutura familiar, no autoconhecimento, na percepção de si no mundo do trabalho, na trajetória laboral e no projeto de vida.

Com duração total de 22 meses, a pesquisa contemplou um número significativo de beneficiários do programa, que foram distribuídos pelos diferentes municípios e órgãos partícipes. A participação foi voluntária e esteve de acordo com todas as premissas éticas relacionadas à pesquisa com seres humanos. A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira (quantitativa) constou da aplicação de um questionário estruturado (*survey*) que contou com a participação de 986 trabalhadores do PPE. Alguns participantes que responderam previamente à fase quantitativa foram escolhidos para a segunda etapa de modo a tentar contemplar os diferentes perfis de beneficiários do programa tanto em termos de perfil pessoal (sexo, raça, idade etc.) quanto em termos de dispersão geográfica. Também foi considerada a diversidade dos órgãos públicos. Na segunda (qualitativa) foram realizados sete grupos focais on-line com a presença de 25 beneficiários, visando o aprofundamento de questões gerais que emergiram na fase quantitativa, trazendo à tona aspectos mais reflexivos apontados pelos jovens do PPE. Algumas questões disparadoras foram utilizadas, e os participantes refletiram sobre os impactos do PPE em suas vidas profissionais e pessoais.

Os grupos focais on-line foram conduzidos pelas pesquisadoras. As sessões foram gravadas e posteriormente transcritas. Para garantir a preservação da identidade dos participantes, foram atribuídos nomes fictícios a cada um deles. Os dados qualitativos foram conduzidos pela análise de conteúdo conforme a proposta de Bardin (41). Para a utilização dos dados, foi solicitada anuência pelo governo do estado da Bahia (Anexo 1) e o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte dos sujeitos da pesquisa (Apêndice 1).

4.1 Desenho do estudo

Trata-se de um estudo descritivo, de corte transversal, retrospectivo e de abordagem qualitativa.

A escolha de uma perspectiva qualitativa ratifica o pensamento de Gaskell (42), que traz em seu cerne a análise de opiniões, dos sentidos e das prováveis representações dos sujeitos e grupos sobre um assunto específico. São informações relevantes sobre relações, subjetividades, experiências e um aprofundamento na complexidade dos eventos sociais.

4.2 Locus da pesquisa

O Programa Estadual de Incentivo à Concessão de Estágio e Primeira Experiência Profissional (Programa 1º EMPREGO – PPE/BA) foi gerado pela Lei estadual nº 13.459 de 10 de dezembro de 2015 e lançado em novembro de 2016. Voltado para os estudantes e egressos da Rede Estadual de Educação Profissional e para jovens e adolescentes qualificados por programas governamentais executados pelo Estado da Bahia a partir do ano de 2015, que não possuam experiência formal de trabalho na habilitação cursada em período acima de 12 meses, exceto na condição de jovem aprendiz e estagiário. Todas as funções desempenhadas pelos beneficiários são assistidas de perto por servidores públicos tutores, denominados “Pontos Focais”, que os acompanham, orientam e avaliam. Atuam nas áreas de desenvolvimento humano, saúde, educação, sustentabilidade e tecnologia, sem substituir qualquer outro tipo de mão de obra nos órgãos públicos estaduais.

O PPE é reconhecido pela inserção dos beneficiários/trabalhadores educandos (TE) no mundo do trabalho, por meio de contrato de ocupação formal, durante o período de dois anos. A iniciativa busca também promover melhorias no serviço público, retroalimentar o currículo educacional por meio de práticas necessárias à formação profissional, fomentar o protagonismo juvenil e a maior participação de mulheres, pessoas negras e pessoas com deficiência nas instituições.

Como objetivos do PPE, podemos destacar a inserção de jovens oriundos da rede pública de ensino no mundo do trabalho por meio de contrato de estágio, aprendizagem ou ocupação formal; contribuição para a melhoria da gestão pública; ampliação da qualificação profissional dos egressos; estímulo à retroalimentação dos cursos da educação profissional;

fortalecimento da articulação entre educação, trabalho e desenvolvimento.

4.3 Participantes

Visando uma maior compreensão dos elementos, a partir de dados secundários da pesquisa, repercussões do primeiro emprego no trabalho e na vida de seus beneficiários, 50 jovens foram convidados a participar dos grupos focais.

- Critérios de inclusão: possuir celular, notebook, tablet ou outro dispositivo com câmera e microfone; possuir familiaridade com plataformas de reuniões on-line; internet estável e acesso a ambiente reservado para participação no grupo focal.
- Critério de exclusão: estar afastado do trabalho por algum motivo (atestado, férias, licença-maternidade etc.).

Segundo Patton (43), de uma forma geral, a abordagem qualitativa estrutura-se por meio de um aprofundamento das amostras reduzidas, considerando a saturação teórica, a partir do momento em que não são mais encontrados dados adicionais para o trabalho do pesquisador (44).

4.4 Técnica de pesquisa

Os grupos focais ou grupos de discussão referem-se a um procedimento de investigação de base qualitativa, estruturados a partir de roteiros semiestruturados. Para Caplan (45), os grupos focais são “pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas”. A discussão ocorre em torno de duas horas, sendo conduzida por um moderador que utiliza dinâmicas de grupo, a fim de compreender as emoções expressas pelos participantes. O objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. De acordo com Johnson (46), os usuários dessa técnica partem do pressuposto de que a energia gerada pelo grupo resulta em maior diversidade e profundidade de respostas.

Os critérios e os cuidados dos grupos focais on-line assemelham-se aos grupos focais, adicionados às preocupações com o ambiente virtual, assim como a essencialidade do processo de planejamento do pesquisador qualitativo, que deve guiar sua pesquisa a partir de referenciais adequados e coerentes, sendo imperativo o conhecimento detalhado sobre o procedimento de coleta de dados escolhido para a pesquisa (47).

Essa prática configura-se como uma estratégia funcional de coleta de dados on-line nas

pesquisas qualitativas da área de saúde (48,49). A ampla cobertura geográfica possibilita a interação de sujeitos de diferentes locais, o arquivo seguro dos dados com um baixo custo quando comparado a técnicas presenciais e à possibilidade de investigar temas sensíveis que envolvem questões privadas dos sujeitos, por vezes difíceis de serem avaliadas presencialmente, são elementos favoráveis à utilização dessa técnica (50,51).

Algumas questões disparadoras foram utilizadas e os participantes foram convidados a refletir e, de forma interativa, pensar sobre os impactos da primeira inserção profissional em suas vidas profissionais e pessoais. Para tal, foi construído um roteiro semiestruturado (Apêndice 2).

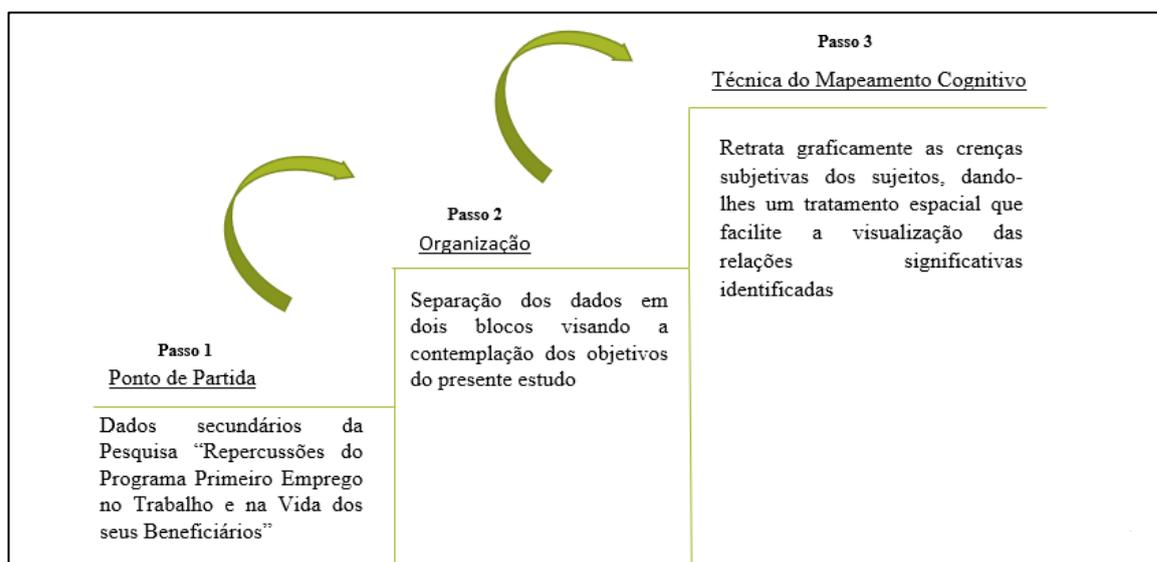
4.5 Procedimentos de análise de dados

Como ponto de partida, utilizou-se o resultado da análise de conteúdo temática da pesquisa Repercussões do Programa Primeiro Emprego no Trabalho e na Vida dos seus Beneficiários com categorias estabelecidas *a priori*, a partir dos eixos considerados no roteiro: 1) Mudanças na vida dos beneficiários com o ingresso no programa. 2) Aprendizagem/Desenvolvimento pessoal. 3) Desenvolvimento profissional. 4) Relacionamento Interpessoal no trabalho (Apêndice 3).

A partir desse ensaio, os dados foram organizados, visando a contemplação dos objetivos específicos do presente estudo: 1) Mudanças percebidas pelos jovens de baixa renda nas esferas pessoal e social desde a sua inserção no mundo do trabalho formal. 2) Mudanças percebidas pelos jovens de baixa renda relacionadas à aprendizagem laboral a contar de sua inserção no mundo do trabalho formal (41).

Visando uma sistematização e o estabelecimento de uma relação entre as categorias adotadas, foi utilizada a técnica do *mapeamento cognitivo*, configurada como uma ferramenta de pesquisa que visa a identificação de elementos que integram modelos mentais construídos pelos indivíduos e partilhados em menor ou maior grau por outros sujeitos. Essas técnicas possibilitam retratar graficamente as crenças subjetivas acessadas ou os núcleos de sentido, dando-lhes um tratamento espacial que facilite a visualização das relações significativas identificadas (52).

Figura 1 – Etapas dos procedimentos de análise de dados



Fonte: elaborado pela autora com basos dados da pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, com base na pesquisa “Repercussões do Programa Primeiro Emprego (PPE) no Trabalho e na Vida dos seus Beneficiários”, as falas que compuseram os grupos focais on-line foram analisadas e inseridas em seus eixos temáticos, levando-se em conta os objetivos específicos do presente estudo. Na pesquisa PPE, para cada grupo focal on-line, foram convidadas 10 a 12 pessoas, que se distribuíram em sete grupos. No total, 50 pessoas foram convocadas, sendo que 25 delas compareceram e participaram dos grupos. A duração de cada grupo focal on-line variou de 1h a 2h15min.

Quadro 1 - Caracterização dos participantes do grupo focal

	Participante	Idade	Gênero	Raça/cor	Est. civil	Filhos	Cidade	Profissão
GRUPO 1 4 participantes	1	34	F	Parda	Casada	2	Paulo Afonso	Tec Rec Hum
	2	20	M	Parda	Solteiro		Salvador	Tec em Informática
	3	22	F	Parda	Solteira		Entre Rios	Tec em manutenção e suporte em informática
	4	21	F	Preta	Solteira		Cruz das Almas	Tec em secretariado
GRUPO 2 4 participantes	5	33	F	Preta	Solteira		Itabuna	Tec em segurança do trabalho
	6	21	F	Branca	Casada		Eunápolis	Tec em administração
	7	23	F	Branca	Solteira		Eunápolis	Tec Alimentos
	8	23	M	Parda	Solteiro		Porto Seguro	Tec em contabilidade
GRUPO 3 4 participantes	9	31	F	Preta	União estável	2	Ipiaú	Tec em administração
	10	28	F	Parda	Solteira	1	Jequié	Tec em administração
	11	22	F	Preta	Solteira		Nova Ibiá	Tec em administração
	12	22	M	Parda	Solteiro		Caetité	Tec em administração
GRUPO 4 4 participantes	13	20	F	Preta	Solteira		Seabra	Tec em administração
	14	25	F	Parda	União estável	2	Itaberaba	Tec em enfermagem
	15	20	M	Preta	Solteiro		Barreiras	Tec Informática
	16	24	M	Parda	Casado	2	Remanso	Tec Agropecuária

GRUPO 5 3 participantes	17	20	F	Parda	Solteira		Serrinha	Tec em Análises Clínicas
	18	34	M	Branca	Solteira		Serrinha	Tec em Informática
	19	23	F	Parda	Solteira		Feira de Santana	Tec em Análises Clínicas
GRUPO 6 3 participantes	20	21	M	Preta	Solteiro		Salvador	Tec Informática
	21	22	M	Preta	Solteiro		Salvador	Tec Administração
	22	22	F	Parda	Solteira		Salvador	Tec em informática
GRUPO 7 3 participantes	23	21	F	Parda	Solteira		Salvador	Tec em Informática
	24	23	F	Preta	Solteira		Salvador	Tec em Informática
	25	21	F	Parda	Solteira		Salvador	Tec em manutenção e suporte em informática

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Constatou-se que a maioria dos participantes estava com internet estável, câmera ligada, em ambiente residencial, boa vinculação com as pesquisadoras/mediadoras e com o grupo de modo geral. As interações foram respeitosas e colaborativas com algumas discordâncias em decorrência de alguma especificidade pessoal ou laboral.

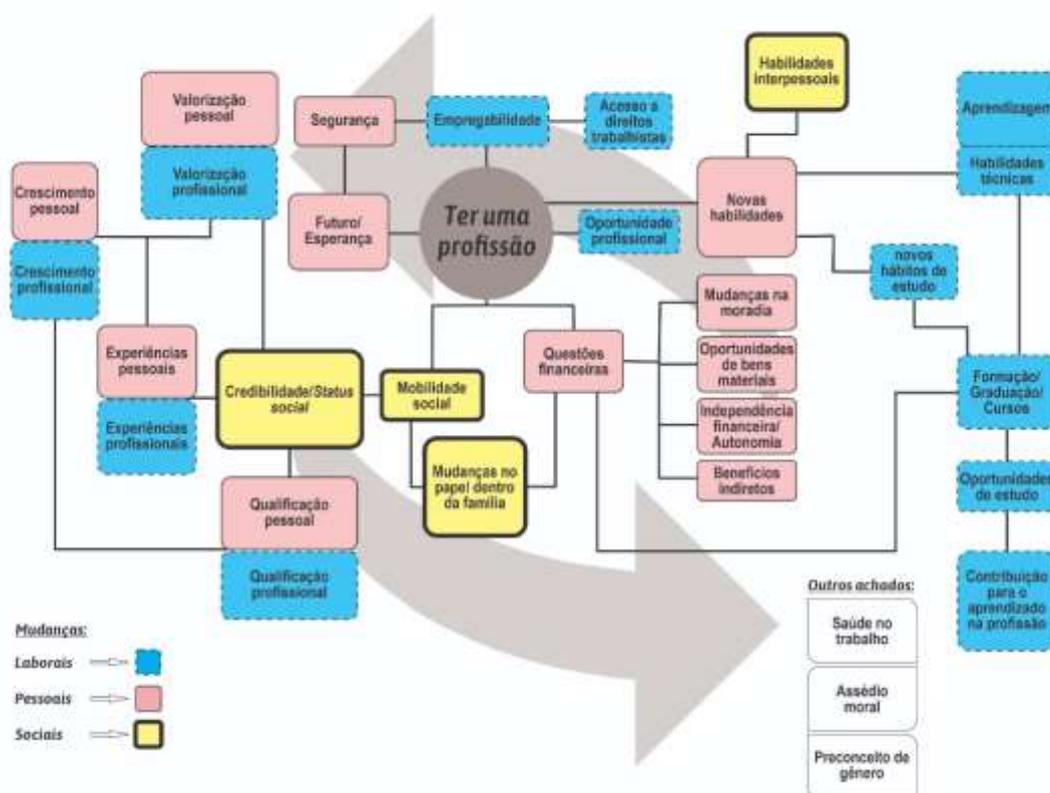
Os principais conteúdos abordados pelos participantes, nos grupos, serão expostos no próximo tópico.

É importante frisar que a percepção da mudança pode divergir da mudança em si, uma vez que a proposta foi trabalhar com a fala dos jovens, que trouxeram em seus juízos a força das expectativas e dos modelos pregressos (53). Dessa ordem, visando uma sistematização da percepção dessas mudanças, por meio da técnica do mapeamento cognitivo, foram criados núcleos de sentido, servindo como estratégia para representar processos muitas vezes não percebidos pela pessoa que proferiu um discurso sobre algo. Foram úteis, também, para investigar processos cognitivos e revelar estruturas conceituais partilhadas entre indivíduos. Como instrumentos reflexivos, o mapeamento foi desenvolvido por meio de relatos verbais dos participantes e buscou indicar conceitos e ideias muitas vezes não conscientes para o próprio sujeito da ação (54,55).

5.1 Mapeamento cognitivo

A partir da análise da fala dos jovens de baixa renda que participaram dos grupos focais, percebeu-se que uma primeira experiência de trabalho formal, socialmente reconhecida, está imbricada por um objetivo central, que é TER UMA PROFISSÃO. Optou-se, então, por contemplar essa ideia central como ponto de partida para o mapeamento cognitivo, que resultou em um conjunto de 29 núcleos de sentido, traduzindo o pensamento dos jovens em recursos visuais (Figura 2). Discorrendo, ainda, que as mudanças percebidas pelos jovens podem ser organizadas a partir da tríade indivíduo-trabalho-sociedade, aqui denominadas mudanças laborais, pessoais e sociais, esses elementos foram considerados eixos norteadores do pensamento, vinculados aos núcleos de sentido desenvolvidos.

Figura 2 – Mapeamento cognitivo dos jovens de baixa renda



Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

5.1.1 Mudanças laborais

Dentro do eixo Mudanças laborais, foram identificados 13 núcleos de sentido. 1) Oportunidade profissional; 2) Aprendizagem; 3) Habilidades técnicas; 4) Novos hábitos de estudo; 5) Formação/Graduação/Cursos; 6) Oportunidades de estudo; 7) Contribuição para o aprendizado na profissão; 8) Valorização profissional; 9) Crescimento profissional; 10) Experiências profissionais; 11) Qualificação profissional; 12) Empregabilidade; 13) Acesso a direitos trabalhistas.

Para um jovem trabalhador de baixa renda, ter uma profissão está intrinsecamente associado a uma oportunidade profissional, já que a ausência de experiência constitui um fator limitador para um mercado competitivo. A oportunidade de trabalhar por dois anos em uma empresa formal foi mencionada pelos jovens como um fator relevante, uma vez que essa primeira experiência de emprego revela-se como um espaço privilegiado de preparação para uma atuação futura no mercado de trabalho. As habilidades técnicas desenvolvidas permitiram aos participantes um incentivo para a busca por formações, graduações e cursos, percebidos como novas oportunidades de ensino, requerendo novos hábitos de estudo.

Diante disso, torna-se evidente a contribuição que a inserção profissional ofereceu para o aprendizado na profissão. A aprendizagem é considerada uma “mudança atitudinal e comportamental relativamente permanente associada à experiência prática, que envolve os planos afetivo, cognitivo e motor, garantindo flexibilidade, adaptabilidade e capacidade transformadora do ser humano.” (56,57). Sendo assim, aprender é um processo constituído por meio das vivências do indivíduo em interação com o ambiente e não um resultado proveniente da idade ou da maturação (58). Nesse sentido, a entrada dos jovens no mercado de trabalho evidenciou efeitos favoráveis na busca por aprendizado, validada pela amplitude dos relatos, durante os grupos focais.

Participante 15: (...) as pessoas verem o nosso currículo aí vê: poxa, Luís Eduardo Magalhães, Fundação. Então, as pessoas sabem, né? [...] Para chegar nessas empresas e conquistar nosso espaço.

Participante 20: então, com certeza, teve um aumento bem significativo de, como posso dizer, respeito né, um aumento de respeito devido ao cargo alcançado [...]

De acordo com o relato dos participantes, manter a rotina de estudo apareceu como um fator importante pela necessidade de expansão dos conhecimentos para a prática laboral. De

acordo com alguns relatos, os jovens associaram elementos positivos à simultaneidade do estudo e do trabalho. Oliveira et al. (59) fundamentam em seus estudos que, em decorrência de uma maior maturidade do aluno trabalhador, o aprendizado resultante do trabalho e a possibilidade de um futuro respaldado por uma carreira profissional são benefícios percebidos pela conciliação estudo-trabalho.

Participante 20: quando nós ingressamos no mercado de trabalho por expediente completo, não por meio mais, acaba que muda um pouco a nossa rotina [...]. Eu ingressei na faculdade com letras e inglês, então, acabou que eu tive que fazer diversas mudanças devido à faculdade e continuar com o emprego. Então, alguns hábitos foram bons, porque agregaram um pouco mais de estudos a matérias.

Para os jovens de baixa renda, o ensino superior muitas vezes caracteriza-se por um sonho distante. Quando alcançam, muitas vezes não se mantêm na universidade devido à dupla jornada de trabalho e estudo (60). Entretanto, somente por meio da dupla jornada de trabalho e estudo é que o jovem de baixa renda compreende que a possibilidade de uma melhor condição social está associada a uma melhor qualificação profissional (61).

Participante 2: (...) quando eu vi que eu podia sim me manter, que podia sim... hoje eu vi uma outra realidade. (...). Hoje, graças a Deus, eu tô cursando o segundo semestre de Direito... (...)

Dessa forma, a estreita relação que os jovens fizeram entre a escolarização e seu potencial de empregabilidade corroborou o entendimento de Ioschpe (62) que instituiu um nexos entre produtividade, crescimento econômico e nível educacional. Luckesi (63) destaca que a aprendizagem correlaciona-se com a democracia, a aquisição de conhecimento, a cultura e com o acesso ao mundo do trabalho.

Participante 14: (...) eu aprendi assim que, é... como ali na UNEB, né? Mesmo não sendo uma empresa grande, vários vão precisar de um técnico, entendeu? Assim, para fazer qualquer tipo de função. Que às vezes as pessoas não são qualificadas, por isso que eu gostei do meu serviço na biblioteca, no colegiado, quando tinha eventos na cidade também o pessoal queria o meu apoio.. aí começou a dar mais concurso que eu fiz, porque eu tinha conhecimento e nem todo mundo tinha, entendeu? Infelizmente

nem todo mundo tinha, então eles precisavam de mim.

No entanto, os jovens evidenciaram também que conciliar as horas de trabalho com as de estudo foi uma tarefa por vezes exaustiva, ainda que necessária, uma vez que eles almejavam crescer profissionalmente.

Participante 13: eu comecei o curso de Pedagogia antes de entrar no PPE [...]. A rotina de trabalhar e estudar é muito dura, porque o meu curso é noturno. Então, eu entro 6h45/7h e saio 11h.

Considerando os estudos de Fischer et al. (64) e Oliveira & Robazzi (65), o elevado número de atividades envolvendo trabalho e aprendizagem a que estão inseridos, pode levar os jovens a ser demandados por uma carga de responsabilidades para além de suas possibilidades.

Por outro lado, a entrada no mundo do trabalho sugeriu um grande impacto na busca pela graduação e um dos motivos foi o fato de que os jovens tinham renda financeira fixa e, assim, puderam custear os estudos. Os jovens aprendizes acreditavam que, por meio do curso superior, poderiam melhorar sua condição de vida.

Participante 3: (...) ... já consegui também, é.. fazer outros cursos, comprar materiais de cursos pra meu estudo, né? pra ter um futuro melhor, me estabilizar melhor na situação. (...) Pretendo agora cursar minha faculdade. Tudo isso através do Primeiro Emprego (...)

Além das habilidades técnicas, a experiência de viver o dia-a-dia de uma profissão e o relacionamento interpessoal estabelecido no ambiente laboral com os líderes e os colegas, foram tópicos citados com frequência nos relatos sobre a vivência de uma primeira experiência laboral.

Nessa perspectiva, os jovens salientaram que a prática do curso técnico teve papel fundamental no suporte para a escolha do futuro profissional, uma vez que eles puderam vivenciar possíveis campos de atuação e delinear seus projetos de carreira. Nessa ordem, a conclusão de um curso técnico, voltado para o mercado de trabalho, está intimamente ligada a uma carreira ocupacional formal e à percepção do alcance de novas habilidades e consequentemente a possibilidade de uma profissão.

Participante 5: assim, eu consegui fazer muitas amizades lá no local em que eu trabalhava. Com a diretora, assim, ela sempre esteve ao meu lado, ela sempre apoiava as minhas decisões (...)

Participante 25: a minha chefia direta era uma pessoa maravilhosa, eu aprendi muito com ela, muito pessoalmente, profissionalmente. Ela inclusive era advogada, que é a minha área e eu me espelho muito nela(...)

Correlacionando os resultados encontrados e a pesquisa de Amazarray et al. (66) com adolescentes aprendizes em processo de inserção laboral, constatou-se que os espaços laborais potencializam sentimentos de segurança, construção da identidade do trabalhador, independência financeira, probabilidade de melhoria de vida, busca por formação profissional privilegiada e valor moral. De outra forma, Lima (67) fundamenta que o desenvolvimento de uma sociedade tem, entre seus componentes de análise, o grau de qualificação técnico-científica da força de trabalho.

Desse modo, as pesquisas trazidas por Jacques (68) apontam que uma primeira experiência laboral possui valor societário e desvela o imaginário social do reconhecimento moral do ser trabalhador. A identidade do sujeito constitui-se precocemente pela identificação com modelos adultos e por meio da inclusão no mundo do trabalho. Essa inserção é determinada por fatores de gênero e classe, designando às meninas e aos meninos de baixa renda o trabalho doméstico e o trabalho em espaços públicos de menor reconhecimento social.

Respalhada em seus estudos sobre a análise do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem, Silveira (53) sustenta que o jovem busca o desenvolvimento de habilidades e competências quando ele está inserido em circuitos que favoreçam a socialização e a qualificação para o mundo do trabalho.

Os núcleos de sentido Valorização, Crescimento, Experiências e Qualificação Profissional, de acordo com a estruturação da fala dos jovens, foram atrelados ao eixo das mudanças pessoais, uma vez que o sentimento de mudança profissional é percebido, também, como uma mudança pessoal e vice-versa, corroborando o pensamento Freiriano de que, somente por meio da reflexão-ação, o indivíduo tem a capacidade atuar, refletir, transformar e comprometer-se (69).

Pelo relato dos jovens, entendeu-se que a mudança comportamental ocorrida durante a experiência de emprego foi marcada pela melhoria da comunicação, pelo ganho de responsabilidade, pela maturidade e postura profissional. Ademais, apontam a administração financeira como uma habilidade aprendida para controle dos gastos pessoais e do salário.

Participante 22: a diferença que eu percebi foi na construção, mesmo como trabalhadora, no sentido de que a maturidade, a abertura no ambiente de trabalho para trocas foi muito significativa. E além dos cursos (...) achei que foi muito importante né, na qualificação.

Em síntese, os núcleos de sentido relacionados às percepções de mudanças laborais evidenciaram que os jovens, mesmo envolvidos em contextos de uma vida precarizada, quando interagem com pares, grupos ou movimentos sociais, encontram caminhos proveitosos para suas concepções, princípios e idealizações, afirmando-se como sujeitos (70). De outro lado, Morin (71) defende em seus estudos a importância das relações laborais para o desenvolvimento societário, o respeito às normas e ao saber viver coletivamente. Ambos são elementos norteadores para a organização das tarefas, das atividades e são os responsáveis pela formação da identidade.

5.1.2 Mudanças pessoais e mudanças sociais

Com relação às mudanças pessoais e sociais, houve um desmembramento para 12 e 4 núcleos de sentido, respectivamente, considerando a frequência, a interligação das falas, o aporte teórico e a subjetividade dos jovens aprendizes. Mudanças pessoais: 1) Valorização pessoal; 2) Crescimento pessoal; 3) Experiências pessoais; 4) Qualificação pessoal; 5) Segurança; 6) Futuro/esperança; 7) Questões financeiras; 8) Novas habilidades; Mudanças na moradia; 9) Oportunidades de bens materiais; 10) Independência financeira/autonomia; 11) Benefícios indiretos 12). Mudanças sociais: 1) Credibilidade/status social; 2) Mobilidade social; 3) Mudanças no papel dentro da família; 4) Habilidades interpessoais.

O ambiente laboral constitui-se um dos fatores preponderantes para a constituição da identidade. Desse modo, aspectos relacionados a responsabilidade (crescimento), reconhecimento (valorização) e independência (questões financeiras) integram a construção de valores vinculados ao trabalho e à construção da subjetividade humana (72). Para os jovens, a construção da identidade social e profissional no ambiente de trabalho proporcionou-lhes mudanças significativas.

A constatação de crescimento pessoal foi um dos núcleos de sentido que mais apareceu nos relatos dos jovens trabalhadores. Diante de uma primeira experiência laboral, o jovem compreende que a possibilidade de uma mobilidade social está relacionada ao alcance da credibilidade/status social, por meio do desenvolvimento dessas habilidades

peçoais/laborais. Como consequência, a mudança no papel familiar torna-se inevitável, perante a conquista de um trabalho formal.

Segundo Ferraz & Menna-Barreto (21), é essa mudança que afeta positivamente a relação com o trabalho, com a família e com a própria vida. De outro modo, Sarriera et al. (73) reconhecem que, para jovens trabalhadores de baixa renda, a inserção ocupacional representa a possibilidade de transformação de sua realidade social na perspectiva de uma vida mais produtiva.

De outra ordem, a contribuição com as necessidades financeiras dos seus entes legitima a mudança de papel dentro da família, a mobilidade social e a consequente alteração do *status* social, entendido como a posição ocupada por cada pessoa na estrutura social em que ela vive. De acordo com os jovens, estar inserido na manutenção alimentar e no cuidado da saúde gerou oportunidade de crescimento pessoal/profissional e uma conseguinte ampliação da credibilidade social.

Participante 2: (...) eu penso que às vezes você se sentir útil, se sentir independente, se sentir capaz, acaba reforçando o sentido de autoconfiança e você consegue, sim, progredir (...) à medida que você vai conquistando (...)

Participante 3: eu acredito que na relação pessoal até ajudou na minha família, assim, sabe? em questões de responsabilidades. (...) E aí, então, eu consegui coisas que eu não tinha há dois anos atrás, né?(...) tentando também assumir responsabilidades e viver seu futuro e ter a esperança de um futuro melhor ainda [...]

Outras mudanças atreladas às questões financeiras também foram ocasionadas em setores da vida dos jovens e seus familiares, tais como a independência financeira/autonomia e os benefícios indiretos, obtidos com o plano de saúde, vale-alimentação etc. Os jovens relataram que os rendimentos auxiliaram nas mudanças, na construção de moradias próprias e na obtenção de bens materiais, em conjunto com seus familiares e/ou para eles. Além disso, citaram ter feito reformas e melhorias gerais em suas residências, salientando que essas realizações estão atreladas à oportunidade de participar de uma primeira experiência laboral.

Participante 4: (...) foi que eu entrei no primeiro emprego e com o dinheiro que consegui através do primeiro emprego eu pude construir a minha casa.

Participante 10: (...) foi muito bom para mim porque eu pude ajudar nas contas de casa e ter as minhas coisas, trabalhando, ter o meu dinheiro e a primeira oportunidade de emprego de carteira assinada (...)

Participante 17: bom, no caso, ajudou bastante, né, na parte financeira aqui em casa, principalmente pelo cartão vale-alimentação. Teve também o fato do plano de saúde, ajudou bastante [...]eu podia ajudar, pude comprar algumas coisas, inclusive para minha mãe [...]

Nesse sentido, Lima (11) defende que as mudanças relevantes ocorridas com uma juventude em situação de pobreza apontam para melhores condições frente às dificuldades encontradas pelas desigualdades sociais. Ainda segundo Campos et al. (74), a inserção no mercado de trabalho para jovens de baixa renda torna-se uma via de mobilidade social, de aquisição de uma vida mais produtiva e melhorias na qualidade de vida do indivíduo e da família.

As habilidades interpessoais configuradas no ambiente de trabalho também foram consideradas essenciais no incentivo, instrução e suporte para o desenvolvimento de novas habilidades, associadas a ter uma profissão, núcleo central do mapeamento. Esses resultados evidenciaram que segurança, empregabilidade e acesso a direitos trabalhistas colaboram com a esperança de um futuro melhor para um jovem de baixa renda.

O desenvolvimento de novas habilidades atitudinais/comportamentais que ocorreu durante a vivência de uma primeira experiência laboral também foi mencionado como um aspecto relevante. De acordo com os relatos, os participantes afirmaram que uma primeira experiência laboral os ajudou a lidar com a timidez, melhorou a sua comunicação verbal e escrita, aumentou a iniciativa em sua rotina e eles se sentiram mais responsáveis e mais valorizados, pessoal e profissionalmente. Esses resultados evidenciaram que, não somente a experiência laboral, mas também a qualificação pessoal e profissional contribuiu para a aquisição de habilidades e para o conhecimento dos jovens, fomentando a sua credibilidade social.

Participante 23: bom... eu tive a oportunidade e eu cresci muito, porque era uma pessoa extremamente tímida [...], eu consegui crescer, porque tive contato direto com as pessoas, tive que tomar a frente de algumas decisões e questões. Então, eu acho que cresci bastante.

Eles enfatizaram, também, que a vivência laboral os ajudou a lidar com pessoas de diversas classes sociais e com opiniões diferentes. Assim, as novas habilidades adquiridas contribuíram para a minimização dos conflitos existentes e seus impactos nas relações, o que repercutiu no desenvolvimento de habilidade interpessoal, no sentimento de segurança e no reconhecimento da sua capacidade para conquistar seus sonhos.

Participante 20: bom, como eu trabalhava com diversos tipos de pessoas, acabou que agregou um pouco mais à questão social (...), então, você tinha que lidar com todo tipo de situação (...) então, com certeza, agregou muito no sentido pessoal e social também.

Todas essas narrativas validam o pensamento de Bendassolli (22) de que, para o desenvolvimento da habilidade relacional, é necessário um formato específico de conhecimento e de relações sociais, inerentes à compreensão do trabalho e da existência. Ainda, por meio dos estudos de Rocha & Góis (75) e Ramos & Menandro (76), foi entendido que depois da primeira inserção laboral os adolescentes percebem-se inseridos em um grupo social diferente do seu.

Além disso, por meio das considerações de Kubo & Gouvea (77), o trabalho deixou de ser visto apenas como forma de obtenção de renda e passou a ser percebido como uma oportunidade para que as pessoas passassem a adquirir e manter relações interpessoais, conquistar sua realização pessoal, seu status social e o desenvolvimento de habilidades profissionais. No Brasil, uma pesquisa sobre o sentido do trabalho apontou que a garantia da sobrevivência é relevante para o sujeito, bem como os valores de aprendizagem, a autonomia e o reconhecimento são fundamentais para que o labor também tenha sentido (78).

Entre as maiores contribuições que a primeira experiência laboral trouxe para os jovens, pode-se frisar a perspectiva de um trabalho/emprego futuro, o que está de acordo com o seu propósito. Além disso, eles referiram que houve aumento da consciência dos seus deveres, da responsabilidade, da independência financeira e da proatividade.

Em suma, ao pensar sobre as mudanças pessoais e sociais experienciadas por esses jovens trabalhadores, é possível compreendê-las à luz do conceito de empoderamento ou “empowerment” trazido por alguns autores. Vasconcellos (79), Silva & Martinez(80), Oakley & Clayton(81), Wallerstein (82) definem empoderamento como um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais. Significa aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e dos grupos sociais nas relações interpessoais e

institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de discriminação social. Nesse debate, o processo de empoderamento é apresentado a partir de dimensões da vida social em três níveis: psicológica ou individual; grupal ou organizacional; estrutural ou político. O empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos com o aumento da autonomia e da liberdade. O nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, as práticas solidárias e de reciprocidade. Por fim, o empoderamento estrutural favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania. Gohn (83) traz, em seus estudos, o empoderamento como mecanismos promotores e impulsionadores de grupos, comunidades e ações de inserção social dos excluídos. De outra forma, Peterson (84) o define como “um processo ativo e participatório, por meio do qual indivíduos e grupos ganham verdadeiro controle sobre as suas vidas, adquirem direitos e reduzem a marginalização” (p. 96). Ou seja, o termo empoderar refere-se a um processo em que o jovem age sobre si mesmo, levando a mudanças e ações no propósito da evolução e do fortalecimento (85).

Ora, relacionando a visão sistêmica dos conceitos de empoderamento com a inclusão profissional de um jovem de baixa renda, pode-se presumir que o empoderamento dos autores nas instituições transforma as relações de poder autoritárias em relações mais horizontais, tornando-as flexíveis conforme os registros trazidos por Kleba & Wendausen (86) em sua pesquisa sobre o processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e a democratização política por meio do empoderamento. Dessa ordem, percebeu-se que os jovens trabalhadores adquiriram sentimentos de poder, competência, autovalorização e autoestima, que se caracterizam como fatores impulsionadores de mudanças estruturais na sociedade.

O oferecimento de instrumentos aos jovens na escolha profissional, despertando o senso crítico em relação ao mundo do trabalho, os auxiliou na construção de suas carreiras e os tornou agentes sociais capazes de produzir impactos em seus ambientes de interação. As estratégias utilizadas por uma primeira experiência laboral são direcionadas ao desenvolvimento integral de um jovem de baixa renda, pois o aprendizado profissional também tem como intuito prepará-los para sua inserção no mercado de trabalho, reduzindo a vulnerabilidade social da juventude no estado da Bahia.

5.1.3 Outros achados

Ao longo da pesquisa, algumas narrativas associadas à saúde mental, ao assédio

moral, tratamento de inferioridade, desvio de função e preconceito de gênero foram registradas, sugerindo que novas pesquisas possam ser estruturadas para aprofundamento dessas questões.

5.1.3.1 Saúde no trabalho

O adoecimento, físico e psicológico, decorrente do estresse no trabalho foi trazido pelos jovens que relataram quadros ansiogênicos durante a primeira experiência laboral. Essa questão aponta para uma vertente que, embora não seja o foco da presente pesquisa, requer atenção e cuidado: a saúde do trabalhador.

Participante 17 (...) lá onde eu trabalhava...acabei desenvolvendo uma gastrite; outros colegas meus acabaram desenvolvendo também o mesmo problema e eu não consegui tratar ainda (...).

Participante 18 (...) única parte complicada um pouquinho foi no quesito incompleto. Desenvolvi um pouquinho de ansiedade nesse trabalho por causa de algumas coisas, mas com o tempo gente foi sabendo resolver. (...)."

5.1.3.2 Assédio moral

Também, em suas falas, citaram o assédio moral⁷, ao terem vivenciado desvio de função. Por vezes, relataram a situação de forma naturalizada como um auxílio ao colega que gerou um novo aprendizado ou um caminho a mais para demonstrar proatividade ao líder. Em outros momentos, o desvio de função foi exposto mais intensamente, evidenciando afetar o trabalho e as relações interpessoais.

Participante 24: infelizmente isso acontecia, a gente entrava com uma função na carteira, infelizmente tinha um desvio de função. E, muitas vezes, quando a gente ia informar, eles diziam, às vezes, tipo assim: ah, mas você tá mais ou menos na sua função, sendo que não era assim (...)

⁷ “Por assédio moral em um local de trabalho temos que entender toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se sobretudo por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade, ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho” (88).

Entre as ações que compõem essa forma de violência, estão: exclusão e isolamento; alterações no trabalho não previstas e sem comunicação; abuso de poder, concessão de atividades fora do escopo ou de menor valor; desqualificação e indução ao erro. Como resultado, o assédio moral pode acarretar transtornos à saúde mental do trabalhador, promovendo impactos negativos na autoestima, na insegurança e no medo. São provocações que estão ligadas a transtornos psicológicos, agravados pelo constrangimento (87).

5.1.3.3 Preconceito de gênero

Ademais, foram trazidos casos de preconceito de gênero em órgãos frequentados predominantemente por homens. Tais situações também foram naturalizadas nos discursos consideradas como brincadeiras inadequadas.

Participante 2: eu vivenciei de perto uma colega minha, ela já era novata no setor [...] e aí o chefe começou a assediar pelo WhatsApp.

Nesse sentido, considerando que os homens correspondem à maioria da força de trabalho e são reconhecidos pelas atividades que desempenham, as políticas públicas colaboram para que as mulheres mantenham-se no mercado laboral, ainda que lidem com dificuldades para a conquista da sua valorização profissional (89).

6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O presente estudo não é generalizável, pois não foi possível contemplar diferentes formas/experiências de primeiro emprego para jovens de baixa renda.

No que se refere às limitações do estudo, destaca-se o fato de o formato da pesquisa não permitir atribuição de causalidade, mesmo que mudanças tenham sido observadas em diversos fatores da vida depois da entrada dos jovens em uma primeira experiência laboral.

A realização de grupos focais on-line síncronos foi compulsória, considerando os efeitos da pandemia, este fenômeno mundial que estamos atravessando desde março de 2020 e as novas especificidades para as práticas laborais impostas ao mundo do trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a um conceito polissêmico que se amplia, estudar a(s) juventude(s) sempre será um desafio. Entretanto, com base nos dados da pesquisa, constatou-se que os jovens atravessam as mesmas questões sociais que estão inseridas na adultez. Portanto, uma primeira experiência laboral estrutura-se como uma possibilidade de combate ao desemprego juvenil, articulando qualificação profissional, geração de emprego e renda e responsabilidade social.

Pode-se inferir que algumas famílias de baixa renda demandam encaminhar seus filhos precocemente para atividades remuneradas, ainda que precárias, com o intuito de auxiliar a renda doméstica, muitas vezes prejudicando a escolarização e conseqüentemente a sua qualificação para o trabalho formal, reconhecido socialmente. De outro lado, a falta de escolarização eficiente não é fruto somente de uma procura por trabalho e renda. A situação, em si, proporciona armadilhas de exclusão por conta do desencontro desses sujeitos com a escola. Com projetos pedagógicos já pré-estabelecidos e rígidos, as instituições frequentemente invalidam as singularidades e as especificidades que permeiam uma juventude de baixa renda.

Nesse entorno, muitas vezes o indivíduo torna-se um trabalhador – estudante, envolto em uma ciranda de precariedades, restando o fato concreto da luta pela subsistência. De outra ordem, ao assumir o papel de geradora de subjetividades, a educação estrutura pontes para o mercado de trabalho formal, resgatando sentimentos de resistência e de enfrentamento diante de uma situação de falta de mobilidade social.

Diante disso, percebeu-se que depois de um processo de aprendizado por meio de uma primeira experiência laboral interligada a uma profissão reconhecida socialmente os jovens adquirem uma percepção de possibilidade de crescimento profissional, vislumbram seu futuro pensando nas oportunidades de obter mais conhecimento nas possíveis adversidades do mundo do trabalho, demonstrando sentimentos de segurança e de reconhecimento da sua capacidade para a conquista dos sonhos. Nesse sentido, o trabalho e a aprendizagem interligam-se, assumindo protagonismos diante dessa primeira experiência laboral.

Constatou-se que esses indivíduos estão inseridos em um mercado formal, frente a um quadro de significativas fragilidades como desemprego e incertezas do futuro profissional. Entretanto, as expectativas dos jovens em relação ao futuro revelaram percepções de que uma primeira experiência laboral pode garantir boas colocações. Dessa forma, é pertinente inferir que a entrada no mundo do trabalho constitui-se uma atividade formadora da identidade do

sujeito-cidadão e conseqüentemente deve ser considerada uma temática de relevância social.

De outra ordem, percebeu-se que a amostra foi composta predominantemente por mulheres, indicando que o programa tem contribuído para a inserção desse segmento no mercado de trabalho. Pode-se inferir, portanto, a necessidade de pesquisas que dimensionem esse fenômeno, considerando a territorialidade e as estratégias para o incremento de políticas que contemplem essa categoria, a exemplo da criação de uma rede local de creches públicas para receber crianças e jovens em idade escolar. Paralelamente o quesito raça/cor demonstrou que a amostra foi composta majoritariamente por indivíduos pretos e pardos, contribuindo para a ocupação de espaços historicamente negados às pessoas negras⁸.

Sendo assim, como o estudo teve o objetivo de compreender as mudanças que jovens de baixa renda verificam em si mesmos e em sua relação com o mundo do trabalho, a partir de sua primeira experiência de emprego formal, podemos afirmar que os resultados da pesquisa foram capazes de elucidar questões importantes relacionadas à percepção dos jovens diante de uma primeira experiência laboral. Foi possível captar que a maioria das mudanças observadas foram positivas e indicaram um aumento na qualidade de vida dos jovens de baixa renda. Conclui-se, portanto, que para uma mudança do sistema é necessária uma transformação da realidade laboral dos seus atores. Enfrentar essa lógica requer abrir espaços políticos de negociação de suas necessidades e, por conseguinte, a manutenção e/ou criação de políticas públicas para a juventude de baixa renda.

Por conseguinte, lacunas existentes poderiam fomentar novas agendas de pesquisa sobre o tema. Questões relativas a outras experiências laborais para uma juventude de baixa renda, por exemplo, poderiam ser abarcadas por outros estudos. Essas limitações abrem possibilidades para pesquisas futuras e maior compreensão gradual do tema.

Embora o objetivo do presente estudo não contemple uma análise do Programa Primeiro Emprego Bahia, considera-se que os frutos da pesquisa foram capazes de elucidar questões importantes relacionadas à percepção dos jovens de baixa renda. Portanto, esses resultados terão potencial para contribuir na formação e no monitoramento do programa, no sentido de minimizar os impactos negativos e potencializar os positivos.

⁸ O conceito de indivíduo *negro* é definido pelo Estatuto da Igualdade Racial como o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga. (90)

REFERÊNCIAS

1. Magalhães MO, Bendassoli PF. Desenvolvimento de carreiras nas organizações. In: Borges LO, Mourao L. (Orgs.). O trabalho e as organizações: atuações a partir da psicologia. Cap. 15, pp.433-464. Porto Alegre: Artmed. 2013.
2. Santos PR, Oliveira F, Fernandez R, Barcelos J, Brito RF, Sintaku M. Periódicos sobre políticas públicas de juventude. In: ABEC MEETING, 1, 2017, Curitiba. Anais... Curitiba: Associação Brasileira de Editores Científicos, 2017. p. 61-65. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21452/abecmeeting.2017.011>.
3. Motter P, Gomes CA. A educação brasileira em tempo de mudança. In: Plank DN. Política educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública (Posfácio, pp. 196-231). Porto Alegre: Artmed. 2001.
4. Juventude e políticas sociais no Brasil / organizadores: Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade. – Brasília : Ipea, 2009. 303 p. : gráfs., tabs
5. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>.
6. Castel R. As armadilhas da exclusão. In: Castel, R; Wanderley LEW. 2004.
7. Silva D, Lemos F, Nascimento M. Desfiliação social, cidades e suas (in)seguranças. In: F.Lemos et al. (Orgs.). Psicologia Social, direitos humanos e história: transversalizando acontecimentos do presente. CRV: São Paulo, 2015.
8. Disponível em: [https://www.Organização Internacional do Trabalho: Escritório no Brasil \(OIT Brasília\) \(ilo.org\)](https://www.Organização Internacional do Trabalho: Escritório no Brasil (OIT Brasília) (ilo.org)).
9. Papalia DE, Feldman RD. Desenvolvimento físico e cognitivo na vida adulta. In: Papalia, D. E. & Feldman, R. D. Desenvolvimento humano. 12. ed., Cap. 15, pp. 510-539. Porto Alegre: Artmed. 2013.
10. Carrano P. Juventudes: as identidades são múltiplas. Movimento-revista de educação [Internet]. 18º de dezembro de 2013 [citado 1º de maio de 2022];0(01). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32415>.
11. Lima A de S. Periferias e subjetividades juvenis em Salvador/Bahia. 2016. 108 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
12. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/D8537.htm.
13. Novaes R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Revista Sociologia Especial, Ciência e Vida, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6 – 15, 2007. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

14. PNAD/IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) em 2019. Disponível em: <https://br.advfn.com/indicadores/pnad/2019>.
15. Barros NV, Moreira CA, Duarte, KM. Juventude e criminalização da pobreza. 2008.
16. Pais, J. M. (2016). Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. (4. ed.). Berlin: GD Publishing / Edições Machado.
17. Mello SL de. A violência urbana e a exclusão dos jovens. In: As artimanhas da exclusão. Petrópolis: Vozes; 1999.
18. Minayo MCS. A violência na adolescência: um problema de saúde pública. Cadernos de Saúde Pública [on-line]. 1990;6(3):278-292. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1990000300005>.
19. Ribeiro, Rosana e Neder, Henrique D. Juventude(s): desocupação, pobreza e escolaridade. Nova Economia [on-line]. 2009, v. 19, n. 3 [Acessado em: 3 jul. 2022], pp. 475-506. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-63512009000300004>>. Epub 25 Maio 2010. ISSN 1980-5381. <https://doi.org/10.1590/S0103-63512009000300004>.
20. Marx K. O capital. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2011.
21. Ferraz DLS, Menna-Barreto JÁ. A organização dos trabalhadores desempregados com mediação para a consciência de classe. Organizações & Sociedade [on-line]. 2012;19(61):187-207. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302012000200002>. Acesso em:
22. Bendassolli PF. Psicologia e trabalho: apropriações e significados São Paulo: Cengage Learning. 2009.
23. Antunes RLC. (Ricardo Luis Coltro), 1953 – Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes. – [2.ed., 10.reimpr. rev. e ampl.]. – São Paulo, SP: Boitempo, 2009. – (Mundo do Trabalho).
24. Ferraz DL da S, Fernandes PC de M. Desvendando os sentidos do trabalho: limites, potencialidades e agenda de pesquisa. Cad. Psicol. Soc. Trab. [Internet]. 20 de dezembro de 2019 [citado 1º de maio de 2022];22(2):165-84. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/159999>. :
25. Dejours, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho/Christophe Dejours; tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira – São Paulo: Cortez –Oboré, 1988. 1949.
26. Pereira EF, Tolfo STR. Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia: uma revisão das suas bases teórico-epistemológicas. Psicol. Argum [Internet]. 24º de novembro de 2017 [citado 1º de maio de 2022];34(87). Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/18252>.
27. Martins, Eliane de Moura, Dissertação O sentido do trabalho para jovens de

- periferia:(Região Metropolitana de Porto Alegre), UFRS, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/106935>.
28. Abramo HW. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo. 1997;5(6):25-36.
 29. UNESCO. Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. 424 p. ISBN: 978-85- 7652-092-4 1. Assistência Social – Brasil 2. Política Social – Brasil 3. Serviços Sociais –Brasil I. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome II. UNESCO.
 30. Laranjeira, D. H. P. & Baroni, R. E. M. Juventude e trabalho: desafios no mundo contemporâneo. SciELO-EDUFBA, 2017.
 31. Gonzalez, R. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? In: Castro JA, Aquino LM, Andrade CC. de. (Org.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília, DF: IPEA, 2009, p.111-128.
 32. Cardoso A. Juventudes desnorteadas e gerações perdidas: duas dinâmicas do mercado detrabalho brasileiro. In: Cardoso, A. *Ensaio de sociologia do mercado de trabalho brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.
 33. Figueiras CAC, Medeiros R. Jovens, trabalho e políticas públicas: anseios e desafios. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2016. 272 p.
 34. Cabanes R, Georges I, Rizek CS, Telles VS. (Orgs.). *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 201
 35. Sposito M. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa.
 36. Brasil. Ministério da Educação. Relatório de Avaliação do Plano Plurianual 2008-2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7192-rel-setorial-pdf&Itemid=30192.
 37. Raitz TR, Petters LCF. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2008;20(3):408-416. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300011>.
 38. Brasil. Lei Nº 14.395, de 16 de dezembro de 2021. Reestrutura o Projeto Primeiro Emprego - PPE, instituído pela Lei nº 13.459, de 10 de dezembro de 2015, e dá outras providências. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-14395-2021-bahia-reestrutura-o-projeto-primeiro-emprego-ppe-instituido-pela-lei-no-13-459-de-10-de-dezembro-de-2015-e-da-outras-providencias>.
 39. Bahia. Governo do Estado da Bahia. Programa Primeiro Emprego. Disponível em: <http://estudantes.educacao.ba.gov.br/primeiroemprego>.

40. Zanelli JC, Bastos AVB, Rodrigues ACA. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: Zanelli JE, Borges – Andrade JE, Bastos AVB. (org.). *Psicologia, organizações e trabalho*. - 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
41. Bardin L. *Análise do discurso*. In: Bardin, L. *Análise de conteúdo*. 70. ed. São Paulo, 2011.
42. Gaskell G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer MW, Gaskell G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
43. Patton M. *Qualitative evaluation and research methods*. Beverly Hills, CA: Sage. 1990.169-186.
44. Flick U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.408p. (Série Métodos de Pesquisa).
45. Caplan S. Using focus group methodology for ergonomic design. *Ergonomics*. 1990;33(5): 527-33.
46. Johnson D, Focus groups. Tell it! Evaluation sourcebook & training manual. In: Zweizig D, et al. Madison: SLIS, 1994.
47. Bordini GS, SPERB TM. Grupos focais on-line e pesquisa em psicologia: Revisão de Estudos Empíricos entre 2001 e 2011. *Interação em psicologia*, Curitiba. 2013; 17(2). Disponível em: doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.28480>.
48. Salvador PTCO, et al. On-line data collection strategies used in qualitative research of the health field: a scoping review. *Revista Gaúcha de Enfermagem* [online]. 2020;41: e20190297. Doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190297>.
49. Minayo MC de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
50. Zimmermann MH. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência – UEPG.
51. Abreu NR, Baldanza RFG, Guedes SM. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. *JISTEM – Journal of Information Systems and Technology Management* [online]. 2009; 6(1): 5-24. Disponível em: Doi: <https://doi.org/10.4301/S1807-17752009000100001>.
52. Cossette P, Audet M. Mapping of an idiosyncratic schema. *Journal of Management Studies*. 1992;29(3):325-47.
53. Silveira OMC. *O unicórnio e o rinoceronte: análise do ProJovem a partir de seus beneficiários*. 2009. 167f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.
54. Bastos AVB. Mapas cognitivos: ferramentas de pesquisa e intervenção em processos organizacionais. Trabalho apresentado no Encontro Nacional de Estudos

- Organizacionais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Curitiba: ANPAD. Anais. 2000.
55. Bastos AVB. Mapas cognitivos e a pesquisa organizacional: explorando aspectos metodológicos. *Estudos de Psicologia (Natal)* [on-line]. 2002; 7:64-77. Disponível em: Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000300008>.
 56. Abbad GS, Borges-Andrade JE. Aprendizagem humana em organizações e trabalho. In Zanelli JC, Borges-Andrade JE, Bastos AVB. (Orgs.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed. 2004, 237-275.
 57. Pantoja MJ, Borges-Andrade JE. Contribuições teóricas e metodológicas da abordagem multinível para o estudo da aprendizagem e sua transferência nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea*. 2004;8(4):115-138.
 58. Gondim SMG, Morais FA, Brantes CAA. Competências socioemocionais: fator-chave no desenvolvimento de competências para o trabalho. *Rev. Psicol., Organ. Trab., Florianópolis*. 2014;14(4):394-406. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000400006&lng=pt&nrm=iso.
 59. Oliveira DC, Fischer FM, Teixeira MCTV, Amaral MA. A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. *Psicologia: Teoria e Prática*. 2003;5:27-39.
 60. Gonçalves HS, Borsoi TS, Santiago MA, Lino MV, Lima IN, Frederico RG. Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. *Revista de Psicologia Social*. 2008; 20(2):217-225.
 61. Sobrosa GMR, Camerin C, Santos AS dos, Dias ACG. Considerações acerca da inserção profissional de jovens do ensino médio. *Mudanças - Psicologia da Saúde*. 2012;20(1- 2):41-49.
 62. Ioschep G. *A ignorância custa um mundo: o valor da educação no desenvolvimento do Brasil*. São Paulo: Editora Francis, 2004.
 63. Luckesi CC. *O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?* Pátio, Rio Grande do Sul, n.12, fev/mar. 2000.
 64. Fischer FM, Oliveira DC, Teixeira LR, Teixeira MCTV, Amaral MAD. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2003;8(4): 973-984.
 65. Oliveira BRG, Robazzi MLCC. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2001 maio;9(3):83-89.
 66. Amazzarray MR, et al. Aprendiz versus trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem. *Psicologia: teoria e pesquisa* [on-line]. 2009;25(3): 329-338. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300006>.

67. Lima AAB. As mutações do campo qualificação: trabalho, educação e sujeitos coletivos no Brasil contemporâneo / Antônio Almério Biondi Lima. – 2006. 375 f.
68. Jacques MGC. Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. In A. Tamayo, J. E. Borges-Andrade & W. Codo (Orgs.), Trabalho, organizações e cultura, 41-47. São Paulo: Autores Associados. 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10611>.
69. Freire P. Educação e mudança. 12. ed.. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.
70. Neiva DA de. O significado do trabalho para jovens da qualificação profissional no âmbito da assistência social. 2016. 199f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2016.
71. Morin EM. Os sentidos do trabalho. Revista de Administração de Empresas [on-line]. 2001;41(3): 08-19. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>.
72. Coutinho MC, Krawulski E, Soares DH. Perna Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. Psicologia & Sociedade [on-line]. 2007;19:29-37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400006>.
73. Sarriera JC, Silva MA, Kabbas CP, Lópes VB. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. Estudos de Psicologia. 2001, 6(1), 27-32. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26369910_Formacao_da_identidade_occupacional_em_adolescentes.
74. Campos ACV, Borges CM, Lucas SD, Vargas AMD, Ferreira EF. Empoderamento e qualidade de vida de adolescentes trabalhadores assistidos por uma entidade filantrópica de apoio ao adolescente 1 Trabalho financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Saúde e Sociedade [on-line]. 2014;23(1):238-251. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100019>.
75. Rocha NMFD, Góis CWL. Trajetórias de jovens no mundo do trabalho a partir da primeira inserção: o caso de Sísifo em Maracanaú – Ceará, Brasil. Psicologia & Sociedade. 2010;22(3):466-475.
76. Ramos FP, Menandro PRM. Inserção laboral: mudanças na identidade e nas relações sociais de adolescentes de classe popular. Psico Porto Alegre, 2010;33(2):273-288.
77. Kubo SH, Gouveia MA. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. Rev. Adm, São Paulo. 2012;47(4):540-554. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-.
78. Tolfo SD, Piccinini V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. Psicologia & Sociedade. 2007;19, Edição Especial 1:38-46. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea07.pdf>.

79. Vasconcellos EM. O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teoria e estratégias. São Paulo: Paulus, 2003.
80. Silva C, Martínez ML. Empoderamiento: proceso, nivel y contexto. *Psykhé*, Santiago/Chile. 2004;13(1): 29-39.
81. Oakley P, Clayton A. Monitoramento e avaliação do empoderamento ("empowerment"). São Paulo: Instituto Polis, 2003.
82. Wallerstein N. What is the evidence on effectiveness of empowerment to improve health? Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2006. (Health Evidence Network report). Disponível em: <http://www.euro.who.int/Document/E88086.pdf>.
83. Gohn M. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde e Sociedade*, São Paulo. 2004;13(2):20-31.
84. Peterson NA. Empowerment theory: Clarifying the nature on higher-order multidimensional constructs. *Am J Community Psychol*. 2014; 53:96-108.
85. Roso A, Romanini M. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: Um ensaio teórico. *Psicologia e Saber Social*. 2014; 3:83-95. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2014.12203>.
86. Kleba ME, Wendausen A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e sociedade*. 2009;18(4):733-743.
87. Andrade, Cristiane Batista e Assis, Simone Gonçalves Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional* [online]. 2018, v. 43 [Acessado 5 Julho 2022] , e11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000012917>. Epub 23 Jul 2018. ISSN 2317-6369.
88. Marie-France Hirigoyen, Assédio moral: a violência perversa do cotidiano. Tradução Maria Helena Kuhner, 2006, p. 65.
89. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>.
90. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Pré requisitos para participar do Grupo Focal

Pré-requisitos para participar do Grupo Focal

Levantamento de informação para atividade remota:

1. Você possui celular, notebook, computador, tablet ou outro dispositivo com câmera emicrofone?
2. Você possui familiaridade com plataformas de reuniões on-line?
3. Você dispõe de acesso à rede de Wi-Fi estável?
4. Você tem acesso a um ambiente reservado para participar do grupo focal?

Obs.: Necessário ter respostas positivas para as quatro questões.

Roteiro do grupo focal

Eixo 1: Mudanças na vida dos beneficiários com o ingresso no programa

Pontos de discussão: Credibilidade social;

Ampliação/ redução do círculo

social;Mudanças familiares;

Mudanças na moradia.

Eixo 2: Aprendizagem/ Desenvolvimento Pessoal

Pontos de discussão: Mudanças nos hábitos de estudos;

Busca por formação/graduação;

Incentivo à busca por cursos

EAD;

Atividades anteriores realizadas antes do PPE (formais e informais);Participação em grupos sociais.

Eixo 3: Desenvolvimento profissional

Pontos de discussão: Habilidades e conhecimentos adquiridos;

Contribuição para o aprendizado da
profissão; Sugestões de melhorias para o
PPE neste item.

Eixo 4: Relacionamento interpessoal no trabalho

Pontos de discussão: Relações positivas no trabalho (aprendizagem na relação com colegas líderes);

Relações negativas no trabalho (situações de preconceitos, racismo etc.).

(Instruções para o dia da reunião)

Instruções:

1. Meia hora antes do início da reunião, você receberá um link para entrar na videochamada;
2. As facilitadoras serão apresentadas no início da chamada e coordenarão as discussões;
3. Habilitem o vídeo, mas o áudio deverá estar desabilitado para evitar ruídos durante a reunião, só sendo ativado quando você quiser falar;
4. Acordar um jeito de chamar a atenção para falar;
5. Instruir como visualizar os outros participantes da chamada.

Apêndice 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para participar do teste piloto da segunda etapa da Pesquisa Repercussões do Programa Primeiro Emprego (PPE) na Vida dos Beneficiários. Na primeira etapa, você respondeu a um questionário que teve como objetivo conhecer a sua percepção sobre a influência do PPE em sua vida. Neste segundo momento, gostaríamos de aprofundar as questões abordadas anteriormente. Para isso, será realizado um grupo focal – atividade que reúne pessoas que passaram por uma mesma vivência com o objetivo de criar um espaço para discutir suas experiências em grupo. A reunião será virtual, por meio do Google Meet com duração média de 1h30 e respeitando um limite máximo de 10 participantes (além da equipe executora da pesquisa).

O grupo focal será gravado para que as falas sejam transcritas posteriormente, evitando perda de informações importantes. Asseguramos que somente a equipe de pesquisa terá acesso a esse material e que os dados coletados serão analisados apenas pelos membros do grupo de pesquisa. Ou seja: as informações fornecidas por você serão confidenciais, não havendo, sob nenhuma hipótese, a identificação dos respondentes nem de seus respectivos locais de trabalho, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Acrescentamos que não haverá gastos relativos à sua participação nesta pesquisa.

A sua colaboração é de fundamental importância, pois permitirá saber se, de fato, o PPE vem atingindo os seus principais objetivos e, ainda, contribuirá para a ampliação de discussões e reflexões sobre a elaboração e melhoria de políticas públicas voltadas para a juventude e geração de emprego e renda.

Por se tratar de uma pesquisa realizada on-line, você deverá, **caso concorde em participar da pesquisa**, clicar no campo abaixo onde confirma ter lido e aceito os termos contidos neste documento.

⊗ Declaro que depois da leitura ou escuta da leitura deste documento, acredito estar suficientemente informado(a), ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade e esclarecimento sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância espontânea vontade em participar deste estudo.

Apêndice 2 – Roteiro/Pré requisitos para participar do Grupo Focal

Pré-requisitos para participar do Grupo Focal

Levantamento de informação para atividade remota:

5. Você possui celular, notebook, computador, tablet ou outro dispositivo com câmera emicofone?
6. Você possui familiaridade com plataformas de reuniões on-line?
7. Você dispõe de acesso à rede de Wi-Fi estável?
8. Você tem acesso a um ambiente reservado para participar do grupo focal?

Obs.: Necessário ter respostas positivas para as quatro questões.

Roteiro do grupo focal

Eixo 1: Mudanças na vida dos beneficiários com o ingresso no programa

Pontos de discussão: Credibilidade social;

Ampliação/ redução do círculo

social;Mudanças familiares;

Mudanças na moradia.

Eixo 2: Aprendizagem/ Desenvolvimento Pessoal

Pontos de discussão: Mudanças nos hábitos de estudos;

Busca por formação/graduação;

Incentivo à busca por cursos

EAD;

Atividades anteriores realizadas antes do PPE (formais e informais);Participação em grupos sociais.

Eixo 3: Desenvolvimento profissional

Pontos de discussão: Habilidades e conhecimentos adquiridos;

Contribuição para o aprendizado da
profissão; Sugestões de melhorias para o
PPE neste item.

Eixo 4: Relacionamento interpessoal no trabalho

Pontos de discussão: Relações positivas no trabalho (aprendizagem na relação com colegas líderes);

Relações negativas no trabalho (situações de preconceitos, racismo etc.).

(Instruções para o dia da reunião)

Instruções:

6. Meia hora antes do início da reunião, você receberá um link para entrar na videochamada;
7. As facilitadoras serão apresentadas no início da chamada e coordenarão as discussões;
8. Habilitem o vídeo, mas o áudio deverá estar desabilitado para evitar ruídos durante a reunião, só sendo ativado quando você quiser falar;
9. Acordar um jeito de chamar a atenção para falar;
10. Instruir como visualizar os outros participantes da chamada.

Apêndice 3 - Categorização Das Falas Eixo 1

Mudanças na vida dos beneficiários com o ingresso no programa Credibilidade social

(sete falas)

Participante 2: De maneira bem sucinta eu vou falar, mas eu acho que é pertinente fazer essa fala. Eu acredito que, na verdade, até no sentido de valorizar, sabe? Participante 3 falou uma coisa muito interessante que eu achei muito legal. Eu acho que não é só um sentimento dela, como de todos, né. Nós quatro, eu penso que às vezes você se sentiu útil, se sentir independente, se sentir capaz, acaba reforçando o sentido de autoconfiança e você consegue sim progredir, você consegue, sim, sair; você consegue... à medida que você vai conquistando (...)

Participante 11: (...) E isso gerou algo positivo para minha vida, em que através dessas minhas ações puxa, puxa um certo gancho assim para minha vida social lá fora, em que muitos me veem por aquilo que eles veem aqui onde eu trabalhei, né. Eles me enxergam dessa maneira e me tratam, digamos assim, é... com respeito, né, eles respeitam bastante, independentemente, por mais que eu seja o mais novo, há respeito e isso é interessante. Interessante haver o respeito e sempre um afeto, né, um carinho. Eles tratam bastante com carinho pessoal que vem aqui ...então isso, nossa! Não tem preço. (...)

Participante 12: (risos) Gente, antes do PPE eu tava... muito chateada no curso, principalmente um curso na minha cidade, porque eu fiz administração e aí, então, eu passei o curso todo achando que eu seria só uma mão de obra barata, né? Porque eu passei por estágios, depois que acabei a escola e, um pouco antes de eu ir para o PPE, eu tava trabalhando na empresa privada, não... não tava sendo valorizada, né, tanto profissionalmente quanto em questão de de... salário mesmo de... ser trabalhadora. E aí minha história começou assim! E depois do PPE, além de ter tido uma ótima qualificação profissional, as experiências foram muito significantes para minha vida, com certeza. Assim, tanto pessoal quanto profissional e em relação também a oportunizar a... o ter conseguido muitas coisas é... tanto de estudo, quanto de bens materiais mesmo. Comecei a construir minha casa e ainda não terminei, mas com o PPE assim trabalhando mesmo eu quase consegui terminar. O mesmo de valorização profissional e foi o principal, né?

Participante 13 : Olha, eu não imaginei que acontecesse isso em Barreiras, né? Porque uma cidade maior como o Participante 14 falou, ser uma cidade maior que a minha, eu achava que eu iria ter muito mais dificuldade. Eu fiquei muito preocupada porque meu contrato acabou bem no meio da pandemia. Então, meus planos foram por água abaixo, né? porque eu faço pedagogia. Eu faço, inclusive, para o campus da UNEB daqui de Seabra. E aí eu queria mesmo sala de aula e aí foi por água abaixo. Comecei a colocar uns currículos meio desanimado...desanimado e tal, mas aí, gente, eu fui surpreendido porque agora em outubro eu já começo a trabalhar e numa empresa muito legal e que tem essa valorização profissional também, mas fugiu aqui o que eu ia falar (risos), mas aí, é isso. Eu, por exemplo, antes disso tinha recebido outras propostas, só que não foram propostas que.. antes do PPE eu com certeza iria aceitar. Só que depois que eu sei que eu sou qualificada, que eu tive muitas experiências, que eu passei por toda essa experiência aí eu já tô aqui sim de não aceitar menos do que eu tô apta a receber, sabe? aí.. é isso.

Participante 15: É, depois do PPE, realmente nós somos é...o que eu posso dizer, né? temos mais moral, né? para chegar nessas empresas, né? As pessoas verem o nosso currículo aí vê “poxa, Luís Eduardo Magalhães, Fundação”. Então, as pessoas sabem, né? que de onde nós viemos o programa PPE nos deu a oportunidade, né, dessas pessoas terem mais prazer ainda de...de ver o nosso currículo, né? E nos chamar, né? nos empregar, então, isso faz com que nós temos mais moral, né? Pra chegar nessas empresas e conquistar nosso espaço.

Participante 20: Bom, eu senti uma leve melhora assim, devido a não ser algo tão simples, né. entrar no mercado de trabalho, ainda mais com o Governo do Estado. Então, com certeza, teve um aumento bem significativo de como posso dizer, respeito né, um aumento de respeito devido ao cargo alcançado, vamos dizer por assim...cargo. Mas foi bem interessante, não aumentou assim e isso agregou ao meu pessoal.

Participante 22: Assim, eu não posso contribuir muito nesse sentido, porque, como eu falei, eu mudei de área. Então, eu não tenho essa perspectiva das pessoas que continuam na mesma área de atuação, né, que trabalhou anteriormente. E aí nisso eu sou pouco sem perspectiva. Mas, sim, o olhar foi importante pros familiares, só pela questão de tá trabalhando mesmo, mas não tem muito impacto assim...um peso mesmo.

Ampliação/ redução do círculo social (uma fala)

Participante 20: Bom, como eu trabalhava com diversos tipos de pessoas, acabou que agregou um pouco mais a questão social, porque eram pessoas que tinham alta classe, algumas

nem tanto, então você tinha que lidar com todo o tipo de situação. E acabava que agregava bastante, porque você tinha o conhecimento de diversos tipos de pessoas e lidava com diversos tipos de pessoas. Então, com certeza, agregou muito em sentido pessoal e social também.

Mudanças familiares (15 falas)

Participante 1: Então, na minha vida pessoal é...mudou bastante eu sempre fui aquela pessoa assim que me dediquei à família cedo, a casar cedo, a ter filho cedo. Nunca procurei assim... ter a minha independência financeira e o PPE me deu essa oportunidade, de ter a minha vida independente financeiramente, sem ter que tá pedindo a ninguém “me dá isso, me dá aquilo” eeu não pretendo mais ficar parada, de jeito nenhum. Vai acabar infelizmente e eu pretendo já correr atrás e, parar, nunca mais... E também a ser mais compreensiva, colocar mais no lugar do próximo, é porque quando a gente tá trabalhando, que a gente é... escuta as histórias das pessoas a gente sensibiliza e a gente procura.. a gente vê o outro de outra forma. Como seria sefosse comigo aquela situação? Então assim, me mudou bastante na forma de ver o outro, de entender mais a outra pessoa.

Participante 2: E eu consegui ajudar a minha mãe bastante a ajeitar a casinha dela e consegui realizar um sonho que eu tinha, que era ter uma moto para me deslocar e consegui.

Participante 3: O PPE na minha vida mudou também, como na forma de assumir responsabilidade. Através do PPE eu... o apoio da minha família eu conseguir levantar a minhacasa, uma casa... conseguir tirar uma habilitação que eu não tinha, entendeu? E aí essas responsabilidades que a gente vai assumindo são muito boas. E aí quando a gente vê que a genteentra assim, que a gente tá trabalhando e que sabe que a gente pode conseguir qualquer coisa que a gente consiga, sem precisar tá dependendo de ninguém, ser independente, é? a gente consegue. E aí, a gente corre atrás dos nossos objetivos e alcançar realmente. Então, por mais que eu esteja trabalhando hoje não vou parar de estudar de maneira nenhuma. Pretendo, porqueatravés mesmo do primeiro emprego ajuda bastante, né? Sobre essa pesquisa aí mesmo incentivou bastante a gente e é muito bom. É isso aí, eu acredito que na relação pessoal até ajudou na minha família assim, sabe? em questões de responsabilidades. Ele ficou “Mas olhe ela tá trabalhando, então ela mesmo que tem de assumir as responsabilidades dela” E aí, então, eu conseguir coisas que eu não tinha há dois anos, né? Depois do PPE, eu consegui. Então, é muito bom... essa coisa.. esse projeto foi muito bom, principalmente na vida de vários jovens ehoje também estão aí, né? tentando também assumir responsabilidades e viver

seu futuro e ter a esperança de um futuro melhor ainda e é isso.

Participante 3: (...) Desde os meus oito anos que eu trabalho, sempre tive uma vida difícil, vimde baixo como todo mundo... e bati a cabeça em vários, em vários... fui muito maltratada quando pequena, então, agora eu mostro que eu consigo. Eu tenho através do Primeiro Emprego, eu tenho a segurança que eu consigo ter um futuro melhor até para minha vida mesmo, entendeu. Ele me mostrou isso. Hoje eu já consegui levantar minha casa, já consegui tirar a minha habilitação, já consegui responsabilidade...através das responsabilidades que eu não tinha, né. Eu assumo responsabilidades hoje que eu consigo cumprir com tudo. Isso é maravilhoso, isso é muito bom!

Participante 5 : (...) Tanto para minha vida profissional como pessoal e assim eu pude ajudar bastante a minha mãe, com....trabalhando no primeiro emprego e também assim...para até paramim mesmo, né? Como mulher gasta muito, né? Então, assim foi muito produtivo. Foi muito bom mesmo o primeiro emprego na minha vida.

Participante 6: (...) E aí era bem... eu consegui mesmo... teve essa mudança na minha vida nesse lado profissional e pessoal, tanto eu quanto o meu esposo. Ele também trabalhou no primeiro emprego e... eu lembro que há dois anos a gente tava na rua distribuindo currículo sem saber o que a gente ia fazer, porque é bem difícil para nós dois porque somos... nossa religião, nós não trabalhamos no sábado então... tava bem difícil de arranjar emprego, né? E aí na mesma semana veio mutirão do primeiro emprego e aí a gente conseguiu esse emprego... aí graças a esse emprego a gente conseguiu... a gente marcou a data do nosso casamento, a gente comprou os móveis da nossa casa e ontem a gente fez um ano de casados, graças ao primeiro emprego.

Participante 7: Bom, é... a mudança que o primeiro emprego fez na minha vida foi grande. Antes, ha dois anos, é... quem pagava minha faculdade era minha mãe. Minha mãe pagou minha faculdade durante seis meses e... todos os dias eu tava indo na rua pra procurar emprego.(...)

Participante 9: Tô meio tímida para falar, mas vamos lá. Eu costumo dizer que... essa oportunidade ela mudou, assim, praticamente tudo... na minha vida... eu havia terminado o curso em 2015. E desde 2015, assim que eu terminei o curso, eu já estava à procura, né? correndo atrás... e sem obter sucesso e já tava assim perdendo as esperanças. Já querendo me encaminhar para outro. para outra profissão apesar de gostar muito da área. E quando veio

essa oportunidade, foi assim maravilhoso porque assim como o Participante 10, a questão das

compras não tem nada melhor do que você ter a sua independência. Eu também já estava na faculdade, já tinha entrado na faculdade, então para estar auxiliando nas despesas também da faculdade... e fora o crescimento pessoal, né? Que...esses dois anos foi um crescimento, assimsem igual. Por enquanto foi isso, gente.

Participante 10: (...) Bom, o PPE mudou a minha perspectiva de vida, porque quando a gente sai do ensino médio a gente fica naquela de o que eu vou fazer agora? Aquela questão de estudo e trabalho...e aí surgiu a oportunidade do PPE, Programa Primeiro Emprego...e assim foi muito bom para mim porque eu pude ajudar nas contas de casa e ter as minhas coisas trabalhando, ter o meu dinheiro. É a primeira oportunidade de emprego de carteira assinada porque muita gente até hoje não teve essa possibilidade, tem pessoas que trabalham no comércio e até hoje não têm a carteira assinada. Isso é uma coisa muito importante, pois garante muitos direitos. E o Programa Primeiro Emprego mudou bastante isso, a questão de ter mais responsabilidade, de que...você é adolescente ainda naquela fase, né? Já tem responsabilidade de ter um emprego...de poder ajudar em casa e isso... me deixou bastante feliz na época porque eu estava assim... meio triste e aí surgiu essa oportunidade.

Participante 10: Vixe, tá muito na ordem aqui. Eu falo, aí todo mundo fala... tava esperando outra pessoa falar. Pelo que eu entendi da pergunta assim, como nos veem...primeiro que dentro de casa você passa a ser uma pessoa, como a gente tá muito batendo na tecla aqui, mais responsável. Porque eu mesmo, eu poderia sair no final de semana, a sexta, sábado, no domingo eu estava sempre cedo em casa, porque no outro dia eu ia trabalhar. Sempre que tinha como a responsabilidade do meu trabalho, de ter uma boa experiência, de passar uma boa imagem e eu acho que deu certo né, porque todo mundo me vê assim dessa forma. Podem falar vocês aí também.

Participante 10: Bom, aqui em casa como praticamente só tinha minha mãe, né, que ela é matriarca da família, eu passei a dividir as contas com ela, Isso era muito bom, porque já tinha uma carga muito pesada e com numeração do PPE eu ajudei a reformar algumas coisas na minha casa também.

Participante 11: (...) Junto do primeiro emprego e aí do programa, né, e assim...com isso que é muito legal, né, a gente trabalhar e receber, tipo eu sou um profissional, funcionário, agora eu recebo, que coisa maravilhosa... foi, eu usei e uso até hoje né para investir no negócio

próprio, para tá pondo em prática esse espírito empreendedor que há em mim, pelo menos uma das características, né, que eu tenho. Eu invisto, eu investi, continuo investindo e graças a Deus tem dado certo, tá dando certo. Então, tá trabalhando, investindo e estudando e assim vai até hoje, né...ah, eu obtive minha moto, né, meio de transporte fundamental, entre outras coisas. Ajudando em conta, das contas da casa claro, né, que moro com meu irmão só, só eu e meu irmão e a gente dividiu e é um luxo isso, é um luxo, né, a vista de quem antes não tinha um emprego, né, e veio de outro lugar, interior do interior, isso era uma dificuldade, mas com ajuda aí do PPE e do meu esforço, é claro, isso foi uma benção, foi maravilhoso para minha vida.

Participante 17: Bom...no caso, ajudou bastante, né, na parte financeira aqui em casa, principalmente pelo cartão...vale-alimentação teve também o fato do...plano de saúde, ajudou bastante eu...poderia ter aproveitado um pouquinho mais. (...) Dentro de casa não mudou muita coisa do que eu já sou, é... só na parte que eu podia ajudar, pude comprar algumas coisas inclusive para minha mãe. Uma coisa que eu pudesse ajudar na casa, de resto não mudou muita coisa, eu não sou muito do tipo muda... facilmente.

Participante 18: Também complementando a situação do colega, para mim também foi um período um pouco difícil porque eu tive que me adaptar com facilidade. Minha mãe, nesse período, quando começou a trabalhar, ela descobriu, né, o câncer, e aí esse dinheiro do Primeiro Emprego, né, que eu recebia do salário, juntamente com o vale-alimentação foi um combustível para ajudar nessa situação. E aí eu também tive que me adaptar com essa rotina, né, de trabalho, cuidados com ela também, mas foi muito significativo, tanto financeiramente quanto pessoalmente. Eu cresci bastante também, da perspectiva, né? Tinha muita timidez também, mas com o convívio no trabalho com os outros colegas, eu consegui também amenizar essa fase. Foi mais ou menos isso para mim.

Participante 20: Bom, o programa me possibilitou eu me manter na faculdade, né. Eu consegui bancar todo o meu curso tranquilo, tenho conseguido fazer isso com ajuda do primeiro emprego, né, até acabar o contrato, mas ele me possibilitou sim como fazer o curso, né, porém era um desejo já meu. Mas ele entrou de certa forma, de forma positiva para que eu pudesse bancar a minha própria faculdade.

Mudanças na moradia (sete falas)

Participante 2: É... eu vou falar na minha situação, né? Na minha vida pessoal, felizmente eu acredito que o programa deve um poder de alavanque muito grande, porque eu sempre morei

com minha vó. Pouco contato com minha mãe, fui criado sempre por minha avó. Eu já tinha ido embora de casa, mas quando eu lembro que eu já estava retornando pra casa, tinha decidido morar sozinho com 17 anos na época. Quando eu já estava retornando pra casa, aí... eu recebi a ligação do programa. Foi o que me deu alavanque assim.. hoje eu tô com a estabilidade bem...com vida bem estável em relação a minha independência. Foi o que me garantiu dar continuidade na minha independência, nos meus estudos. Consegui investir mais em mim, tenho tempo hábil pra mim, é... então, assim, foi um fator relevante, sim, na minha mudança, na minha progressão entre todos os outros fatores, todos os acontecimentos eu adquiri muita coisa boa, sabe? Muita coisa de consistência pra minha vida pessoal, principalmente. Então, eu acredito que o programa ele...na minha, pelo menos na minha concepção, na minha realidade ele teve sim! Ele foi carta coringa.

Participante 3: O PPE na minha vida mudou também, como na forma de assumir responsabilidade. Através do PPE eu...o apoio da minha família, eu consegui levantar a minha casa, uma casa... (...)

Participante 3: Como eu já tinha falado, eu consegui sim levantar a minha, dentro de um ano, gente... isso é muito bom eu conseguir. (...)

Participante 4: (...) Foi que eu entrei no primeiro emprego e com o dinheiro que consegui através do primeiro emprego eu pude construir a minha casa.

Participante 8: (...) Questão financeira...essas coisas, né? Porque eu quando tinha ido para.. eu fui morar em Porto Seguro, eu não te entrego nenhum. Aí eu fiquei sabendo do mutirão. É tanto que eu até tava trabalhando no hotel...só que ela estava até praticando trabalho escravo. Infelizmente, como na época eu não tive oportunidade de trabalhos, né, a dificuldade era muita. Infelizmente, eu aceitei. Fiquei sujeito àquilo. Aí, quando o Primeiro Emprego chegou foi um *up* na minha vida. Melhorei muito. É tanto que eu vim morar em Eunápolis, continuei trabalhando em Porto, adquiri conhecimento, as pessoas que eu conheci no meu trabalho elas mesmas que me levavam e traziam, é... do perímetro de Eunápolis, Porto Seguro que são 120 km todos os dias rodados, né?. E aí essas pessoas que acabei conhecendo no meu ambiente de trabalho e acabaram me ajudando também. Foi essa ajuda que...me elevou bastante.

Participante 11: (Risos) me mudei,...eu me mudei, estou morando aqui em Caetitê BA, junto do primeiro emprego e aí do programa né.

Participante 12: (risos) gente, antes do PPE eu tava...muito chateada no curso, principalmente

um curso na minha cidade, porque eu fiz administração e aí, então, eu passei o curso todo achando que eu seria só uma mão de obra barata, né acabei a escola é um pouco antes de eu ir para o PPE eu tava trabalhando na empresa Privado, não...não tava sendo valorizada né, tanto profissionalmente quanto em questão de de...salário mesmo de...ser trabalhadora. E aí minha história começou assim! E depois do PPE, além de ter tido uma ótima qualificação profissional, as experiências foram muito significantes para minha vida com certeza Assim, tanto pessoal quanto profissional e em relação também a oportunizar a...o ter conseguido muitas coisasé tanto de estudo quanto de bens materiais mesmo. Comecei a construir minha casa e ainda

não terminei, mas com o PPE, assim, trabalhando mesmo eu quase consegui terminar. O mesmode valorização profissional e foi o principal, né??

Eixo 2

Aprendizagem/ Desenvolvimento PessoalMudanças nos hábitos de estudos

Participante 2: (.....) Então, até a minha regeneração se deu por conta do programa, sabe. Quando

eu vi que eu podia sim me manter, que podia sim hoje eu vi uma outra realidade. Eu digo a

vocês, hoje eu vivo uma outra realidade. Hoje, graças a Deus, eu tô cursando o segundo semestre de direito... (.)

Participante 3: Logo quando eu entrei no primeiro emprego lá no PPE, no órgão onde eu trabalhava, que era o órgão da Polícia Militar, as pessoas começaram a colocar na minha cabeça“ah, por que você não estuda para tal matéria? Isso é muito bom e faça um concurso. O concursotá aí batendo na porta” E eu dizia assim: “rapaz, eu não sou muito dessa área não, eu não me vejo sendo uma policial. Eu dizia isso sempre. Aí, eu achei um colega mesmo de lá, que ele também é policial, e ele me deu o curso completo de presente no dia do meu aniversário e aí me deu: “tome, aqui é para você estudar”. Aí, eu, um belo dia tá eu bem tranquila, né. “Vou pegar pra ver o que que tem”. Menina! Me apaixonei e agora é como a Participante 2 falou: tô doida agora ‘pra fazer a parte de direito, entendeu. Eu tô doida para cursar logo, eu quero fazerpresencial na verdade, entendeu? Eu tô louca para começar logo, porque eu fiz o concurso e, realmente, matemática e português fui um fracasso. Mas direito, de 100%, 80% eu acertei porque eu peguei pesado. Aí eu gostei, me apaixonei pelas matérias, fiquei maluquinha e aí consegui desempenhar. Eles mesmos faziam é. Como é... tipo aqueles ditados pra mim, na salamesmo, quando eu tava trabalhando. Tinha um tempinho, eles faziam

pergunta e resposta pra ver se eu afluava mais a mente já que eu gostei, né, de fazer. E aí eu acertava, ele “Ói! Tá boaviu. Agora estude matemática e português [...] fracasso viu. Mas falou direito é comigo mesmo, eu amo a matéria de direito. Então, eu tô doida pra começar também meu curso de direito. Tô aguardando aí a pandemia, né. Fiz a prova do Enem através do. quando eu tava ainda no PPE.

E, aí, depois que eu fiz, eu fui, numa cidade mais próxima. Ganhei 80% da bolsa, só que, quando eu fui lá e fiz, infelizmente, eu não tinha ninguém que era concursado ou coisa e tal. Porque tem que ter os contracheques pra poder apresentar lá. E aí teve uma interferência nos meus documentos por causa da minha mãe e coisa e tal. E aí infelizmente perdi minha bolsa. Mas vou tentar de novo, porque eu gostei muito, viu.

Participante 11: Olha, teve influência viu, influência muito forte em que... é aquela parte, né, de eu pra eu ter a prática,...tipo, os meus colegas, por exemplo, eles, eles não... muitos! Não digo todos, muitos não têm essa experiência prática relacionada à parte administrativa. Não têm essa experiência, não passaram por situações de cunho assim de alta responsabilidade administrativa. Eu, no caso, já tive isso e quando é dado algum assunto, eu sempre faço relação com algo que eu vivenciei aqui no meu trabalho. E o engraçado é que poderia ser em outro lugar, né? Mas não, foi justamente aqui, é por incrível que pareça aqui, e eu, isso é como tivesse um passo à frente, sabe, é como se tivesse um passo à frente...a mente é mais aberta, a gente consegue já fazer algumas conexões mentais assim, algumas conexões correlacionadas aos assuntos, às práticas, desenvolver outras ideias, porque, atrelado a isso, a nossa mente ela vai produzir mais, né? Porque já tem uma certa bagagem para poder estar compartilhando com colegas, para poder tá pondo em prática algum projeto, né.

Participante 14: (...) A princípio, esse foi um receio de ter cursado isso. Só que após o PPE, eu aprendi assim que, é...como ali na UNEB, né? Mesmo não sendo uma empresa grande, várias vão precisar de um técnico, entendeu? Assim, para fazer qualquer tipo de função. Que às vezes pessoas não são qualificadas, por isso que eu gostei do meu serviço na biblioteca, no colegiado, quando tinha eventos na cidade também o pessoal queria o meu apoio...aí começou a dar mais concurso que eu fiz, porque eu tinha conhecimento e nem todo mundo tinha, entendeu? Infelizmente nem todo mundo tinha, então eles precisavam de mim.

Participante 14: Teve um imprevisto aqui, viu galera? Começou a chover, então, provavelmente a internet vai ficar ruim, porque infelizmente os provedores daqui da cidade... bom, eu tô cursando licenciatura em matemática presencial também. Comecei ano passado e optei por fazer o curso, é...depois dessa minha experiência com o PPE porque eu vi o quanto

é difícil, né? ingressar assim no...no trabalho e eu vi também algumas áreas...pelo fato de eu tá trabalhando na UNEB, né? algumas áreas que têm escassez, entendeu? de professor principalmente, o meu curso necessita muito de professor, entendeu? formado na área e é uma área que eu gosto. Eu sempre gostei. Principalmente porque auxilia muito em programação, porque é da área de informática e eu amo tanto desafios e matemática...acho que foi uma escolhaboa. E geralmente quando eu falo que tô fazendo matemática o povo olha assim com aquela cara feia, né? Nossa. Porque vocês tá fazendo isso e tals...mas...é matemática.

Participante 15: É...assim, eu tenho muita oportunidade, né? mas como eu me formei na técnico agropecuário assim...eu não optei por fazer faculdade, né? Porque como eu tô seguindo esse segmento de técnico agropecuário, eu simplesmente regularizei, né? Assim como médico, enfermeira, ele sempre faz aquela inscrição no CREAS, né? que agora para o técnico agrícola agora mudou, né? É o Conselho Federal, não é mais o CREAS que é responsável. Então agora é CFTA que é o conselho dos técnicos agrícolas, então, me inscrevi nesse órgão, né? nesse...para poder me dar mais autonomia, né? de fazer meus trabalhos como técnico agropecuário. Então, porque assim eu seguir o segmento do meu trabalho, mas sendo eu o autônomo, né? empreendendo. Então assim, é muito bom, cara, você fazer a faculdade, entendeu? Mas na minha na... minha na minha visão que eu tive, na minha opinião aqui no local onde eu...Onde eu vivo, né? Onde eu moro, na minha cidade eu optei mais por fazer o trabalho de forma autônomo, né? como a minha formação como Técnico agropecuário, o segmento da cidade é agricultura, agropecuária, caprinocultura, bovinocultura, então, por aí vai.. então, eu peguei esse gancho né dessa.. dessa.. dessas.. dessas áreas da cidade como técnico, então comecei a fazer os serviços, né? de forma autônoma e investir em me inscrever no órgão federal que regulamenta, né? Para eu fazer o meu exercício da minha profissão. Então faço alguns cursos, né? informática eu já fiz. Já tem mais de seis anos que fez o curso de informática, né, que foi administrativo. Aprender a mexer nas ferramentas, em várias, né? então por aí vai.. então é muito bom. Hoje na do meu lado eu pensei assim, né? de fazer o meu próprio negócio e me especializar, né? investir uma coisa que vai me servir futuramente. Então, é assim, os cursos eu faço, né? mas são poucos, né? faço os cursos de vez em quando pelo SENAR, né? curso de apicultura, criação de abelhas, e também agricultura orgânica. Então, tudo isso aí eu faço esses cursinho de 40 horas, de 120 horas, para poder aumentar mais meu conhecimento e eu posso atender os produtores, né? e fazer a diferença no ramo.

Participante 20: Sim, sim, mudou bastante, né. Quando nós ingressamos no mercado de trabalho por expediente completo, não por meio mais, acaba que muda um pouco a nossa

rotina, então, acabou que a minha mudou também, eu tive que mudar meus hábitos de estudos. Eu ingressei na faculdade como letras e inglês, então, acabou que eu tive que fazer diversas mudanças devido à faculdade e também continuar com o emprego. Então, alguns hábitos foram bons, porque agregaram um pouco mais a estudos das matérias. E a Flem ajuda nesse sentido né, devido ao incentivo que eles sempre dão a continuar estudando, mas alguns hábitos mudaram para melhor, com certeza, devido à exigência que a faculdade, que a própria faculdade tem.

Participante 24: Eu acho que se não fosse o Programa Primeiro Emprego da minha parte eu não conseguiria, porque muitos cursos principalmente nessas áreas o custo é um pouco mais alto e tipo com a falta de emprego que estamos passando desde antes eu acho que eu não conseguiria. O Programa Primeiro Emprego sim, realmente, ajudou muito nessa parte.

Busca por formação/ graduação (22 falas)

Participante 1: Pronto, eu terminei agora recentemente o curso técnico em enfermagem. Só tá faltando pegar o Coren, né. E se eu não conseguir um trabalho na área de recursos humanos, já tem técnico em enfermagem. Tava pensando em fazer a faculdade de enfermagem, mas, por conta dessa pandemia, que não tá tendo aula presencial, só aulas on-line, então, eu prefiro esperar um pouquinho, deixar mais pro ano que vem para ver se consegue voltar ao normal e aí sim eu começar a faculdade de enfermagem.

Participante 1: Sim, eu quero fazer presencial a faculdade. Aqui em Paulo Afonso só tem uma né, uma faculdade que tem o curso de enfermagem. Só que as aulas lá também são sendo todas on-line. Por enquanto não tô pensando em me matricular lá justamente por conta disso, vou esperar mais um pouquinho.

Participante 3: Foi, foi uma coisa... depois do PPE...foi uma coisa a partir da...foi um curso que ele me deu de direito, quando eu tava lá, tranquila! Ele foi, me deu “Tome, estude, isso é pra você estudar pra ver se você vai gostar da área da polícia. Eu disse: “Não, eu não me vejo policial.” E aí, mesmo assim eu fui e peguei, eu queria conhecer, queria saber como era, né...a área. E realmente, na parte de direito eu gostei muito! Gostei, me apaixonei. Foi tanto que fiz o concurso, né, e acertei a maioria tudo da parte de direito. Mas colocando em matemática e português foi um fracasso. Mas e aí fiz o Enem depois disso. Consegui a bolsa para direito, que foi parcial. E aí eu consegui, fui lá, mas infelizmente houve essa interferência aí de documentose coisa e tal, não consegui fazer meu curso e aí agora eu vou tentar de novo.

Participante 3: (...) ...já consegui também, é.. fazer outros cursos, comprar materiais de cursos pra meu estudo, né? pra ter um futuro melhor, me estabilizar melhor na situação. Então, isso é muito bom, entendeu? Pretendo agora cursar minha faculdade. Tudo isso através do Primeiro Emprego (...)

Participante 3: Bom, como eu amei a área de direito, eu quero tá uma advogada, uma juíza entendeu? Eu quero tá assim né e quer ou também eu quero tá uma policial né? PRF. Polícia Civil, o que for, eu sei que eu quero entrar para área de Direito, que eu amei, através do PPE,né? Que, se não fosse ele eu nunca que na minha vida ia ter um presente de fazer um curso de policial militar, no caso e gostar da área e querer participar, né? Então, eu quero tá assim. Eu quero estar uma juíza, uma advogada. Eu quero ser alguma coisa da área de direito. Eu não sei ainda meu futuro, mas eu quero. Já sei o que eu quero.

Participante 4: Eu sempre recebi incentivo por parte dos diretores do colégio onde eu trabalhava...secretária, coordenação, e também o coordenador regional quando ele ia lá, ele sempre falava pra gente buscar fazer a faculdade, porque o primeiro emprego não era para sempre e a gente poderia conseguir um trabalho até melhor futuramente. E aí eu consegui entrar na faculdade por incentivo também do trabalho, porque eu escolhi fazer Educação Física por meio do contato que eu tive com os alunos, eu quis ser professora. E aí eu consegui entrar na faculdade, agora eu tô no terceiro semestre e faço faculdade presencial. Por conta da pandemia,aí está a distância.

Participante 5: bom eu tô...eu também entrei na faculdade. Eu estou no quarto quadrimestre. Estudo na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), tava no curso de ciências humanas aí eu mudei para Ciências da Natureza porque eu quero a área ambiental.

Participante 6: Bem, eu também consegui entrar na faculdade. Hoje eu tô no quinto período de pedagogia. Eu achava que administração...que era o quê, né? O meu curso administração, e... eu achava que não ia ter nada a ver com nada, mas nas duas...nas últimas matérias que eu tenho tido, tem tido muita semelhança também que eu pude trazer exemplos da escola para a faculdade e também foi graças ao Primeiro Emprego que eu consegui. Agora que ficou um pouco mais difícil porque...no meu local de trabalho, é...eles estavam até pensando em contratar ou eu ou as meninas que trabalhavam comigo também do Primeiro Emprego, porém eles atualizaram láo contrato dos que eram Reda, Então, aí a gente não tem que correr mesmo. Acabou o contrato, acabou tudo, mas graças ao Primeiro Emprego que eu tenho conseguido manter mesmo a faculdade, porque depois que a gente saiu a gente ainda.. ficou para receber

um.. né? uma quantia e é o que tem ajudado bastante e foi graças mesmo é o Primeiro Emprego que eu tenho conseguido...que eu consegui entrar na faculdade e já tô no quinto período, falta três aí para meformar.

Participante 8: Então...eu quando ingressei no Primeiro Emprego, eu consegui também entrar na faculdade. Hoje eu tô no quarto período de ciências contábeis, dei continuidade ao curso técnico, né? (...)

Participante 11: (...) E o Programa Primeiro Emprego só serviu para entusiasmar mais ainda essa sede por conhecimento e prática...daquilo que...já foi aprendido, né? Já foi estudado e tudo mais isso...tanto que eu...continuei, né? Não parei nos estudos, eu comecei a fazer a faculdade de administração e com fé em Deus eu vou terminar...isso, ser um ótimo profissional. Agradecendo a oportunidade, obrigado.

Participante 12: (...) Mas, de qualquer forma, eu não sei assim dizer...como é que se diz... assim como eles vão me ver no caso, né? Eu como profissional, né? durante também, durante esses dois anos, né? foi quando eu comecei a faculdade, né? Eu também fiz um curso técnico em administração. (...)

Participante 12: (...) Por que o problema não é você se formar é você trabalhar na área. Então assim aqui por ser interior é questão de politicagem, né? então... eu mesmo não tenho nenhuma oportunidade de trabalho dentro de um hospital, né? Então assim tem uma certa dificuldade e aí também tem que ter experiência, porque hoje em dia não é só o curso, né? Tem área que exige experiência na área de saúde, eles querem pessoas qualificadas e que têm experiência, né? Então, assim eu não sei como é que tá o mercado não sei como é que vai me ver, né? Mas de qualquer forma eu tô me qualificando, buscando esse conhecimento nessa experiência, né? Para quando eu chegar lá já estou preparada, né? não estaciona simplesmente, É.. me formei, vou trabalhar nisso, Não! Eu tenho buscado muito esse conhecimento, fazendo faculdade, né? eu já tô já querendo fazer a pós também na área de saúde, né? Eu vou terminar agora gestão hospitalar que tá na área de saúde também e é isso, né? procurando se qualificar para o mercado de trabalho venha receber né, que a gente sabe que na verdade isso é uma exigência. Eles exigem essa qualificação e para que nós possamos competir à altura temos que estar qualificados, né? Então, tenho que tá aqui.

Participante 12 : É! Ao mesmo tempo,...Eu já terminei o curso técnico, que é um ano e meio, à noite. Foi aquela correria como sempre, né? porque para quem tem...quem é mãe de família, tem que trabalhar à noite, tem faculdade. Mas graças a Deus eu consegui, né, terminar.

Pretendo, né? fazer uma pós. Pretendo fazer um curso técnico também, né? Então, isso é tudo futuramente, né? dar continuidade. A gente saber o aprendizado contínuo, né? e é essencial, né? para que nós passamos ter uma vida boa, né? Porque hoje em dia, infelizmente, né? tem que estudar, tem que correr atrás, né? Aí a gente vê que o PPE ele só não dá essa oportunidade de trabalhar, mas como tu vai aprender, né? Tem uns cursos que ele tem que fazer daí que é de grande valia, né? Que hoje nos mostra como temos que ver, como está a experiência no mercado de trabalho, no que temos que melhorar. Então, assim, é um curso que nos dá uma base, né?

Então, tudo isso vai fortalecer para que nós possamos crescer, né? tanto futuramente quanto profissionalmente. Então, tudo isso é importante para que possamos ter uma boa carreira profissionalmente.

Participante 13: Bom, eu comecei a faculdade...eu comecei o curso de Pedagogia antes de entrar no PPE e logo no meu último ano eu fiz vestibular, passei, comecei. A rotina de trabalhar e estudar é muito dura, porque o meu curso é noturno. Então eu entro 6:45-7 horas e saia 11 horas, mas assim ...o bom é que aqui na cidade, por exemplo, o trabalho é de segunda a sábado e aí, é...onde eu trabalhava, né? pelo PPE, na base é de carga horária de 40 horas, de segunda a sexta. E aí, então, eu conseguia ficar tranquila, no sábado, fazer minhas atividades no sábado e ter aula no sábado também, né? mas aí, é...uma coisa também que deu...que mudou muito depois que eu entrei no PPE é porque área de atuação do pedagogo tem muitas possibilidades e uma delas é no setor hospitalar. E aí, eu nunca pensei...é uma coisa que eu falei: “não vou passar”. A gente só um momento.

Participante 15: É...assim, eu tenho muita oportunidade, né? mas como eu me formei como técnico agropecuário, assim...eu não optei por fazer faculdade, né? porque como eu tô seguindo esse segmento de técnico agropecuária, eu simplesmente regularizei, né? Assim como médico, enfermeira, ele sempre faz aquela inscrição no CREAS, né? que agora para o técnico agrícola mudou, né? é o Conselho Federal, não é mais o CREAS que é responsável. Então, agora é CFTA que é o conselho dos técnicos agrícolas, então, me inscrevi nesse órgão, né? nesse...para poder me dar mais autonomia, né? de fazer meus trabalhos como técnico agropecuário. Então, porque assim, eu seguir o segmento do meu trabalho, mas sendo eu o autônomo, né? empreendendo. Então assim, é muito bom, cara, você fazer a faculdade, entendeu? Mas na minha na minha na minha visão que eu tive, na minha opinião aqui no local onde eu vivo, né? onde eu moro, na minha cidade eu optei mais por fazer o trabalho de forma autônomo, né? como a minha formação em técnico agropecuário, o segmento da

cidade é agricultura, agropecuária, caprinocultura, bovinocultura, então por aí vai.. então eu peguei esse gancho né dessa.. dessa.. dessas.. dessas áreas da cidade como técnico, então comecei a fazer os serviços, né? de forma autônoma e investir em me inscrever nos no órgão federal que regulamenta, né? Para eu fazer o meu exercício da minha profissão. Então, faço alguns cursos, né? informática eu já fiz. Já tem mais de seis anos que fiz o curso de informática, né? que foi administrativo. Aprender a mexer nas ferramentas, em várias, né? Então, por aí vai. então, é muito bom. Hoje do meu lado eu pensei assim, né? de fazer o meu próprio negócio e me especializar, né? investir uma coisa que vai me servir futuramente. Então é assim, os cursos, eu faço, né? mas são poucos, né? Faço os cursos de vez em quando pelo SENAR, né? curso de apicultura, criação de abelhas, e também agricultura orgânica. Então tudo isso aí eu faço esses cursinho de 40 horas, de 120 horas, para poder aumentar mais meu conhecimento e eu posso atender os produtores, né? e fazer a diferença no ramo.

Participante 16: Minha expectativa em relação à vida profissional é fazer um curso superior especializado, fica mais conhecimento porque isso é muito importante, porque sabemos que quanto mais você estudar melhor é para você conseguir uma vaga no mercado de trabalho e é isso só sempre buscando novos conhecimentos, porque acho muito necessário. Gostaria de agradecer pela oportunidade de estar aqui compartilhando nossas experiências no Programa Primeiro Emprego, Tivemos alguns problemas, mas acho que, no geral, a experiência foi muito válida, foi muito importante para mim, cresci pessoalmente, cresci profissionalmente, eu só agradeço ao programa por essa oportunidade de ter me concedido.

Participante 18: No momento não estou fazendo nada, estou em casa, acho que com essa pandemia também limitou algumas coisas, estava com perspectivas no ENEM, mas não ocorreu, né? E prestei também um concurso público da minha cidade, porém, na minha área, não consegui obter um bom resultado e estou aí, agora, aguardando outras oportunidades.

Participante 18: Para mim também minha perspectiva de futuro e... que eu consiga né, fazer uma graduação e juntamente com o curso superior, também está no local de trabalho para suprir as necessidades, que tenha algo ali, né, olhando pelo lado financeiro, né, e tudo isso. E agradecer também ao Programa Primeiro Emprego pela oportunidade, pelo avanço, né, o quanto mudou minha vida, me fez crescer profissionalmente, né, pessoalmente e foi uma mega oportunidade.

Participante 23: Eu estou na faculdade, né, tô fazendo Ciência da Computação e acho que se eu não tivesse entrado no PPE eu acho que estaria decidindo ainda o que eu ia fazer. Porque foi no PPE que eu acabei descobrindo de verdade o que eu queria. E também a questão da ajuda

financeira.

Participante 24: (...) Quando eu fui transferida, eu fiz um curso de um ano mais ou menos, também na área de informática, que era de manutenção e redes. Na verdade, era uma atualização do que eu sabia um pouco a partir do curso, aí eu tive que me atualizar.

Participante 25: Eu consegui, eu fiz um curso preparatório pra concurso, porque desde antes de entrar na Fundação eu estudava pra concurso. Eu consegui comprar um bem também junto com meu namorado. E, foi isso e entrei na faculdade, faculdade de Direito.

Participante 25: Bom, no PPE como eu falei, eu já estudava para concurso. Com o PPE trabalhando eu consegui pagar um curso preparatório que era um pouco...um pouco carinho, aí eu consegui, é...trabalhando eu consegui juntar e paguei esse curso e entrei na faculdade. A faculdade na verdade eu faço pelo FIES. Eu entrei, eu tava trabalhando ainda e...como o trabalho.. o FIES paga uma parcela, com o trabalho eu tava pagando ... a faculdade e eu acho que contribuiu sim.

Incentivo à busca por cursos EAD (seis falas)

Participante 12: Então, assim, a faculdade, né? eu iniciei juntamente no mesmo ano que eu fui contemplada para fazer... para participar do Programa Primeiro Emprego. Eu tinha outro, ele... foi ao mesmo tempo, né? E só que assim durante a faculdade também, né? eu fiz em EAD a faculdade e depois disso foi em 2018 se não me falha a memória, Em 2018 eu comecei o cursotécnico de administração, né? então assim foi tudo junto, né?

Participante 14: (...) Só que eu acho que vou fazer algum curso a distância mesmo por conta da correria que é, digamos assim, trabalhar é complicado... Arrumar um emprego. Então, eu vou tentar fazer algum curso on-line para ter qualquer hora do dia livre para poder trabalhar. Eu tô abrindo um negócio também com alguns amigos meus e estou terminando lá a questão do meu terreno, é.. que eu comentei. Então, muitas coisas, entendeu? Se eu tivesse que dar prioridade agora, no momento, eu acho que seria o emprego e não o curso.

Participante 17: Bom, no meu caso, eu estou parado, não estou estudando. Durante o Primeiro Emprego...pelo fato de trabalhar em...um local de ensino a distância, a nossa...inclusive, os nossos chefes incentivavam que a gente assistisse às aulas, mas...professor às vezes tem dificuldade, né? Tá ocupado, às vezes...minha vida está um relaxamento mesmo, a gente não aproveitou disso. No entanto, tudo que eu assisto no Youtube, mesmo que seja por hobby, por

exemplo... assisto canais como o mundo desconhecido e isso acaba adicionando informação para mim, principalmente no quesito de astronomia e história, mas no caso de hoje... tô correndo atrás de me inscrever num concurso aqui na cidade, que teria uma prova...abriu algumas vagas, mas comecei estudando, mas depois da pandemia eu relaxei e acabei que nesse meio período não estou estudando para fazer concurso, mas, como eu disse, pelo menos, conhecimento de diversas coisas eu vou adquirindo nesse meio tempo. Eu penso que mesmo que você pensa alguma coisa de um hobby, até um filme que você assista, se você vê direitinho, você consegue absorver uma boa informação.

Participante 17: É mais no quesito que... tanto o governo quanto outras pessoas estão falando...muito nesse quesito de aula a distância, né? Dizem que este será o futuro, que as pessoas não vão mais para a escola, mas eu acho a aula distante que ela é muito inferior a uma aula presencial e você chegar na faculdade hoje elas estão aderindo a aula a distância, mas o contato com o professor, o contato com outras pessoas ajuda muitas pessoas, principalmente quem é mais fechado ou quem é mais, como que eu posso dizer, antissocial e...por exemplo aqui na minha cidade, como aquela menina disse, tem muito poucas vagas de emprego, de... faculdade, tem a Unopar que é paga e também a maioria é tudo aula a distância e os cursos presenciais são muito poucos, então eu acho isso um pouco errado esse pensamento de aula... a distância está tomando o lugar da aula presencial, né? Como eu disse, o contato com o professor é mais importante na hora de vocês aprender, principalmente se for o tipo de professor que ele se importa se o aluno aprendeu ou não.

Participante 20: Bom...eu gosto de fazer cursos em EAD. Eu acho que dá para você se programar bem melhor, fazer as atividades, estudar...e ainda sobre tempo, mas eu ainda assim prefiro presencial também devido a ter contato com pessoas diretamente. Então, você tem realidade diferente, tipos de pensamentos diferentes e isso eu acho.. é bem interessante principalmente quando se trata de aprendizagem, mas cursos EAD eu acho que são excelentes forma de complementar, né ? Dar um *up* no conhecimento.

Participante 21: Eu acho que por ser EAD agora que vai virar tendência por causa da pandemia, busco e faço sempre quando eu posso. Faço para atualizar e para preencher meu currículo.

Eixo 3

Desenvolvimento profissional

Habilidades e conhecimentos adquiridos (25 falas)

Participante 1: É... para mim, a experiência é...foi na parte de atendimento ao público. Apesar de que a gente vai conversando aqui, só dez pessoas, eu me sinto um pouquinho nervosa. É que fico com vergonha da câmera, (risos) normal, e lá a gente atende, é... na farmácia, né, é o meu setor. Eu fico alimentando o sistema é SESAB e quando falta algum colega eu vou na parte de atendimento para suprir a necessidade...então, a gente tá tendo de cerca de 80,90...até 90 pessoas numa manhã por dia, para pegar medicamento, é.. e eu perdi totalmente...assim, a timidez. Lá eu consigo me soltar bem, é... atendo todo mundo, converso com todo mundo...é meio que já virou assim...uma família porque aqueles pacientes são os mesmos que vão pegar a sua medicação mensalmente, é...durante os dois anos de PPE sempre foram as mesmas pessoas que foram pegar medicamentos. Então assim...a gente já acaba pegando afinidade de ter algumas pessoas que a gente conversa mais, então, eu percebi que para mim foi isso aí, a parte da timidez eu consegui me soltar mais, consegui, é...a primeira vez que eu cheguei lá que eu vi aquele monte de gente, eu travei. Eu: oh, meu Deus, eu não vou, tenho vergonha, não vou atender ninguém! E aí as colegas foram: não, você consegue! Vá, conversa de um por um...E aí...Tá até hoje. Estou superbem...Já falei para algumas pessoas que o contrato tava acabando e algumas já...até: não, vamos fazer um abaixo assinado, você tem que ficar! ah .. e não sei o quê, aquele monte de coisa.. mas vida que segue! Então, para mim o meu ponto de vista foi esse. Perdi um pouco a timidez, me adaptei bastante.

Participante 2: É...pensando no Participante 2 de dois anos atrás, Mediadora, é...eu consigo perceber que o programa, na verdade, serviu pra aprimoração, propriamente, de tudo que foi aprendido e da minha proposta inicial quando decidi fazer o curso. É... como uma espécie de guia até para ver se realmente, na prática, era minha praia como eu dizia ser na teoria, entende? Eu acho que... tem um poder de direcionamento muito bom, no sentido de o profissional se identificar como profissional na área que ele foi proposto a estudar e... no sentido também de você... de você acabar adquirindo, é... qualidades, comportamentos, posturas que normalmente você não tem oportunidade de aprender. Você é obrigado a saber e ponto. Então, acredito que hoje eu me sinto muito mais maduro em relação a minha vida profissional, diante da minha qualificação...eu exerço ela em qualquer lugar, em qualquer situação, não tenho problema nenhum hoje. Passo mais segurança, me sinto muito mais seguro

em relação ao que fazer, como fazer, quando fazer... é...da maneira como devo me portar, me comportar e, assim...eu acredito que, na verdade, o Programa ele funciona como uma espécie de... sabe quando aquela fruta, está verde e você tem que colocar um certo... resíduo para ela amadurecer? Eu acho que esse Programa, ele funciona como isso. A gente sabe que nada é perfeito, nada é...nada é...propriamente homogêneo, perfeito ou circular, igualitário...a gente sabe...as coisas vão se ajustando, ainda mais cinco meses do início do programa, pude perceber algumas dificuldadesmas, em suma, o total, eu consigo perceber isso.

Participante 3: Pronto...fui beneficiária do Primeiro Emprego. Meu contrato acabou tem pouco tempo, mas...através do...primeiro emprego é...conheci novas pessoas, né, descobri novas coisas e...através dele mesmo eu fui instalada em outro órgão do estado e aí, é... trabalho...no...na SSP mesmo, normal, entendeu? E fui nomeada através do primeiro emprego mesmo. por conta das...de... das... de situações que a gente enfrentava, porque na verdade o primeiro emprego entra na vida da gente, na verdade, para abrir portas e foi isso que aconteceuem minha vida então... (...)

Participante 3: Bom...é como ele falou, né, que quando uma fruta tá verde, precisa de algo para amadurecer e realmente é isso, a ideia do primeiro emprego é essa. Logo quando...eu não vou mentir...eu...logo quando meu pai falou que ia me matricular, né, e estudar 4 anos, meu Deus! Coloquei a mão na cabeça e disse “não... 4 anos?” mas...é o seguinte... é...foram... foram quatro anos ótimos da minha vida, porque depois que a gente saiu de lá e... na verdade eu fui...eu me formei no curso técnico de manutenção de microcomputadores. E aí é perfeito, é ótimo, porque você aprende novas coisas, você traz conhecimento para você, você abre sua mente e é uma maravilha. E você conhece novas pessoas que te... até te auxiliam a fazer o próprio serviço que você tá ali...coordenadores, instrutores... as próprias pessoas que estão até no local, inclusive no meu caso mesmo, fui muito ajudada, muito ajudada, porque, na verdade, não tínhamos...no colégio onde eu estudava não tínhamos é...professores capacitados, entendeu? Como ele falou, que nada é perfeito...não tínhamos professores capacitados na minha área. Mas... é...depois do...do projeto primeiro emprego, depois que o entrei pro órgão que trabalho, pode estar na certeza que melhorou 100%, que lá tinha pessoas, né, que ajudavam, davam força: “não, você consegue”. Eu mesmo tinha problema na montagem de computadores e aí eles chegavam junto,né, “não, vumbora fazer”...E aí eu sei que sempre quando eles, é... e aí eu fui aprendendo com o tempo, e aí eu já sabia que...alguns problemas que enfrentava eu já sabia saber resolver de cara, porque a gente aprende, né, com um tempo essas questões, então... isso aí que ele falou éverdade. A fruta amadurece mesmo (risos).

Participante 3: Olha no meu caso logo quando eu comecei, como ela falou a timidez, né? eu era muito tímida. (...) Liga gente de todo jeito lá então a gente tem que ser forte, entendeu? Aí eu passo sempre aquilo que o Primeiro emprego me ensinou lá atrás a lidar com as pessoas quando eu tô no telefone com elas ali no momento, entendeu? Tento acalmá-las e coisa e tal.. questão de urgência e emergência a gente tem que estar pronto. E é isso aí...gostei muito da experiência e não vou mentir se tivesse de novo eu queria de novo porque é muito bom e é isso aí, gente (risos).

Participante 8: Então no meu caso...eu tinha muita dificuldade para conversar com outros, eu era muito tímido, então no Detran eu exercia uma função que trabalhava com público, então me ajudou bastante a quebrar esse gelo. E aí eu desenvolvi muito essa... essa habilidade, né? Hoje não tenho dificuldade nenhuma para falar em público, conversar com qualquer outra pessoa. Não só isso, né? Mas teve outros benefícios também...a experiência que adquiri no local de trabalho...o jeito de conversar, postura, tudo isso me ajudou muito na...na vida.

Participante 8: (...) E...hoje na faculdade eu consigo colocar exemplos do trabalho nela, né? Por exemplo, a questão que não comentei, né? Que eu tinha dificuldade de falar em público, aí sempre tem um trabalho em grupo que temos que apresentar para toda a faculdade isso me beneficiou muito, né? Porque na escola eu travava muito com relação a ele e com o exemplo do trabalho acabou facilitando muito a minha vida na faculdade. (...)

Participante 8: Então, com relação ao aprendizado eu tive inúmeros benefícios, né, com relação a isso, a começar pelo sistema, né, porque a contabilidade hoje ela não trabalha mais manualmente, ela é sistema. E o Detran, ele trabalha com sistema um pouco parecido, né, que é lançamento, fechamento, essas coisas e aí, essas meninas, essas similaridades que tinha no sistema de contabilidade do Detran me ajudaram bastante, porque na escola não tivemos a oportunidade de conhecer no sistema, do sistema contábil, aí eu ficava vendo vídeos no YouTube, como é que funcionava e tal. Aí com o sistema do Detran, eu acabei assimilando os dois, né...Acabei adquirindo experiência até melhor com relação aos dois sistemas. E com relação à comunicação, realmente! (.)

Participadora 9: Tão pegando no gancho aí, Participante 10...eu também tive esse desenvolvimento, né? Sou muito quietinha, muito tímida pra falar e...no setor que eu trabalhava, no hospital, era um setor que a gente tinha muito contato direto com os pacientes e eu não percebi essa minha desenvoltura nesse período e me ajudou muito até na faculdade, eu tinha muita dificuldade quando ia apresentar seminários, tem que falar em público e isso

contribuiu muito, me ajudou muito.

Participante 10: Uma coisa que eu percebi bastante, até por ter...por trabalhar em colégio mesmo, é que eu...fiquei mais desinibida, essa coisa de conversar com o público, de conversar com aluno, de conversar com pai, mãe de aluno, isso...que surgiu bastante porque eu não era assim, às vezes...pode-se dizer que eu não sabia conversar com outras pessoas, porque quando a gente é adolescente a gente está naquele meio de conversar com os novos, com os nossos amigos, que a gente age de um jeito e...o programa, ele...me beneficiou dessa forma e como eu falei da responsabilidade...de ir no trabalho, compromisso e foi isso que eu percebi de diferente...é meio comportamental mesmo e até de lidar com o público, porque se eu vou trabalhar em outro lugar eu já estou preparada para isso, que antes eu tinha muita vergonha e coisas que também não só o PPE, mas os estágios do curso técnico também. Eu estagiei em loja, então, eu tinha muito isso de falar com o público também, aí você já vai adquirindo aquela experiência e levou, tanto que no colégio mesmo, até no lugar que a gente trabalha...sempre tinha muita gente na sala, conversando com a gente, passa aquela responsabilidade e de falar com o público também. Foi isso que eu notei.

Participante 11: (...) Em trabalhar em empresas e tal. Aí eles...me aconselharam e, claro, é o que passaria para qualquer pessoa...Vai com calma, que tudo é processo, ninguém sabe tudo, né? Mas aqui, né, nesse lugar pelo menos eu passei por várias experiências más e boas, eu aprendi com todas elas, com todas essas experiências...uma oportunidade gigantesca, nossa, dois anos, carteira assinada, uma empresa que paga direitinho, ótimo. Sem o que dizer, né? Sem o que dizer desse programa e da empresa à qual a gente prestou serviço (...)

Participante 11: Bem, acredito que a nós quatro aqui, pelo menos, né? O peso aí, foi em relação ao comportamento...em relação a mim, eu senti muita diferença em relação a essa parte, minha de comunicação e mais de me expressar, de falar mais, de estar ali junto, de estar... soltando a voz, né? Falando de ideias, ajudando...me lembro que eu sou... eu moro aqui em Caetité, interior eu sou do interior, eu vim para cá...eu era bem quieto, meu Deus, eu só conversava com um amigo meu que estudava comigo desde a sétima, não, da sétima até a oitava série, só conversava com esse meu amigo e eu influenciei ele a vir para Caetité para estudar comigo, só para eu ter com quem conversar. É engraçado a gente, aí o tempo passou, né? E eu sempre com essa minha dificuldade de tá me expressando, de tá conversando e tá interagindo mais. Aí me vendo muitas oportunidades, uma dessas de peso enorme que foi essa do PPE, que fez justamente desenvolver esse meu lado, assim como também outros...lados e também em relação à técnica, né? Agilidade com algumas ferramentas, assim, que... ferramentas tecnológicas que não tinha muito acesso e

oportunidade de tá desempenhando assim, me empenhando, né? Para poder tá praticando, pôr em prática, né? Vivendo o dia a dia de uma empresa, né? Aqui a gente atendia, eu atendia, né? A gente atende aqui... um fluxo de pessoas... durante a semana inteira e o que dava oportunidade é que tá desenvolvendo esse... lado, né? Comportamental...creio que nós quatro aqui, né? Um, dois, três, quatro... não, quatro não, tô contando com você Mediadora...nós aqui tivemos contato com pessoas, com um fluxo de pessoas e...não tem outra, né? Que de certa forma é obrigado, é...meio que...empurra para que se desenvolva ou desenvolve ou não vai ter um desempenho, não vai ter um progresso, não é? Então, o PPE ajudou principalmente a mim e a nós...em relação a mudanças comportamentais.

Participante 13: Então, é assim, como eu sou técnica de enfermagem, né, em sala de aula a gente aprende muito, assim, em termos de atuação no hospital, né, a gente prestar assistência ao paciente, né, só que assim, como é que é, né, na minha cidade o único órgão do estado que tem a base regional de saúde, né, que de qualquer forma também, né, presta serviço voltado para saúde, mas não é algo diretamente com o paciente, é algo indireto. Então, assim, houve essa diferença né, em termo da aprendizagem na escola e também no termo também da prática, né, de quando for trabalhar, né, mas também lá eu pude atuar dentro da área de saúde, né. Então, assim, coisas que eu não aprendi, não vi na sala de aula, mas que lá foi desenvolvido, né...sobre mesmo a importância da vacinação, da conservação. São coisas que eu pude aprender, né. Passei, como foi dois anos, eu passei um ano na rede de frio e um ano na assistência farmacêutica, né. Onde a gente tava, distribuía medicamentos para os pacientes. E então, assim, tudo isso, né, foi algo muito voltado naquilo que eu tinha estudado, mas ficou algo também que acabou assim adquirindo conhecimento, porque foi algo novo. A gente começa a ter essa visão, né, que o SUS, a saúde não é só voltado para a área da assistência, né, diretamente com paciente, mas que também tem essas áreas, né, que a gente vê onde é a importância desses profissionais, né, esse medicamento de alto custo e o cuidado que tem que ter de saber fazer o pedido, entregar pro paciente certo. Então, assim, foi tudo realmente gratificante, né, adquiri muito conhecimento nessa área, né, e ao contrário do Participante 14, não houve desvio de função, né. Todos, é tanto que da minha sala foram quatro pessoas, né, que foram chamados, né, e hoje também profissionais e lá sempre teve esse cuidado de não desviar ninguém de sua função, porque senão você aprende algo, né, e quando chega lá no momento de trabalhar tá fazendo funções que não era para ser feita, né. Então, lá cada um ficou na sua devida função e eu pude aprender muito nessas áreas, né, que para mim são novas, mas que adquiri conhecimento.

Participante 15: Pegando o gancho do amigo aí, é realmente o curso técnico, né, assim as

instituições elas têm dificuldade de dar o curso devido à estrutura, né. Que muitas das estruturas não, assim como ele disse, né, que não aprendeu tudo, né. Que na minha escola também a questão da estrutura era ótima, né, assim, de dar o curso, né, os professores eram qualificados, agrônomos, pessoas que tinham ao todo a autonomia de dar aulas daquele curso, né, o curso técnico. Então, assim, tinha algumas partes do curso da gente aqui onde eu estudei, a gente tinha algumas dificuldades, né, questão de materiais para fazer atividade técnica, né, atividade do campo, né, que eram ferramentas. Então assim, devido à estrutura, muitos não acabavam tendo aquele conhecimento que era para sair, sabe, sabendo tudo, né. Então, assim, aqui na instituição onde eu estudei não aprendemos tudo, né, mas pelo menos aquilo que nós aprendemos, né, que o básico, nós, o que nós pegamos, porque muitas vezes acontece na minha opinião, na minha sala mesmo, tem muitos alunos que às vezes não dá valor, né, aquele que é falado na aula, né explicado na aula. Então, isso também influencia muitos jovens, né, que está na sala de aula, você vê que na sala de 35 alunos só 3 ou 5 seguem a profissão, né, é impressionante um negócio desse né. Você vê que também há também a boa vontade do aluno também, né, de aprender e de colocar em prática, né. E também outra parte também da instituição não oferecer também, né, não oferecer ensino adequado, não ter estrutura adequada para poder atender aquele curso, né. Também isso dificulta para o aluno, né, certo que tem os dois lados da moeda, né. Então, assim, eu tive uma experiência muito boa no curso, entendeu, aprendi e me dediquei bastante, né, que às vezes eu saía do curso à noite, dava uma e meia da tarde e saía do curso 7 horas da noite, então, para mim foi muito puxado porque eu queria aprender né. A gente fazia aula prática às 3 horas da tarde só saí de lá 7 horas da noite, né, para fazer as práticas, né, teórica e a prática mesmo. Então, assim, para mim foi muito puxado e aprendi, né, mas quando não se tem a estrutura, né, a instituição não tem estrutura adequada para oferecer o curso e fica complicado para o aluno também de pegar, né, de aprender. Então, quando eu fui para o primeiro emprego, já tinha certo conhecimento, então, durante o programa do primeiro emprego, na atuação, né, eu tive mais conhecimento, aprendi mais coisas, né, é aprender mais coisas com o programa também nos ajudando, nos dando apoio, né, que a gente tinha um grupo no WhatsApp, tínhamos também os cursos de EAD que o programa nos concedeu. Eu sei que todos aí já têm um certificado, né, que recebeu. Então, assim, esses cursos que nós tivemos também nos ajudou, né, nos capacitou, né, então, aquilo que eu já sabia, comecei a trabalhar, né, conheci mais coisas novas, tive mais conhecimentos novos, aprendi mais técnicas diferentes, né, técnicas mais avançadas. E durante o curso também do programa primeiro emprego, nos ajudou também, nos auxiliou com os cursinhos, né, mas deu tudo certo.

Participante 16: Como os colegas já falaram, acho que o programa ajuda muito a gente a desenvolver a parte da timidez, de falar em público (...)

Participante 17: Bom, é...quando eu fiz o curso técnico em análises clínicas, o setor que eu trabalhei foi setor de laboratório mesmo, onde a gente tirava sangue, fazia a análise das coletas biológicas. E quando eu fui colocada para o setor de trabalho, chegando lá eu senti uma diferença, porque o meu setor de trabalho era laboratório de análises de água, então, era diferente do que eu já tinha estudado e o que eu tinha aprendido no estágio. Mas com o tempo e com a experiência no trabalho, eu consegui me adequar àquilo. E sobre a qualificação do que eu aprendi no curso, eu não tive muita experiência, porque era diferente a experiência que a gente teve lá no trabalho, mas foi muito bom, porque a gente conseguiu conhecer outra área da análise.

Participante 18: Bom, no meu caso foi mais comportamental, né. Foi como eu disse, né, eu nunca tinha trabalho num serviço desse tipo, carteira assinada e tudo. Foi assim, na minha área eu tive muito o que fazer, então tive um, não absorvi muito da parte técnica do que eu já sabia para adicionar alguma coisa. O que mais fiz foi compartilhar o que eu já sabia com os colegas de trabalho, é...um ou outro não tinha experiência nessa área de informática, então, fui compartilhando e também adicionando no serviço que a gente fazia. Minha parte principal aí é que você tá compartilhando tudo que eu sei com uns colegas de trabalho e também absorvendo com eles também, né. Como disse, a parte principal é cada um pensa diferente, cada um faz uma função diferente, cada um pode absorver com o outro.

Participante 20: Bom, eu acho que ambas cresceram bastante, né. Porque por mais que nós fôssemos da escola técnica, ao menos para mim, né. Eu fui da escola técnica, então, nós aprendíamos bastante coisa na teórica, algumas coisas na prática. Fora que você está no mercado de trabalho, a coisa é diferente, é prática o tempo inteiro, tem que colocar sempre o seu conhecimento à prova, então, por isso você acaba ganhando mais conhecimento e acaba agregando o sentido profissional, porque você sempre busca melhorar, mas também de relação, porque você tem que ter relação com as pessoas no seu trabalho. Então, eu acho que entre ambas, todas cresceram.

Participante 20: Bom, eu estagiei duas vezes. Uma foi como assistente técnico de informática em uma empresa de manutenção e micro e na outra foi instrutor de informática empresa que dava curso. Ambas foram formais, foram contrato, mas atendem como estágio porque foi meio período. Porém, diferentemente do PPE, né, elas não tinham essa forma que eles trabalham, né,

de tentar instruir você o máximo possível e manter uma relação melhor no mercado de trabalho. Eu sempre muito calmo, então, não tive nenhum, nunca tive problema com nenhum dos meus colegas. Porém uma inscrição é sempre boa, no conselho, é sempre bem-vinda. Então, o PPE ajuda bastante nesse sentido.

Participante 23: Bom... eu tive a oportunidade e eu cresci muito, porque era uma pessoa extremamente tímida, hoje, que eu bem menos que eu me lembro, eu consegui crescer, porque...tive contato direto com as pessoas, tive que tomar a frente de algumas decisões e questões, então, eu acho que cresci bastante. Então foi uma oportunidade e conhecimento de um novo mundo e só.

Participante 24: Pra mim, a primeira coisa foi aquela tipo ter que saber lidar com administração financeira. Saber em que a gente deveria aplicar cada valor que ali é nosso suor, no caso, Primeiro Emprego foi a primeira vez que trabalhei, não só de carteira assinada, mas em geral. Então, isso daí, outra coisa, tipo eu não, logo que eu cheguei na escola, eu achava que “Meu Deus, eu não vou conseguir me acostumar a esse ritmo”. E logo, logo fui pegando o gosto pela coisa, tinha que lidar diretamente mais com alunos e tem é (inaudível) muito complicado de lidar. Então, tipo, a experiência foi excelente, eu amei muito.

Participante 24: Também concordo com as meninas. Mas pra mim, o meu conhecimento maior foi mais pessoal. É, tipo, pelo fato de ter que saber lidar com pessoas, como o Participante 25 falou, que, no caso que já tavam há muito tempo lá e no caso muitas vezes não, tipo, achavam que pelo fato de a gente ter chegado naquela hora, por a gente ser mais nova, que a gente tem que aprender tudo mais rápido sendo que eles já tavam nessa função por mais tempo. Então, tipo, tinha aquela parte que a gente deveria respirar fundo e (inaudível).

Participante 25: (...) Eu trabalhava na Diretoria de Vigilância Sanitária que fica ali no Iguatemi e minha experiência lá foi ótima, foi... assim fundamental para mim, uma experiência profissional, cresci muito lá, aprendi muito, aprendi muito sobre vigilância sanitária, aprendi muito sobre tudo e eu carrego a experiência de lá para minha vida toda. E é isso.

Participante 25: Eu acho que foi pro meu crescimento, foi algo mesmo maravilhoso, porque quando eu entrei lá eu realmente era uma pessoa e saí outra. Eu tive, eu trabalhei diretamente com o público. Logo quando eu cheguei, eu trabalhava com atendimento ao público. Então, atendimento ao público, eu acho, você tem que saber mesmo, trabalhar, ter gosto “praquilo” e ter um pouco de paciência também. Porque lidar com pessoas, você lidar com todo tipo de pessoas, então, tinha momentos que eu recebia pessoas educadas, outras eram pessoas grossas

Participante 25: Eu acredito que foram os dois também, técnico e pessoal. Cada um na sua medida. Por exemplo, como eu falei da minha questão do atendimento ao público. É...tive que preparar muito o meu pessoal, eu muito o meu pessoal, eu tive que aprender muito a lidar e ao mesmo tempo tinha a questão técnica também. Tive, aprendi a mexer em muitos sistemas novos, muita coisa nova que tive que aprender quando cheguei no setor. Tinha umas pessoas que estão saindo que tinham 15 anos lá e eu tinha que aprender aquilo ali. Foi do nada! Tive que aprender aquilo. Então foi crescimento dos dois lados.

Contribuição para o aprendizado da profissão (16 falas)

Participante 4: O primeiro emprego ele...nos dá...nos dá oportunidade de colocar o nosso conhecimento em prática porque a gente aprende as coisas em sala de aula, mas não tem oportunidade de colocar em prática porque mesmo nos estágios assim, as vezes não achava um estágio na área, então, não tinha aquela aprendizagem, então, a gente trabalhando na área mesmo, eu mesma aprendi muita coisa que não aprendi no colégio, então, pra mim foi muito bom... e outra coisa também que... o mercado de trabalho hoje exige que a pessoa tenha experiência e aí já é uma oportunidade, experiência de dois anos e ainda em um órgão do estado ajuda muito

Participante 5: Para mim, mudou bastante até mesmo assim pela profissão...então, eu, como estava em colégio, ele lidava direto com os alunos, aí...conversava bastante com eles, tinha um contato direto também com...é...a diretora ou a coordenação da escola e, assim, foi horizontes que se abriram, né? A mente da gente se abre porque, quando a gente está estudando, a nossa forma de pensar, de ver o curso é uma e quando a gente vai para a área atuar é completamente diferente, né? É...são novas experiências que a gente vai adquirindo ao longo desse percurso e foi muito produtivo e eu só tenho a agradecer, foi muito bom, assim... (...)

Participante 5: (...) E quanto, assim, ao crescimento profissional, porque, assim como a minha área é segurança do trabalho, então, eu trabalhava avisando é área de risco, de acidente com os alunos e também, assim, conversava com eles para ver, conseguir, descobrir alunos que tinham problema assim na família que não tava conseguindo se adaptar. Então, eu ia, conversava com a diretora, a diretora chamava esse aluno para ver qual era o problema, o que que estava acontecendo. A gente lá no colégio lidava com todo tipo de aluno, aluno que ameaçava o outro, então, eu tipo fazia amizade com eles pra tentar descobrir, assim. a

gente

conversava bastante e dessas conversas eles tinham a finalidade de se desabafar, então, eles contavam os problemas deles, assim, do dia a dia, o que tava acontecendo. Como também teve um episódio que aconteceu lá no colégio que eu consegui descobrir devido à convivência com eles, que foram um grupo que eles criaram do CPF anônimo e aí nesse grupo eles estavam tipo que ameaçando funcionários e tudo e eu consegui descobrir. Só que aí eu entrei em contato direto com a diretora e ela foi estudar o assunto e aí ela viu que era realmente, porque tipo aqui no Sul a gente tem dois Cetep e ela chegou para mim e falou: “você tem certeza que é o nosso Cetep” e eu falei: “Tenho sim, porque pela forma das mensagens como eles mandavam era o Cetep de lá de onde ele trabalhava”. E aí eu mandei as mensagens para ela, porque eu consegui as mensagens, e aí ela viu que era de lá e que estavam ameaçando todos os funcionários. E aí ela conseguiu entrar em contato e resolver toda essa situação. Então, assim, foi de uma forma, assim, de um crescimento profissional e também assim moral, né? Porque lá eu aprendi a lidar com vários tipos de pessoas que a gente não imagina ter na nossa convivência do dia a dia e lá

eu pude conviver com pessoas que são bem equilibrados emocionalmente e outros que realmente precisavam de afeto, de carinho, atenção, de muitos não terem esse afeto em casa e acabarem entrando em depressão. Então, eu conversava muito com eles e através disso aí eu consegui descobrir muitas coisas assim lá no ambiente de trabalho.

Participante 6: Bem, a minha vida mudou completamente tudo, tanto na profissional quanto na pessoal. Na profissional, assim como o Participante 8...citou aí...eu mudei totalmente, porque antes eu só tinha estagiado, por conta...do estágio mesmo do colégio e...não era nada tão parecido quanto trabalhar porque...no trabalho eu também, na verdade eu não tinha tanta dificuldade de conversar com as pessoas, mas eu era muito... mesmo assim eu era muito tímida ainda com pessoas que eu não conhecia e principalmente no CPA, a gente tinha que... era dia com muitas pessoas diferentes, de cidades diferentes, de idades diferentes, então... isso me ajudou bastante, ajudou também na questão de lidar com os problemas. No NT eu trabalhava com professores, diretores de colégio e lá eu tinha meio que resolvia os problemas deles. E aí era bem... eu consegui mesmo...teve essa mudança na minha vida, nesse lado profissional

Participante 7: (...) Então, assim...tudo que eu aprendi na escola consegui botar em prática no meu trabalho. Trabalho como auxiliar de controle de qualidade e...é isso. Eu tenho muito a agradecer também. Sou muito feliz por isso.

Participante 11: Pronto, lá vou eu....assim, eu sou visto, tem apelido engraçado aqui com o pessoal que vem aqui né, para ser atendido...depois mesmo saindo fala, que é o garoto do ADAB.(Risos) Garoto do ADAB, oh Jesus! Um grande contraste que teve com a minha vida social é...nessa ADAB aqui, nessa oportunidade que eu tive, eu tive justamente o momento de tá expressando através das minhas atitudes aquilo que eu sou, pelo menos aquilo que eu busco ser no ato de ajudar as pessoas, de tá sempre sendo prestativo, sempre à disposição né. (...) A gente deve ser, é claro, uma pessoa, a gente deve esboçar o nosso profissional para que ele... dessa forma de exposição do nosso profissional seja contrastante com nossa vida social lá forainfluenciando, assim, de maneira positiva. Isso se a gente fizer um esforço para que seja positivo, né? Porque no trabalho ou temos, ou nós nos expressamos e nós colocamos em prática aquilo que aprendemos de uma maneira falível, de uma maneira que não seja profissional, como é o caso, por exemplo, que eu vi que exemplos de funcionários que não conseguem separar o seu lado pessoal do seu lado profissional. Isso acaba denegrindo a imagem da empresa e denegrindo a imagem própria, né? O que atrapalha o progresso e o desenvolvimento profissional. Isso é complicado. Mas aqui mesmo eu tive essa oportunidade de dizer quem eu sou, que profissional eu sou. Aqui eu tive essa oportunidade de falar que profissional está sendo

formado, né, profissional. O meu colégio formou, o meu estudo é a grande oportunidade, né, colocando em prática tudo aquilo que eu aprendi, meditei e com o passar do tempo, né, pôr em prática e mostrando para a sociedade que a gente estudou, a gente estuda, né, que a gente aprende não é em vão, mas sim para pôr em prática, para tá colaborando, né, com a sociedade e com nós mesmos.

Participante 13: (...) Então, assim... foi uma mudança mesmo, né, de amadurecimento, né, e a gente largar a teoria e ir para a prática e a gente se conhecer, né, as vivências, é aprender, é um aprendizado, aprendizagem contínua, né? Então, assim foi onde eu pude crescer, foi onde eu pude aprender, né, aquilo que eu... ouvia os professores dizendo, né, eu pude perceber, né, que eu trabalhei na área, apesar de que não trabalha na assistência, né, mas eu pude perceber a importância das pessoas que estão por trás disso, né, porque a base aqui de saúde, né, eu trabalho em dois setores tanto na rede de frio quanto na assistência farmacêutica, então, a gente aprende, né, percebe, né, é que essas pessoas têm né, nossa responsabilidade, né, para que tudo isso

chegue ao paciente com qualidade. Então, foi uma experiência muito boa, né, conheci pessoas maravilhosas que ajudaram nesse crescimento, né, experiência hoje é tudo não é o mercado

de trabalho, ele quer isso, ter experiência, né, então, quem tem experiência, né, tá com uma conta mais do que aqueles que estão chegando. Então, né, foi um momento muito bom, uma oportunidade maravilhosa, né. O ruim que é só dois anos.

Participante 14: (...) Para mim foi muito bom, porque...primeiramente aumento de salário, então, eu acabei fazendo o mesmo trabalho para uma empresa privada, não ganhava tão bem e fui fazer para outra e acabei ganhando bem. Segundo, foi o treinamento, foi muito o treinamento da UNEB que o pessoal da UNEB ofereceu para a gente e eu achei interessante... Como eu falei, né, não trabalhei eu não só trabalhei no setor da informática, né? Apesar de que auxiliava, a gente trabalhava no Centro Administrativo também, então, teve essa flexibilidade. Aí foi interessante, porque quando você vai assim fazer entrevista de emprego e tentar seu primeiro emprego, né? É...muitas pessoas ficam com medo, nervosas, eu mesmo, eu tenho um tipo de nervoso. Então. já aprender lá, entendeu? Essa questão e saber assim que eu não teria chance

de reprovar, né? Porque eu já estava contratado, digamos assim. Porque foi o que me acalmou mais, entendeu? Então, eu consegui aprender outras profissões, eu trabalhei lá em dois setores que foi de pedagogia e na biblioteca, é foi um avanço muito grande, digamos assim, para o

meu currículo, porque eu posso colocar auxiliar administrativo, auxiliar de 76 bibliotecas, que é uma função que não tem, assim, né, em abrangência assim no estado e, fora isso, a questão do salário também, né, que tem e a gerência, né, que às vezes o pessoal, as meninas que a gente tem que ir, com o pessoal do PPE, a gente tinha reunião, eu conversava todo mundo junto, tinha a questão e eles explicavam como é que é a questão aqui, emprego garantido nos dá uma visão assim meio aberta para a gente ter uma consciência e ter esse controle, né? Principalmente o controle financeiro, porque a gente tava com um contrato por tempo determinado, mesmo eles acabaram dando essa dica para a gente eu acho interessante, entendeu? E o que mudou? Acho que foi isso mesmo: eu perdi um pouco de medo de fazer entrevista de me candidatar para 200 vagas de emprego, entendeu? Eu aprendi que realmente o mercado é difícil, mas não é esse monstro que todo mundo conhece e até tem coragem de tentar, acho que é isso...

Participante 14: Eu daria dez, né? Porque... assim, apesar de tudo que eu tenha falado aqui, eu sei que o programa é ótimo, que ajudou muitas pessoas e ajudou muitas famílias, entendeu? Se a gente for considerar, situações serem diferentes, vamos ver que...digamos, veio a calhar, porque...é uma experiência que você tem, ser ingresso no mercado de trabalho, às vezes sem

ter experiência nenhuma, porque a gente sabe que é muito difícil, entendeu? Bom, pelo menos... muito difícil, que empresas liberem assim, para você acabar trabalhando em um setor que às vezes não é tão pesado, né? Que convenhamos, a maioria do pessoal estuda lá no trabalho pesado, né? A pessoa faz enfermagem, também por amor, né, gosta de fazer todas as pesquisas e tudo mais. Pessoal faz informática, faz engenharia agronomia, enfim. Então, a gente tem esse intuito de estudar para adquirir conhecimento e trabalhar em uma coisa que não seja ou tão pesado ou que não tome tanto do nosso tempo, entre outras coisas. Então assim, ingressar no mercado de trabalho nesse... tipo de profissão, sem ter experiência é bastante difícil, entendeu?... A situação a gente tem pessoas que estão estudando, têm pai ou mães de família, né, que estão estudando para ter um tempo a mais com sua família, com seus filhos e acabar tendo oportunidade de ganhando assim um salário, entendeu? Fazendo isso? Acho que é maravilhoso e como o Participante 13 disse, claro que tem muita coisa que mudar e é por isso que eu... tô dando dica, eu tô falando, né, algumas coisas que talvez não tenha agradado ou eu acho que pode melhorar, mas não deixa de ser um bom programa, né?

Participante 15: É porque na minha região é a cidade pequena, né? Então a minha cidade é de

50.000 habitantes, né? Aproximadamente 50 mil habitantes. Então, assim, para emprego aqui praticamente é complicado, entendeu? Como é situado no nordeste, na cidade pequena, sabe? Que como a amiga disse, né? Política também faz diferença, né? Então, é a gente que tá começando agora acaba sendo prejudicado, né? Por essas políticas, né? Que às vezes deixa de dar oportunidade às pessoas qualificadas, pessoas que até mesmo têm a formação que merecem aquele cargo, né? Aquele... aquela.. aquela lotação e às vezes não recebe por causa de ligação política, né? Então eu optei por esse lado para não tá dependendo, entendeu? Desse tipo de politicagem. Que é sempre bom a gente... como o curso mesmo que nós fizemos aí, por aquele cursinho que nós fizemos... nós aí pelo computador, né? Que o próprio... o próprio PPE nos forneceu. Então, ele ensina muito bem se tratando de empreendedorismo, né? Empreender, né? Aquele gancho daquele curso eu peguei, porque tem muita gente, a gente acaba o trabalho e fica preocupada e agora o que eu vou fazer da vida? Vou ter que procurar emprego, entendeu? Eu sei que assim... não é errado. A pessoa pode procurar seu emprego à vontade, mas no seu próprio negócio, né, então assim, seria uma coisa mais espetacular, né? Se puder abrir seu negócio e não tá entregando pessoas também, né? Aí eu peguei esse gancho desse curso... Então, é bom.

Participante 17: Como ele falou, acho que a experiência foi muito boa para todos, para mim

também foi uma experiência que agregou muito na minha vida, pois depois que a gente sai da escola de ensino técnico, acho muito difícil a gente conseguir uma oportunidade de trabalho por conta da experiência que nós não temos. E, com o programa, a gente conseguiu ter essa experiência e o que mais foi importante para mim foi aprender como lidar com o mercado de trabalho, como trabalhar em equipe, isso foi muito importante para mim.

Participante 19: É...complementando a fala dos colegas aí, pra mim o Programa Primeiro Emprego foi a primeira oportunidade no campo do trabalho e teve um ganho significativo na forma de aprendizagem, conhecimento, troca de experiências e também profissionais, conhecer novos colegas, aprender novas técnicas. Até porque no processo, né, do curso técnico, a gente aprende, mas ensina a prática mesmo somente quando a gente inicia no trabalho, onde ali a gente vai desenvolver melhor aquelas técnicas que foram aprendidas lá durante o curso. Uma experiência mega importante na minha vida, me fez crescer pessoalmente e profissionalizar e também o meu processo técnico.

Participante 20: (...) Logo depois da entrada do Primeiro Emprego, eu percebi diversas mudanças que eu poderia fazer para me tornar um profissional bem melhor, então, além dos cursos que foram oferecidos, né, devido...no site no próprio site do Primeiro Emprego algumas...alguns eventos que houve falando sobre a questão de como melhorar com no mercado de trabalho, como melhorar como um trabalhador, então, com certeza foram mudanças bem construtivas e significativas para o desenvolvimento profissional que eu tive.

Participante 20: Bom, com certeza, né? Todas as vezes que nós passamos por algum tipo de empresa e aquela empresa veio aqui cuidar ou não de nós é uma forma de aprendizado. O PPE cuidou bastante. Eu me sentia muito bem cuidado, né? Devido a toda preocupação que ele tem. Sempre tá perguntando como estamos com os profissionais, se tinha acontecido alguma coisa, da própria psicóloga, né? Que tinha e ia lá no trabalho perguntar se tava tudo bem, se tava com algum problema. Então, o PPE conseguiu agregar bastante. Eu me senti um profissional muito, muito bem cuidado. Ele tentou me qualificar o máximo para o meu serviço e, sim, eu consegui crescer em sentido profissional, desenvolver algumas habilidades que tava precisando desenvolver um pouco e ele tentou cuidar disso, né? Então, com certeza a PPE agregou, eu me sinto muito mais capaz de entrar no mercado de trabalho agora, de lidar com algumas situações que podem ser um pouco complicadas, né? Por diversos fatores, mas o PPE, ele ajudou sim. Foi muito construtivo o apoio que ele deu.

Participante 21: A experiência de trabalho com meio período, quando você vai pro emprego

formal você vê a diferença.. Que o estágio você tá só pela manhã e no outro turno você consegue...Já no trabalho formal você está nos dois turnos, então você tem uma visão melhor,já conhece os seus colegas de trabalho da manhã e da tarde, você se torna mais parte do trabalho.

Participante 22: (...) E foi desses três contextos, foi tudo diferente, né, Como trabalhei lá no CAB, postura profissional principalmente, o lidar mesmo, ter maturidade. Eu achei bem diferente, eu achei impactante realmente, porque eu já vinha lidando, né, com os chefes, né. Como diz [...]. E aí foi bem diferente a motivação, a conversa, o apoio mesmo que eles davam,achei muito interessante. Me deu uma outra visão de mercado de trabalho.

Eixo 4

Relacionamento interpessoal no trabalho

Relações positivas no trabalho (aprendizagem na relação com colegas e líderes)

Participante 3: (...) E aí eu...o primeiro local de trabalho meu foi lá no Conde, muito longe da minha cidade. E aí tipo...para deslocar de lá até minha casa ficava muito longe, aí era questão de transporte coisa e tal e aí eu fui me relacionando até com o pessoal lá mesmo. A diretora delá até me cedeu uma casa e coisa e tal, né? Foi até melhor para mim. E aí, eu comecei até .. o pessoal me acomodou lá, tipo um alojamento, me acomodou e aí facilitou bastante a situação só que aí eu já tinha pedido transferência pra minha cidade mais próxima. Aí, pouco tempo depois fui transferida para aqui, para Entre rios mesmo, minha cidade. Quando olhei a carta, eu me surpreendi porque era um batalhão, gente...o nome tinha: Batalhão de Polícia Militar, eu “Meu Deus”, eu já sou meio difícil e como é que eu vou lidar com essas pessoas...eu nunca me relacionei assim, sabe? De fato, com essas pessoas assim do militarismo e coisa e tal e como é que vai ser? E aí eu já saí de lá com minha carta de apresentação tremendo na mão para poder chegar lá no batalhão ia mostrar pro pessoal, né? Aí, quando eles viram, eles gostaram, né? “Olha que legal já tem uma amiguinha aqui para ajudar a gente” e aí eu foi passando o tempo e eu me relacionando com as pessoas e aí foi muito bom, gente... foi muito bom, descobrindo coisas novas. Eles mesmos...ele mesmo ensinava, é...ensinava a mim mesmo, até muitas pessoas lá inclusive até mexeram já na área que eu tava atuando, técnica em manutenção e elesmesmos me ajudavam, me ensinavam mais coisas. E terminou, né, o contrato e eu fiquei muitotriste, inclusive eles falaram a mesma coisa que a participante 1 falou “vamo tentar fazer alguma coisa aí pra ver se renova”. Falaram até com o fiscal que tomava conta de mim pra ver se tentava, mas não conseguiu (risos). E aí

depois que eu saí o pessoal de lá me ajudou lá mesmo muito e eu consegui, é... me instalar através de um órgão, de um outro órgão dentro mesmo da polícia militar, né? (...)

Participante 5: Assim, eu consegui fazer muitas amizades lá no local que eu trabalhava. Com a diretora, assim, ela sempre esteve ao meu lado, ela sempre apoiava as minhas decisões, assim, quando, às vezes ela até ajudava, ela colocava as opiniões dela para complementar. E assim até hoje eu continuo a amizade, porque quando eu comecei a trabalhar lá só tinha uma menina do PPE lá, que lá nunca tinha tido ninguém trabalhando lá do primeiro emprego. Aí quando eu entrei, tava uma menina e ela falou que foi muito difícil para ela logo no início, porque lá o colégio nunca tinha ouvido falar do primeiro emprego e aí que ela teve muita dificuldade, então, a dificuldade que ela teve, graças a Deus eu não tive nenhuma, porque quando eu cheguei lá o colégio já conhecia o programa e ela me ajudava bastante e ao longo desses dois anos também aí logo...o que...com oito meses que eu entrei, ela saiu e até hoje nós continuamos amigas, mantemos contato. Entrou outra também nutricionista, a gente tem o contato, depois entrou mais outras nutricionistas, a gente também mantém um contato, conversamos bastante no WhatsApp. E assim, até com os alunos também tem alguns que, mesmo depois que eu saí, nós conversamos.

Participante 6 (...) Então, assim, eu construí muitas amizades. Assim, pessoas que eu vou levar para minha vida toda graças ao primeiro emprego. que me proporcionou tudo isso.

Participante 6 : (...) Na verdade, assim, principalmente com as meninas que estavam no primeiro emprego comigo, tanto que uma delas a gente mantém amizade assim bem forte mesmo. Teve um evento na igreja dela foi muito importante para ela e eu fui e ela também foi. Em momentos importantes da minha vida ela também esteve presente, graças ao primeiro emprego que eu conheci ela, porque a gente, eu terminei meu curso em um ano e ela terminou no ano anterior, então a gente não se conhecia, mas, graças ao primeiro emprego, a gente se conheceu. Tanto que com as outras meninas, também, a gente mantém o contato, se a gente vê alguma coisa engraçada na internet, a gente manda uma pra outra para fazer aquela resenha. Então, assim, a gente manteve mesmo essa... essa boa convivência. Também, os meus coordenadores, os meus superiores...no NTE mesmo mudou o diretor do núcleo, mas também mantive um bom convívio, tanto com a diretora anterior quanto com o diretor atual. Tinha também o RH do NTE. Nossa! São pessoas assim... a menina que ficava na recepção a gente às vezes quando eu não tinha nada para fazer no meu setor ia para recepção para ficar lá com ela. Então, assim, na verdade eu era auxiliar administrativa de um setor, mas eu acabava ficando um pouco em todos os setores ajudando. Então, assim, acabou que eu tive contato com

todo mundo, então eu te...foi assim excelente, mesmo, foi bem positiva minha relação com eles.

Participante 8: Bom, eu tive ótimas relações com meus companheiros de trabalho, né. Todos eles são pessoas nota 10. Hoje a maior parte da equipe não está mais alocada no Detran, né. Minha relação com o coordenador também era ótima, era uma ótima pessoa ele. Hoje ele já não trabalha mais no Detran, já é outro coordenador que também não é diferente, né. Sempre estive ali nos ajudando, sempre conversando, explicando assunto, tinha bastante paciência. (...)

Participante 10: Se comunicar mais. Pelo menos lá eu tive boas experiências é... sempre tem, né, porque nem tudo são flores no campo de trabalho, a gente...até trabalhar com pessoas, é meio difícil, mas só que teve muito mais experiências boas do que experiências ruins. As vezes tinha alguns dias que alguns funcionários levaram questões da vida pessoal e acabaram descontando em outras pessoas que não tinham nada a ver, mas só que no trabalho lá eu aprendi muito, podia aprender com os funcionários mais velhos inclusive passaram o que eu não sabia, que a gente quer entrar agora essa geração mais nova que entende mais de tecnologia passar às vezes o funcionário mais antigo tinha questão, porque a gente trabalha na administração sabe, né, aquelas questões administrativas coisas que tem que fazer no computador e às vezes quem era mais antigo na casa às vezes pedir uma ajuda para a gente que tava entrando naquele momento e...eu pude aprender muita coisa, a experiência boa mesmo, queria aprender muita coisa que hoje eu posso dizer que meu currículo profissional está rico é...Aprendi muita coisa também escolar, computação... computação não que eu já sabia, mas coisas do executivo mesmo que a gente bota em prática, porque...como a gente falou tem coisas, tem pessoas que só adquirem experiência após a faculdade e graças a Deus tivemos a oportunidade de aprender antes, colocar em prática. Eu fiz o curso técnico em administração e coloquei muita coisa em prática, mas eu também aprendi a fazer as coisas que eu não aprendi no colégio, eu aprendi no trabalho e...graças a Deus me dava bem também com todos no ambiente de trabalho até por que ser um colégio de pequeno porte você conhecia todos os funcionários, também todos os alunos, graças a Deus eu me dei bem com todos.

Participante 11: é...bem interessante é...eu cheguei para o outro colega e falei: “poxa que legal, nem todas as pessoas são iguais no trabalho (risos)” não é um padrão, né, umas coisas assim é...que eu tive um colega que foi do PPE também que tá até hoje, né, o contrato dela ainda tá ativo é... ela...o modo de trabalho dela, a maneira como ela lida com o trabalho é parecido como meu, justamente por conta até, né, da bagagem que ela tem, do tipo de ensino

inclusive ela estudou comigo já é... a forma de ensinar, ela era formada no curso técnico, ela tem algo a mais assim, né? Tem um conhecimento, pode dizer, acerca da área, né, da área administrativa ela tem algo para dizer: “eu posso agir de tal maneira porque eu sou consciente e sei do que estou falando e fazendo, né e tal”. Tipo isso através das ações. Ah é... deu para reparar a diferença em tá observando assim observando com um funcionário de PPE, em um funcionário normal, por exemplo aqui eu tive contato com funcionários que aqueles funcionários aqueles, né...indicação de prefeitura (risos) então, eles não tinham muita experiência, assim, tão trabalhando no escritório. Por exemplo, no meu caso que eu trabalho no escritório, né, e fazer umas fiscalizações também, mas...essas pessoas não têm muita experiência de escritório, trabalham neles...nossa, o pessoal que tava escolhendo assim, sabe com quem iria tratar as suas questões aqui para ser resolvido no ADAB e isso pessoal diga o público que vinha para cá para ser atendido, o meu gerente e meu ex-gerente, né, o de antes, Felipe, ele não era muito frequente aqui no escritório, porque, por ser veterinário, ele sempre estava em viagem, tava em campo sempre, sempre...na maioria das vezes, né, raras vezes que ele tava por aqui. Mas a nossa forma de...o nosso contato, né, era...justamente quando havia alguma reunião ou alguns momentos em que ele estava por aqui ele me incumbia de algumas atividades é...mandava eu fazer algo é...sempre de boa mesmo e tranquilo consciente é... sempre buscava saber como é que eu tava aqui no ADAB, como é que tá com meu desempenho e desenvolvimento, buscava saber coisas também da fundação aí do projeto PPE. E... no mais, a interação com todos os funcionários ajudou bastante pra justamente espelhar em certas atitudes dos funcionários pra dizer assim: “eu não posso fazer isso, eu posso fazer isso” esperado em muitas situações é...situações de má influência e de situações positivas para o nosso ganho é... profissional. É basicamente isso tem mais...mas olha, gente, (risos) eu que um dia fui tão quietão hoje eu me considero um falastrão (risos) que tem mais... é basicamente isso.

Participante 12: Pronto, não assim, que eu vivenciei nem presenciei não. Lá na minha lotação todo mundo foi super, extremamente maravilhoso, todo mundo muito legal e todo mundo também conhecedor dessas diferenças, né? Então...não, nunca presenciei, nunca vivenciei e se isso chegasse a acontecer, com certeza a gestão teria tomado alguma atitude, né? Em prol disso. Minhas relações com o pessoal sempre foram muito ótimas, quando nós podíamos sair... a gente conseguia sair, né? E sair desse espaço de trabalho, a maioria das minhas relações de lá saiu do espaço de trabalho, até porque eu entrei junto com outras seis pessoas que tinham pessoas que eu tinha estudado também, né? Então, assim, a gente tinha uma ótima relação.

Participante 13: Então, né, a visão que eu tenho, né, a minha experiência, né, com essas relações interpessoais foram muito positivas, né. Eu não encontrei nenhuma dificuldade, né. Os meus colegas também não colocaram empecilho, dificuldade, criando alguma situação. Então, assim, foram pessoas que realmente assim ajudaram, né, que tava cobrando, que tá me ensinando, né, mostrando como é que tinha que desenvolver, a importância, né da gente fazer aquele trabalho ali com afinco, né, com dedicação, com responsabilidade, porque todo trabalho exige responsabilidade, né. E essa que nessa área que eu atuei, né, tanto dentro da rede de frio que foi com vacinas, quanto com medicação de alto custo requer muito cuidado, né, muita responsabilidade né. Então é um, foram pessoas assim que realmente, né, me ajudaram nesse crescimento, né, e eu fui aprender, porque são pessoas que estão lá mais de 30 anos, né, então, tem uma bagagem. Então, assim a gente vai, né, para ouvir, para aprender, né, eles contando como era o processo, como era antigamente e como hoje estão mais fácil as coisas em termo da tecnologia, como um processo de trabalho tem melhorado, né, como a conservação do medicamento. Então, a gente aprende muito, né, então, assim, graças a Deus nunca tive problema com nenhuma chefia, com nenhum colega. Graças a Deus são pessoas, né, se tornaram amigos, né. Eu saio, eu saí de lá não, eu tô ainda, mas infelizmente não tô podendo trabalhar, mas de qualquer forma foram pessoas que levando pessoas não ficam só naquele lugar. Quando a gente se vê, a gente conversa, se aprende, né, sente saudades que foram momentos especiais. A gente fazia muita festa, comemorava aniversário, essas coisas assim, né. Então, tudo isso, nessa relação, né, a gente aprende a importância de grupo, né, que todos nós precisamos um do outro. Então, tudo isso a gente aprende e amadurece, né. E foi uma experiência boa, gostei muito, né. Que pena que eu sei que não vão ser todos assim, né, quem sabe que existe algumas situações, mas nesse, a minha experiência com o primeiro emprego foi positivo graças a Deus, né. E só tenho que agradecer, né, tanto ao programa quanto também aos colegas que acabam ajudando, né, contribuindo, porque a gente somos novatos, né. Então quando tem pessoas que quer ajudar, né, então, a gente ver que cresce mais e aprende mais, né, e é isso aí.

Participante 14: Bom, na verdade eu não tenho muito a dizer, né? Porque assim como eu trabalhava numa universidade e...a universidade é um dos principais locais onde tem luta, né? Digamos assim, contra...esse tipo de coisa, esse tipo de tratamento, esse tipo de pensamento. Então...lá você vai encontrar muitas pessoas assim, que vão defender com garras e unhas nessa questão disso, desse tipo de diferente atuação e também como eu trabalhei no setor de pedagogia, aqui na cidade, a gente...mais as mulheres que optam por esse tipo de curso, até

porque também têm muita leitura e... cá entre nós os homens não gostam muito de ler, né, pelo menos não os que eu conheço. Então, é isso assim, as meninas sempre se trataram superbem, o pessoal aqui do trabalho também não tinha muita... na verdade era tudo muito corrido, principalmente professores, então, não... não presente, nada em relação a isso.

Participante 15: (...) Porque, além de a gente ganhar experiência, a gente também pode, é... tivemos de mudar também a nossa mentalidade, né, nossa noção, nossa percepção e conhecemos pessoas diferentes, pessoas que são experientes e têm mais conhecimento, então, a gente consegue crescer, né, crescer juntos e tamos aí, né? E assim esse programa foi uma benção de Deus para nossas vidas, né, não só nosso, mas para vários que começaram também esse ano e de outras pessoas que começaram e já terminaram, então, aí hoje no mercado de trabalho bem estruturado, porque graças a esse programa muitos jovens conseguiram obter aquela experiência que o mercado de trabalho hoje exige, né? Então, assim pra mim foi muito bom, porque em 2018, né, pra mim dois anos atrás como os meus colegas disseram que estavam chateados, né, com raiva, mas é assim mesmo, né, porque a gente sabia que tinha que ter experiência, então, vê esse...projeto do primeiro emprego e nos ajudou, né. E através desse projeto nós adquirimos mais experiência, mais conhecimento, aprendendo, né, porque onde eu trabalhava, numa lotação do trabalho, lá a gente fazia atendimento ao público, né, a gente atende as pessoas, os produtores, né, como no Adab andam muitas pessoas do...da zona rural, pessoas que são fundamentalmente respeitadas, as pessoas ficam doutoras, agricultoras, então, assim... foi muito bom ter essa experiência com essas pessoas, né, então, onde eu estava ocupando lá a lotação foi muito bom, porque lá a gente pode aprender tanto com os produtores e também com os nossos chefes, né, de trabalho também e onde eu trabalhava o meu chefe graças a Deus era uma pessoa excelente, entendeu? Nos ajudava, nos orientava, entendeu, então, o que eu tenho mais a agradecer, é porque hoje eu posso dizer que esse programa traz muitos benefícios para aqueles que querem, né? Aqueles que querem conseguir continuar, né, então, esse projeto foi uma benção de Deus pra a vida de todos e também para Bahia, né, para todos nós (risos).

Participante 15: Então, na minha experiência, né, em relação interpessoal, com o pessoal do meu trabalho, né, foi praticamente assim, maravilhoso, né, porque graças a Deus por onde eu passo, por onde eu trabalhei né, graças a Deus eu tenho uma ótima relação com todos, né, pode ser com chefe, com colega de trabalho. Então, assim, eu não sou uma pessoa que dá dor de cabeça. Se tem algo para fazer e fica um empurrando para o outro e fica aquela coisa feia, né, aquele clima assim, graças a Deus o meu trabalho quando eu passei e eu trabalhei, né, ali com meus colegas, fiz amizade com todos, né, não tenho do que reclamar, né, que até no ponto, no

momento que ele sabia que eu ia sair, né, fizeram de tudo, né, conversaram com a instituição que era para não deixar, entendeu. Então, assim, como o programa não poderia, né, deixar que como é dois anos, então, assim eles ficaram assim meio tristes, né, que assim, porque eu fiz amizade com todos, né, e assim no trabalho onde eu estava, na lotação, graças a Deus eu fui bem, né. Eu dominei o domínio assim, o sistema, né, aprendi com mais facilidade. Então, o serviço que eu fazia era com mais rapidez e eficiente, né, fazia de forma praticamente assim, para não falar perfeito, né, porque sempre a gente dá algum erro, apertou uma tecla errada, tudo, né, mas eu fiz um trabalho excelente, entendeu? Então, é porque que as pessoas que trabalham naquele setor tinham anos que trabalhavam, né? Então, eles aderiram um padrão deles, né? Aderiram um padrão deles de trabalho, então como a gente está assim, bem mais novos de que eles estavam naquele setor, né? Então chegamos trazendo novidades, né? Um conhecimento que nós tínhamos, trazemos um conhecimento bom, né? Então, a gente passou para eles, compartilhamos, então, o setor começou a passar atender o produtor melhor, de forma melhor, com mais rapidez, mudamos a cara da instituição daqui da cidade, né? Porque antes... a instituição, ela não atendia... boa as... pessoas, né? Os produtores não tinha aquela ótima recepção, né, então quando nós chegamos na... aqui na ADAB nós... a modificamos, né, modificamos assim, a forma do atendimento, né? A forma do atendimento, a forma de recepcionar as pessoas, então, a gente conseguiu mudar a cara da...do órgão. Então, as pessoas começaram a elogiar nosso trabalho na...naquele órgão, começaram a dizer, poxa, esses rapazes que estão aqui agora, entendeu? Porque era eu e uma colega, né? Que nós também participamos da FLEM, era eu e uma colega minha que entramos, então, nós demos uma cara nova à instituição. Então, as pessoas... nos aplaudiam conversavam com nós se abria, falava poxa agora aqui tá melhor, antigamente era assim, assim. Então, foi um prazer imenso, entendeu? Então, assim o pessoal do...trabalho onde a gente trabalhava, chefia, as pessoas sempre...eles nos liga ainda, até hoje nos liga, manda mensagem, pra saber como nós estamos, assim são pessoas ótimas, então, eu fiz uma relação boa, bacana, entendeu? Fez amigos, né? Que até hoje falam comigo no trabalho, pergunta se eu estou trabalhando, se eu estou, entendeu? Então, para mim foi uma experiência boa, né? Tipo assim...positivo, né? Que muitos, infelizmente não estão em todos os lugares, né? Mas eu, minha pessoa, eu, o Participante 15, eu não tenho rixa, não faço...o que for possível para evitar uma confusão briga eu faço, né? Em vez de...provocar briga aquela coisa ali eu não...primeira coisa que eu penso não, não vou fazer isso não, tal. Apaziguar é a melhor forma, né? Então assim, eu tive relações impessoais boas, meus colegas até hoje ainda tenho contato com eles, então, assim, nós mudamos a cara da instituição na nossa cidade, fizemos a diferença e o programa foi bem aceito, né? Todos passaram a ver que os meninos

daFLEM, né? Faz um ótimo trabalho, ótimo serviço.

Participante 15: Então, assim, é a mesma coisa que meus colegas falaram, né? Que a gente não... como meu amigo disse aí, o Participante 14, né? A gente vamos um pouquinho para ler é uma benção, né? É meio complicado, né? Mas...a gente no trabalho graças a Deus não tenho do que reclamar, né? Não tenho do que reclamar dos meus colegas, né, por eu ter sido uma pessoa é...compreensível, né? Paciente com meus colegas e...então assim, a gente no meu trabalho, eu e minha colega também fazia parte da FLEM, a gente graças a Deus...fizemos um bom serviço, né? Trazemos uma mudança, né? Demos uma cara nova à instituição no qual... as pessoas... reclamavam muito, né? Por não ser recepcionada, né, que tem aquele ditado, né? Que a primeira impressão é que fica, né? Então quando nós chegamos lá, demos uma cara nova, demos uma outra impressão, né? Fizemos a diferença, então por causa disso, nossos chefes começaram a...assim, a ser...além de ser chefes, mas também ser nossos amigos, né? Viu que nós estávamos mostrando serviço, mostrando o trabalho, então a gente conseguimos fazer o nosso trabalho, né, alegre, contente, nós trabalhava, tinha horário para entrar, horário para sair, né? E nós tínhamos total liberdade no nosso trabalho, né? Vocês vê que nós trabalhava ali naquela instituição, mas nós éramos tão diferentes, que nós tínhamos nossa própria liberdade de estar ali no nosso trabalho, por espontânea vontade, de sentar, fazer o nosso serviço. Às vezes nós fazia lá um cafezinho, né? Que lá tinha um fogão, no... setor, onde nós atendia tinha um fogão, nós fazia lá um cafezinho ali. Dava para os produtores, né? Então era uma coisa muito boa, muito bacana, então, eu não tenho do que reclamar do meu ambiente de trabalho, graças a Deus lá nunca nós tivemos nenhum tipo de assédio, tanto imoral, né, físico...nada, graças a Deus as pessoas que nós trabalhávamos eram pessoas de respeito, pessoas trabalhadoras, pais de família. Então, foi uma experiência bacana. Então, foi uma experiência muito boa, né? E que...lá deixamos uma boa... impressão, né? Quando nós saímos de lá nosso chefe perguntou: e aí quem que vai vir trabalhar agora? Quem é que vai vir agora para cá? Nós não sabemos, só quem sabe quem vai mandar é a FLEM, então...

Participante 15: Eles ficaram preocupados, né? Ficaram preocupados em quem seria o próximo, aí a ocupar a lotação. Então, esse é o motivo que nos...faz sentir alegria, né? Ver que...a diferença, né? Faz... ali...o nosso ambiente de trabalho ele mudar, né? Mudar as caras, até veio os próprios chefes, eles já estão tão acostumados com aquele ambiente deles, né? A rotina, a forma como eles trabalham, que eles nem se importam com isso, mas quando nós chegamos, fizemos ali uma nova visão, trazemos conhecimentos diferenciados, conhecimento que nós aprendemos no... colégio e então foi muito bacana a experiência.

Participante 16 : Em geral, minha experiência com as outras pessoas foram bastante positivas, porque, por serem pessoas mais velhas, eram bem receptivas para conversar, trocar experiências. Com o colega do primeiro emprego mesmo eu só tive mais contato com uma menina, porque na base daqui de Serrinha tem dois locais diferentes dos locais físicos, que é a FUNASA e tem a base que fica em outro local e lá nessa FUNASA só ficava eu e ela, então, teve mais contato só eu e ela, mesmo, mas aqui acho que se eu não me engano teve uma época que aqui tinha 14 trabalhadores do Primeiro Emprego, mas mulheres, mas a gente não tinha muito contato e ele falou que teve dificuldade com algumas pessoas, Claro, dificuldade a gente sempre tem e sempre vai ter em um local, mas sempre tentando respeitar a pessoa porque às vezes não está preparada para receber novas pessoas ou então por questões pessoais não quer ter amizade, mas em relação ao trabalho a gente sempre procurou agir de forma profissional, respeitando e a gente tava ali para cumprir nosso trabalho, né? De qualquer forma, a gente procurava respeitar e fazer o que era proposto para a gente sempre.

Participante 18: (...) E foi muito bom. Na verdade, o pior foi quando terminou. Porque infelizmente a gente se acostuma com local de trabalho e acaba tendo que dar tchau, né, mais uma experiência, a gente tem que acostumar demais com aquele lugar. Teve gente que não teve uma experiência muito boa com os chefes ou funcionários, teve outros que teve. No meu caso, eu tive que era...muito...meu chefe. Na verdade que teve uma troca, foram muito bons, a gente tinha uma boa liberdade lá. Não tinha esse negócio de perguntar demais, podíamos brincar, podíamos rir. E sem contar com comentário de fora, né, que era outro pouco, é que foi que acabou acontecendo, também era esperado. Então para mim a maior experiência foi isso, o contato com as pessoas.

Participante 18: No meu local de trabalho também sempre foi um clima harmonioso, não tive muito contato com os colegas do Primeiro Emprego. O setor que eu trabalhava era só eu mesma. De início foi um pouco assim.. pra eles as pessoas mais velhas do.. do local de trabalho foi meio receoso pelo fato de tá chegando uma nova estagiária e a gente não sabe como é o domínio dela com as técnicas e tudo mais, mas isso só foi mesmo no início com o tempo, né? com o decorrer do tempo, a gente foi ganhando formas e conseguindo se adequar às atividades, é...foi um período também pra mim de muita responsabilidade, onde eu tive que praticamente assumir o setor como técnica, é...eu também ajudava outra estagiária já que era dentro da universidade, onde tinha os alunos também que eles iam pra lá fazer os estágios e acabava eu me sentindo bem porque estava também contribuindo para aqueles estagiários estar ganhando também experiências, então, foi um período muito importante porque com

isso aprendi com eles e eles aprenderam comigo.

Participante 20: Bom, foi bem interessante. Eu tinha três chefes diferentes e cada um deles tinha uma personalidade bem fortes. Um era muito brincalhão, outro é muito sério e a outra era meio termo que o nome do termo, então, foi interessante pra caramba para lidar com as três situações, mas, com certeza, assim...mas tive que aprender a lidar com os três e eram formas diferentes de lidar, então, acaba que eu tinha que pensar muito antes de falar todas as coisas e apresentar algum trabalho, de perguntar sobre algo, foi interessante e bem, construtivo.

Participante 20: Na verdade, o pessoal ficava bem animado, né? Muitas achavam incrível a forma que o Primeiro Emprego queria inserir jovem no mercado de trabalho, então, eles gostavam muito, sempre faziam alguma pergunta de como entrar, qual eram as formas que tinha para poder ser...selecionado pelo Primeiro Emprego, então...foram coisas, mas foram coisas boas, eles ficavam bem animadas com a questão do Primeiro Emprego. Sempre que alguém perguntava...o porquê do programa eu tentava explicar e eles cada vez mais ficavam mais animadas ainda, então, foram coisas positivas.

Participante 21: Minha relação foi das melhores. Principalmente eu tive três chefes na Farmácia, sempre tem personalidade diferente, busquei sempre entender para ter a melhor relação possível no trabalho.

Participante 22: É.. no primeiro ano do programa, só tinha eu e mais um emprego e foi supertranquilo. No segundo ano, já foi eu e mais duas pessoas do primeiro emprego e também sempre foi muito legal. Até teve...se não me engano, alguma programação no teatro. Eu esquecio nome agora.. Castro Alves, se não me engano. Foi superinteração, a gente saiu, se divertiu,

aprendeu bastante, né? foi até no dia da premiação, né? do...dos projetos, né? principalmente do primeiro emprego, recebeu prêmio também lá, é... em relação a outras pessoas, sempre foi muito bacana. Tudo que eu precisei lá, de tirar dúvida, de conversar... tanto profissionalmente,o pessoal, todos estavam ali para mim, achei muito interessante.

Participante 23: Meu ponto focal era excelente. Eu não tenho nada pra falar dele. Eu .. dele, do pessoal...sempre disposto a ajudar. Agora com a equipe também, não tenho nada a reclamar. Sempre fui tratada bem, era uma relação muito boa.

Participante 24: (...) Mais tipo assim, como meu ponto focal o relacionamento era bom, entende? Tipo assim, como ali ele era meu chefe tinha que haver respeito das suas partes, como eu sempre fui é...tipo assim ensinada “é seu chefe você tem que respeitar. Está acima de você” e também da mesma forma os meus chefes me respeitavam. Era coleguismo mesmo, entende? Com meus colegas de trabalho também. Em Salvador que eu tive uma colega do mesmo Programa que eu, por que aqui por muito tempo eu fui sozinha, no caso era a única do Programa Primeiro Emprego e lá conheci uma menina que era também do programa e era excelente a nossa relação. Era de autoajuda mesmo. Uma ajudava a outra o tempo todo.

Participante 25: A minha chefia direta era uma pessoa maravilhosa, eu aprendi muito com ela, muito pessoalmente, profissionalmente. Ela inclusive era advogada, que é a minha área e eu meespelho muito nela. Até hoje eu tenho contato com ela e com algumas pessoas. Com meus colegas do Primeiro Emprego também não tive nenhum problema, a experiência foi ótima. Inclusive eu era representante eu.. antes era uma pessoa...essa pessoa saiu, o contrato acabou, eu fiquei como representante no Primeiro Emprego, então foi tudo tranquilo.

Relações negativas no trabalho (situações de preconceitos, racismo etc.) (26 falas)

Participante 1: Quero. Comigo aconteceu desse jeito. Eu cheguei para trabalhar, foi o terceiro ou quarto dia, e uma pessoa falou: “nossa, funcionária nova!”. E a funcionária mais antiga, né, por ser Estado ela “não, ela não funcionária não, ela é do primeiro emprego” É...Quer dizer, ela quis de certa forma me rebaixar um pouquinho me constrangeu sim fiquei com um pouquinho de vergonha, não por ser do PPS, mas pela forma que ela falou, né, desmerecendo por eu e minha colega ser do primeiro emprego. É...e hoje tem paciente que chegar lá na farmácia e pelo vidro já sim chama aí quando a gente vai lá: “ não, quero que você me atenda não quero que fulana me atenda porque ela é mal educada é assim assada e hoje eu já desenvolvo já que lá alguns funcionários não fazem. Quer dizer, eles depois que a gente chegou lá, eles perdem, eles não chegam no horário, é... às vezes não vão trabalhar e fica

toda aquela carga é ali em cima da gente e ao invés de trabalho está sendo em dois não tá só em um, e é tanto que a minha chefia fala assim: “poxa, Participante 1 se eu pudesse trocava todos só por um que é você para que você ficasse e não eles que são a maioria e não fazem a menor diferença”. Então é...me senti constrangida na época por conta dessa funcionária que disse que eu não era funcionária de lá era do primeiro emprego, aí me constrangeu, mas assim passou, eu acho que ela agora me enxerga com outros olhos, ela viu a capacidade que eu tinha não de ser melhor do que ela, mas por ela já tá ali há bastante tempo que eu por ter entrado há dois anos, me destaque bastante. Hoje as pessoas vê isso, até as próprias colegas enxergam.

Participante 2: Eu sempre tive...sempre fui uma pessoa meio que difícil de lidar, na escola em casa... então assim, me fez...o meu ambiente profissional, pessoas diferentes, culturas diferentes, de níveis sociais e conhecimentos intelectuais diferentes me trouxe essa necessidade de literalmente aprender a me enquadrar, ah.. a me comportar, me portar de maneira impessoal, me portar de maneira imparcial em relação a algumas coisas. Eu sempre tive um problema, eu sempre fui muito de me posicionar em relação a tudo. Eu gosto de me posicionar. Então tive um problema mas tanto que eu fui transferido de alguma unidade por conta disso, porque um chefe, ele me...ele me taxou e nunca me atraso, eu não gosto de atraso. Sempre chego cedo no horário, antes até...e aí um dia eu me atrasei. o celular não despertou e eu me atrasei...E aí a primeira mensagem que ele mandou foi no meu privado, é... Bom dia! não trabalha mais não? E aí eu cheguei no grupo, como era orientação no setor a gente chega no grupo e informar se tiver algum contratempo ele falou: Bom dia! Você não tem mais horário não? Eu me posicionei, claro! Bom dia, antes de você falar, procure saber. Pronto! Foi isso aí. E aí quando eu cheguei ele falou para passar no RH. Eu disse: quando eu chegar aí você fala comigo até porque, Alan, a empresa, ela não me fornece celular pessoal, corporativo para ficar utilizando o meu telefone pessoal para falar com você...eu só fiz para deixar você ciente do que tava a par, mas se você não tem maturidade suficiente para agir dessa maneira, não tem problema. Porque pessoalmente com certeza você não me diria o que me disse, mas enfim... vamos pra frente. Aí cheguei, chamei o RH e falei com o diretor e disse: oh.. ainda o diretor do RH ainda me chamou pra conversar.. – Participante 2, meu filho, o que foi que aconteceu? Não tô entendendo. Eu disse: eu que não tô entendendo, depois de um ano e meses já, eu que não tô entendendo, aí ele: a gente nunca teve problema com você de nível técnico por questões de não saber e eu não estou entendendo o que está acontecendo. Aí eu: não entendi, eu achei muito equivocada a fala dele e como chefe imediato ele poderia ser menos intransigente em relação a algumas coisas e procurar se quer tomar conhecimento devido

à situação, antes de sair por aí falando da maneira que ele achou que deveria falar... num grupo onde não só tinha eu e ele, existiam várias outras pessoas, certo? Então, isso foi uma das situações que mais me marcou assim no programa em questão de aprendizado. Hoje já tô em outra unidade. Tô muito bem, obrigado. É...assim, eu adoto posturas que não.. normalmente no início do programa eu não adotava.. entendeu? Essa questão depois que aconteceu isso mesmo, celular pra mim no trabalho morreu...Tem número? não. Ah..queria falar com você. Oh... infelizmente meu número pessoal é só meu e não passo para ninguém de trabalho não. Até para evitar certo tipo de atrito, eu prefiro não me posicionar mais em certos tipos de situação...evitar.

Participante 2: Eu tava esperando chegar nesse ponto, se não chegasse eu ia tocar nesse assunto. Eu sinto que os meus colegas vão concordar comigo acredito eu, que existe uma certa desvalorização dos profissionais quanto ao profissional do primeiro emprego, né. Às vezes, eles têm uma visão de inferioridade sim, digo inferioridade sim. Como se você fosse, às vezes, não só como estagiário que tá ali para aprender, mas como se você fosse um profissional “inqualificado” sabe. Porque o estagiário ele tá ali pra aprender. Todo mundo sabe que ele é estagiário, ele não chegou ali sabendo, que ele tá ali pra aprender a profissão. E o profissional primeiro emprego, às vezes ele ficar malvisto mal no sentido de...por conta dessas inviabilidades que acontecem no momento do ensino, nem sempre você sabe que isso aqui é um mouse e que está aqui, como é feito isso, como funciona. Às vezes você passa uma insegurança para o usuário, você passa insegurança para o cidadão que tá usufruindo o serviço o qual você oferece. Então assim, e aí os seus colegas [...] a ascensão maior na empresa, por terem cargo de um pouco mais de autonomia, de poder em relação ao seu cargo, eles acabam lhe censurando, acabam lhe...os olhares falam por si. Eu costumo dizer muito isso, que os olhos são a porta da alma. Então, assim, tem gente que te olha de uma certa maneira que chega a lhe constranger. E já vivi situações, não comigo! Eu nunca tive esse problema, não. Mas vivi situações de Poxa!...eu ficava super incomodado com coisa que não foi nem comigo, sabe? De uma pessoa olhar pra você e...medir assim. Só porque tá usando uma farda? O que difere o profissional de farda para um profissional que não usa farda? O que difere meu crachá que a fitinha verdinha pro seu que é azul marinho, que tem escrito governo da Bahia, só? É...a sua profissão ela é muito, ela é muito taxativa no sentido de cargo ou no sentido de profissional? Que a minha, meu sentido de profissionalismo, vai muito para além de cargo. Vejo milhares de pessoas que têm um cargo e não têm qualificação nenhuma e vejo profissionais como esses daqui que não têm um cargo. mas que são super hiper mega

profissionais no que fazem. Fazem e fazem muito bem feito, fazem por mim, por você, duas vezes mais. Então, eu acho que isso é uma crítica que poderia sim, e eu trago isso, não só por mim, mas por outros PE que talvez não tenham essa oportunidade de falar...de valorização, no sentido de posicionamento dentro da empresa, de posicionamento das pessoas, de importância, de saber a importância do profissional primeiro emprego ali. Claro que nem todo mundo cai num setor como uma mãe, como o Participante 3, que as pessoas estão ali para ajudar. Nem todo mundo cai num setor que tem as pessoas ali pra incentivar. Existem pessoas sim, que sofrem certos tipos de constrangimento só por conta de serem primeiro emprego, entende? “Aa, é jovem, imaturo, não sabe, tá inseguro.” Gente, tudo isso é normal. Só que eu tô falando assim, com ar de indignação, porque eu vivi uma situação muito próxima a mim...de uma funcionária que ela recebeu aos berros uma reclamação que poderia ter dita em palavras: “Ó fulana, não é assim que se faz não. Você sabe, não sei se já lhe passaram, mas a [...] ela é feita dessa maneira”. Mas não “Eu acho melhor você voltar pro seu curso técnico, aqui não é lugar de quem não sabe as coisas não. Você tem que vir de lá sabendo. Se você não se sente preparada para fazer o que você tem que fazer, volte para a escola.” Foi isso que ela ouviu e não nesse tom que eu tô falando que você não, a sala inteira ouviu. Então, eu acho que às vezes falta um pouco de...só um pouquinho que seja, de simpatia das outras pessoas no sentido de respeitar o outro, de respeitar o profissional, sabe? Que às vezes a pessoa que tá ali, aquele próprio profissional do primeiro emprego, vou falar agora num contexto mais social, ele saiu de casa, talvez ele não tinha com quem tomar café. Talvez ele enfrentou o trânsito insuportável, ônibus lotado. Não é vitimismo não, é realidade! A gente sabe que a realidade cada um tem a sua, justamente por saber que realidade cada um tem a sua, posso colocar esse argumento em pauta. Porque assim, eu não sei o que você passa para chegar no trabalho todo dia. E aí? Eu não tenho direito nenhum, independente da ascensão que eu esteja sobre você, do poder que eu tenho, da autonomia que eu tenho sobre o seu cargo, de lhe dizer desaforo, de lhe dizer [...], de lhe menosprezar na frente dos colegas. Então, é uma crítica que eu faço com relação a isso, no quesito relacionamento, e eu acredito que de outras colegas você vai ouvir muito isso aí. Se você parar, você vai ouvir muito isso dos PEs. Então, é só isso que eu tenho a falar.

Participante 2 : É. eu vivenciei eu vivenciei não...eu vivenciei de perto de uma colega minha,

ela já era novata no setor e aí aqui mesmo em Salvador e aí o chefe começou a assediar pelo

WhatsApp, aí eu disse a ela: ô...ela chegou assim almoçando numa roda de amigos jogando e

tal no horário do almoço, ela foi “gente não sei o que eu faço” aí o que foi? “Fulando está fazendo isso, isso, isso...” e aí mostrou a conversa, ele literalmente assediando se inclusive se você quiser mais tarde eu te dou uma carona até em casa. Aí ela falava que “não, que não tinha necessidade, que ela tinha transporte” assim até para não tentar ser grossa, tratando assim de um chefe imediato, ela não queria deixar um clima chato e não queria meio que se “queimar”. Ela achou que isso poderia queimá-la diante de algumas situações, e aí procurou ir levando namaré mansa e na no banho-maria. E aí, depois, ela se posicionou e tal, falou com ele que não estava achando certo que era melhor ele parar, ela estava interpretando de outra maneira, que não era o que ele estava querendo passar para ela, que ele parasse, até por questões de respeito a ela e tal. Também foi a única situação que eu vi de perto, o resto não posso falar.

Participante 3: É...dificuldades existem sim, com certeza, todos nós passamos por ela. Existe inclusive pelo que ela falou, pelo que ele falou logo quando eu cheguei, logo no primeiro emprego, né, quando eu virei beneficiária e fui para lá é...pro meu órgão o que foi que aconteceu? Surgiu este logo, um problema em um computador, Sou técnica de manutenção e aí... o que aconteceu? Surgiu esse problema e aí colocaram lá. Meu Deus do céu! Não tenho, eu vi, me vi diante da situação que eu não ia conseguir resolver e agora eu me cobrei, realmente...eu me cobrei, mas e aí? E quando aconteceu alguma pessoa que trabalhava lá é... chegou aí viu isso e “você não fez o curso? Você não sabe consertar? Você não sabe o que é que tá acontecendo aqui?” E aí quando eu falava o que realmente eu achava que tinha acontecido com a situação aquela pessoa ia e dizia: “será? Vou levar para um técnico que entenda melhor a situação” e aí como é que eu fiz...beleza, aquilo me incomodou, entendeu, e quando meu fiscal foi fazer a visita eu fui sinceramente e falei para ele “oh...é...eu senti dificuldades para enfrentar essa relação aqui que aconteceu isso tal dia, eu não sei ao certo, maseu até coloquei na pesquisa, nas quatro etapas que eu fiz do... coloquei até sobre isso que eu sentia muita dificuldade de fazer, de consertar, de ver qual era o problema, né... e tentar aí o que foi que aconteceu é... a mesma pessoa, né, no caso inventou de consertar ela por si próprio mesmo, que eu não ia conseguir, eu vi que não ia conseguir, porque ali é um problema de soldagem até numa placa mãe não prestava mais, eu tentei falar isso né... aí a pessoa se eu achoque, por sabichona, né... foi tentar consertar aquela peça e, moral da história, danificou totalmente a situação do computador todinho e aí o coordenador cobrou dessa pessoa o que foi que tinha acontecido, porque tinha acontecido isso, como foi acontecer isso. E aí queria até, né... me culpar, né... mas aí outra pessoa falou: “não, ela nem tocou no computador” que

tinha acontecido, né, a situação eu não toquei e só foi aquela pessoa que tocou lá e que danificou realmente todo logo de uma vez. E aí essa pessoa foi até transferida da área por conta disso, por conta de querer saber mais que os outros. Ninguém nasceu sabendo, ninguém... para pessoa poder entender como o Participante 2 falou mesmo, da questão do mouse, né... ninguém vai pegar um mouse e tem que saber o que a peça tem, tem que ver, tem que conhecer direito, porque ninguém nasceu sabendo hoje, entendeu? Então, é isso aí... então, a partir desse dia eu prometi para mim mesmo que eu ia me superar em todas as etapas e ia ver eu realmente o que é que tá acontecendo, qual era a situação inclusive é... o meu coordenador falou para mim: “Sevocê souber mexer na peça mesmo, beleza, mas se você não souber, você pode deixar que a gente vai chamar uma pessoa que entenda melhor da situação e você vai acompanhar essa pessoa fazendo, porque, até eu, com um conhecimento novo até para você aprender uma coisa que aconteceu, aí chega uma pessoa que entenda melhor que você, aquela pessoa vai explicar melhor como é que funciona, né...” Então, foi isso que aconteceu, aí depois disso é...quando acontecia esses problemas, eu sabia encarar de frente, tentava resolver, né...quando eu não resolvia acontecia isso de ele chamar uma pessoa que entendia melhor e aquela pessoa conseguiu realmente resolver o problema e aí eu ficava acompanhando para ver como é, eu queria saber como era, entendeu? Porque a melhor coisa é da pessoa para o conhecimento mesmo é ser curioso, aprender coisas novas a cada dia. Então, era isso que surgiu esse problemaaí e de fato, quando essa pessoa falou isso, eu me senti um pouco aqui como a Participante 1 falou, rebaixada um pouquinho, né...Porque falou assim: “você não veio do primeiro emprego não é técnica de não sei o quê, sabe consertar?” Fiquei até assim meio desmotivada, né...mas me coloquei para frente e aí passei para o meu fiscal e aí ele tentou resolver a situação, convocouuma reunião, foi isso aí...

Participante 6: O primeiro emprego ele, assim, beneficiou muito mesmo. Na verdade, a questão mesmo dos problemas que eu enfrentei não foi pelo fato de ser o primeiro emprego, na verdade foi realmente o local onde eu estava. No primeiro local que eu trabalhei, eu tive, eu enfrentei alguns problemas, né, com as pessoas de lá. Na verdade, assim, se eu encontrar na rua cumprimento normalmente. Nada que...não ficou nada pendente, assim que eu fico “ ah meu Deus, que raiva daquele pessoal que não sei o quê”...não! Não foi bem isso. Foi, na verdade, teve algumas desavenças lá (...)

Participante 6: Na verdade, como eu tinha citado, embora, assim, a gente tinha alguns momentos nos dois locais, tinha um momento que eu acabava discordando de alguém, mas eu preferia não criar nada de...criar uma tempestade num copo d'água. Se eu estava assim, não

concordava com alguma coisa, eu procurava dar minha opinião da melhor forma para não ter briga, nem nada e continuar a paz e união no ambiente. (...)

Participante 6: Eu tive um problema parecido com o Participante 8 porque...lá onde é nos dois lugares na verdade eu tive esse problema. No primeiro local é...teve uma ocasião que eu tinha arrumado as provas porque, né, no supletivo são feitas as provas, tipo assim são três dias no mês tem as provas, né? Então, nessa, antes das provas a gente tem que organizar todas as provas, tem que ajudar os professores a montar enfim, tinha várias questões. E aí como eu trabalhava à noite é...a coordenadora do local foi lá e falou: “olha Participante 6, monta e...separa as provas bonitinho por sala, por matéria e tudo mais você pode separar aí você me mostra se tá tudo certinho” Porque não era eu que fazia antes e aí nesse dia precisou que eu fizesse aí eu de prontidão fui fazer. E aí no outro... aí, ela, a coordenadora viu e falou: “não, tá tudo certo, tudo bem”. Guardei onde geralmente era guardado. E aí, no outro dia, uma moça que trabalhava lá, ela sempre tipo aquela funcionária assim que...eu quero...ela era uma ótima funcionária não tinha o que reclamar dela, porém ela...ela agia como se ela só ela pudesse ser a boa funcionária, que se houvesse alguma vaga de alguém ficar lá ela iria ficar porque ela era a... entendeu? E eu não tinha isso na verdade eu sou uma pessoa que eu gosto de fazer o certo, da maneira correta, dar o meu melhor sem pisar em ninguém, mas...aparentemente não era o que ela pensava também. E aí as provas no outro dia ela trabalhava pela manhã e pela tarde e eu só trabalhava à tarde à noite e aí no outro dia de tarde eu cheguei para trabalhar e aí eu vi que ela estava pegando todas as provas e jogando no chão, como se ela tivesse desarrumando tudo e ela iria arrumar de novo como se o meu jeito tivesse errado sendo que a coordenadora já tinha já verificado e tinha dito:...“não, está certo pode guardar” e aí...eu perguntei a ela assim: “você tá jogando no chão porque está errado ou porque você quer jogar no chão porque você quer arrumar do seu jeito?” Ela falou: “eu quero jogar no chão porque eu quero arrumar do meu jeito” e aí eu já tinha percebido algumas outras atitudes dela de que ela estava...como o colega falou é...ela estava meio que sentindo ameaçada “Não aquele é meu serviço, só eu posso fazer que se ela tá fazendo certo ela tá fazendo meu serviço ela vai tomar o meu lugar” mas eu não tava ali para isso, eu não queria tomar o lugar de ninguém, que se eu conseguisse alguma “suposta vaga” que tivesse, né...futuramente seria por mérito meu, não por pisar em ninguém. E aí...teve algumas desavenças, mas nada que aí eu vou parar de falar com ela, aí eu não vou querer que eu fique com ela, muito pelo contrário, eu na verdade... respirei fundo e falei olha não vale a pena brigar então, vou continuar normalmente, então, a gente continuou convivendo normalmente, a gente brincava na hora que todo mundo brincava, a gente

conversava normalmente eu não tive esse problema. E no outro local de trabalho também tive uma questão parecida. Eu era... o meu setor eu era a auxiliar do setor, então tinha que era a oficial do setor e eu era a auxiliar e... na verdade assim ela... essa pessoa ela... precisou tirar férias... um mês depois de eu ter entrado no setor, então assim eu não sabia muita coisa, mas eu procurei aprender logo tudo muito rápido pra... quê... quando ela precisar se ausentar eu ia tomar a frente então, né? Não tive muito problema. E assim foi. E ela tirou as férias dela, alguma dúvida que eu tinha tirava com o superior de nós duas, então não teve problema. E assim foi... foi seguindo os meses decorrentes e aí aconteceu de que... ela percebeu que eu estava já aprendendo ela: “bom vou começar a faltar aqui uns dias”. E aí na verdade esse não foi o meu problema, né? Na verdade esse não foi o problema é... o que tinha de fazer lá eu fazia não tinha esse problema, na verdade é... eu procurava aprender, porque se precisasse de mim e ela faltasse, eu estaria lá para atender as necessidades mesmo sendo auxiliar porque... não é porque eu era só auxiliar que eu não ia deixar de fazer as coisas que eu pudesse aprender e botar em prática. E na verdade é... aconteceu isso mesmo ela... tinha uma amizade com uma moça lá e essa moça na verdade já tinha tentado prejudicar é... mais duas colegas minhas do primeiro emprego, ela já tinha tentado prejudicar e aí ela juntou... essa que era oficial do meu setor juntou com essa amiga dela que também já tinha tentado, né, prejudicar e aí tentaram me prejudicar também é... falando coisa para o diretor, para o RH e aí depois eles acabaram conversaram comigo e tudo foi resolvido, mas na verdade as pessoas acham que pôr a: “é o primeiro emprego ou é a estagiária” o pessoal acha que a gente é menos, mas, na verdade, não... na verdade, às vezes as pessoas mesmo que estão no estágio podem fazer um serviço surpreendente não é, porque a pessoa é o primeiro emprego que tem um contrato ali de dois anos ou que a pessoa estagiária que ela vai fazer um serviço menor. Não! Muito pelo contrário, a gente tem no total é... valor total capacidade de fazer o serviço que é... nos ordenados de maneira assim excelente então... assim como colega citou também eu tive esse problema de as pessoas acharem que: “elas tão querendo tomar nosso lugar”. Não, muito pelo contrário a gente tá ali para fazer o que é pedido, a gente dá... com eficiência, então... eu tive esses pequenos problemas, mas que... eu consegui consertar ali da maneira da melhor possível.

Participante 8: (...) Tive também experiências negativas e com relação a público. Porque como todos sabem, mexer com gente não é fácil. Tinha pessoas que eram alteradas, teve gente que já tentou me humilhar ali, mas com relação a isso eu me saí muito bem, né. É tanto que o coordenador, ele mesmo que se, ele mesmo se colocava no lugar dele, né, do Coordenador e nos defendia. Falava “não, tá certo, a função dele é isso e isso e acabou, o senhor que está

errado”. Então, era dessa forma. Aí, foi isso, a experiência negativa com relação ao público, mas com relação aos colegas de trabalho eram excelentes.

Participante 8: No meu caso teve sim essa questão, né. Da pessoa primeiro emprego e algum colega achar que nós somos inferiores, né. Tive um colega de trabalho que ele não aceitava, né, que nós fossemos, chegássemos no mesmo patamar que ele, né... que é funcionário antigo, né, muito tempo... e nós chegamos recente, chegamos no mesmo patamar que ele e aí não aceitava, falava “ah, mas primeiro emprego não tem muita força.” Só que aí houve uma reunião com o coordenador, o coordenador solicitou essa reunião e explicou: “ os meninos do primeiro emprego, eles estão aqui, eles são iguais a cada um aqui. Não tem diferença nenhuma. Todos estão no mesmo patamar, né.” A questão foi porque a pessoa se sentiu insegura com relação ao nosso aprendizado, porque nós, como somos jovens, né, o aprendizado acaba sendo bem mais rápido e aquelas pessoas que estão ali há mais tempo elas não aprendem, não aprenderam aquilo com facilidade como nós. Eu mesmo, eu não tive dificuldade nenhuma para aprender no sistema do Detran, isso e aquilo. Então, essa pessoa se sentiu ameaçada achando que chegamos lá para tentar tomar o lugar dela e aconteceu essa questão, mas me saí muito bem. Eu, como Participante 6 expliquei, né, em vez de fazer uma tempestade em copo d'água, eu resolvi ficar na minha, tranquilo, não comentei nada e continuei exercendo a minha função como se nada tivesse acontecido, né, para evitar qualquer tipo de tumulto. E a vida que segue. Até o coordenador solicitar reunião e explicar que nós estávamos ali era para o meu objetivo, que ele é atender melhor os usuários do Detran, então, negócio todo.

Participante 10: não... por tá sempre no mesmo ambiente respeitoso, todo mundo respeitava é... tinha dias assim, né, que vamos dizer assim: uma funcionária apenas às vezes descontava alguns problemas em quem não tinha nada a ver com quem tava ali é...mas é isso, eu não sofri desrespeito nem discriminação pela minha cor, nada, mas sempre tem aquelas pessoas que chegam que acham, assim, por você ser mais nova, que você é estagiária, ele deve menos respeito de tá falando com a funcionária do PPE, que está falando com a diretora sempre, tinha aí e a gente pode estar em qualquer local de trabalho. Quando você é mais novo. as pessoas acham que podem pisar em você ou falar de qualquer jeito e, na verdade, não é assim, porque todo mundo merece o mesmo respeito.

Participante 14: Logo de cara, assim, logo de primeira, teve um digamos que um conflito, né, meu com pessoal do RH, né. A diretora do setor, né, chefe do setor, eu acho, creio eu, né, digamos que ela não gostou de ser afrontada. Porque o setor que eu estava, eu não tinha conhecimento [...] lá na UNEB e quando veio aquela carta, né, para a gente comparecer à

instituição, que a fundação dá depois de certo tempo. Eu fui lá, né, me apresentar pra dizer que ia trabalhar lá e conversar com o pessoal do RH. E nessa conversa foi uma colega minha lá no setor informática e a gente tava bastante...né, que a gente não sabia como ia ser, essa coisa, né, coisa nova. E daí ela fez uma pergunta para a gente, se a gente se importava em trabalhar em outro setor, entendeu. E antes dela fazer essa pergunta, da gente conversar com ela, eu e minha colega távamos perguntando sobre isso em relação, né, e que a gente tinha sido orientada pelo pessoal da própria FLEM. O pessoal da própria fundação falou que não era para ir trabalhar fora do setor, né. E quando ela fez a pergunta e eu falei “não”, que eu me importava realmente, eu queria trabalhar no setor que eu estudei, porque é na experiência para mim eu ia aprender, entendeu. E eu ia saber realmente como é que funciona, porque nem todas as instituições conseguem passar uma prática, né, como o Participante 15 falou em relação à estrutura, né, da instituição. Então, eu queria realmente estudar e praticar aquilo que eu tava fazendo. E eu acho que assim, ela se sentiu afrontada, ela não gostou bastante e teve meio que uma intriga entre eu e ela já sim no primeiro dia, entendeu. E é, digamos assim, eu não abaixei minha cabeça e eu tive que conversar com o diretor da instituição, porque o pessoal do RH não foi muito com a minha cara e conversei, né, ele me explicou porque aquilo, porque eu ia ser direcionado para outro setor por conta do certo de número de funcionários aí. E foi muito legal, né, foi uma conversa assim bem flexível, nos entendemos. Então, essa foi uma primeira boa relação, né, que tive foi com diretor. Depois, foi com meu chefe, meu chefe de lá do setor, do ponto focal [...] que é ótimo, né. Assim é muito bom você trabalhar em um lugar onde tem aquela flexibilidade, você pode estar conversando, entendeu? E às vezes eu infelizmente chegava atrasado, porque tinha que pegar ônibus, moro do outro lado da cidade de onde era a instituição, tinha que pegar o ônibus, às vezes atrasava porque o colegiado só abria no período da tarde e à noite. Então, eu tinha que ir, a instituição tava precisando de alguém que trabalhasse à noite, pediu pra eu ficar nesse turno, né, então, me ofereci para trabalhar à noite. Então, acho que foi isso, né, foi digamos aquela relação de uma mão lava a outra, né. Eles apresentaram algumas dificuldades, estava com dificuldade de contratar pessoal para trabalhar à noite em determinado setor na biblioteca em pedagogia e eu me disponibilizei, trabalhei à noite, às vezes quando eu precisava fazer qualquer outra coisa, né. Isso não acontecia muito. Se eu precisasse de não ir, né, podia falar. Então, foi muito boa essa relação. Bom, a minha relação com RH não foi tão boa, mas com o resto do pessoal no setor que eu trabalhei foi muito bom. E o resto dos funcionários mesmo foi digamos que neutro, porque eu não tinha tanto contato. Então eu acho que é isso, eu acho que é impossível você não ter uma relação com a pessoa onde você fica quase dois anos vendo ela quase todos

os dias, né. Tem que ter algum tipo de relação e a gente tem que optar por uma boa relação, né, porque você tá trabalhando ali, obviamente é um trabalho, não pode estar sempre querendo cutucar tal pessoa assim, tal pessoa assado, não né? Então, tem que fazer o possível para ter boas relações, né. E foi isso que aconteceu, que bom, né, que aconteceu isso, que teve isso em relação.

Participante 16: (...) Inicialmente eu tive alguns...problemas, com alguns certos funcionários do meu local de trabalho, mas a gente aprende como lidar e como tratar essas pessoas, sempre com respeito, porque acho que, no meu caso, as pessoas que eu fui conviver em equipe, as pessoas já trabalhavam lá muito tempo. Muitos começaram, muitos novos trabalham lá e acho que alguns tiveram dificuldade de aceitar a gente, chegando agora, as pessoas novas, com novas ideias, mas isso ajudou a gente muito a crescer profissionalmente, porque a gente teve que saber lidar com isso e enfrentar a situação de uma forma madura, mesmo a gente tendo pouca experiência, teve que saber conviver dessa forma.

Participante 17 : Bom, é...a parte principal...que eu acho que todo mundo teve, né? que era alguém que acaba gerando conflito. Não comigo, mas sim com outros.. também tem o que.. foram dois colegas que...não é que tipo assim, tinha uma mulher que ela tinha 40 anos de serviço público, né? e assim ela queria impor muito o jeito dela, de algumas coisas, então, ela implicava com alguma besteira. Por exemplo, a gente tinha um comportamento mais jovial no trabalho. E o nosso chefe criticava esse lado da gente. Às vezes a gente brincava, ria, e tinha pontos inclusive que essa moça pensava que a gente tava rindo dela, mas não, a gente simplesmente estava no trabalho mais descontraído. (...)

Participante 17: (...) A gente tava ali, a gente tava fazendo um curso no qual a gente não exercia a maior parte da nossa área, como disse anteriormente, se a gente exerceu 30% da nossa área que estudamos foi muito e...o máximo que gente ia botar lá era uma experiência e sempre que chegava uma função para fazer, a gente de imediato fazia. tanto que o único problema que acontecia na maioria das vezes é porque como a gente trabalha com pessoas que estão longe, no caso a gente trabalha no Polo, entre aspas, né? De ensino a distância e precisamos das informações de fora. Ao....que dá problema mesmo era isso. Tudo que vem de fora demorava, então, acaba atrasando algum serviço, de resto, lançamento de notas, a gente entregava merenda, inclusive eu e outros colegas desenvolvemos problema de coluna por tá carregando sacos de merenda, porque não tinha um suporte correto para a gente, carregava merenda na mão, e depois do povo que via a gente e falava que a gente não fazia nada. Então, atrito teve, muito, bastante lá, se for contar que a gente passa umas quatro horas

no mínimo só comentando sobre isso, mas como eu comentei lá a melhor parte foi isso, a experiência de cada um dos nossos colegas era o tipo de pessoas que não levavam desaforo para casa. Então, teve duas vezes, inclusive, que uma colega nossa até chorou por causa de um ocorrido, mas teve tudo uma explicação e tudo porque assim... (...)

Participante 17: Bom, lá nesse.. da menina que eu comentei, né? essa colega minha ela é negra, se eu não me engano, teve um caso que ela comentou algo desse tipo, mas eu não tava presente, não vi. Só ouvi os comentários, porque assim eu tava na mesma área, mas eu tive lá umas três vezes, mas não cheguei a presenciar não. De assédio tinha, teve uma uma pessoa, né? assim a gente interpretou como assédio. Eu interpretei mais como pessoa solta demais, né? umas piadinhas meio... que para mulher eu acho que era sem graça e às vezes ele costumava muito chamar mais essa menina, mas isso.. como eu passei...foi logo no final, então, esse caso que eu comentei foram poucas vezes, não lembro muito mais de resto.. de racismo, de resto que eu lembre não presenciei muito.

Participante 18: Bom, pra mim, a parte principal de experiência no primeiro emprego foi mais o convívio com pessoas de pensamentos diferentes, sempre pensava em como seria um trabalho público que sempre tem um comentário, né, de pessoas que tinham picuinhas, briga entre um e outro, disputas por vagas. Então, foi uma realidade que eu também convivi e foi bom ter esse tipo de experiência. Porque qualquer emprego que a gente vai, vai ter gente desse tipo e a gente precisa saber lidar com esse tipo de situação até para ter um conhecimento mais profissional de como é realmente um ambiente de trabalho (...) Porque eu fui ser assistente técnico de informática, mas já era sabido que eu não iria exercer 100% de meu trabalho. Na verdade, se eu exerci 30% foi muito, a maioria foi trabalho fora, né, mas foi experiência (...).

Participante 18: Comigo na verdade aconteceu essa mesma situação aí que a colega Participante 17 mencionou. Eu também fiz o técnico em análises clínicas igualmente a ela, e aí, de início, quando eu ia ingressar no Primeiro Emprego, eu pensei que ia ser locada em uma unidade também de laboratório onde eu ia fazer análises técnicas, né, realmente a coleta do material, análises. E fui locada pra um outro patamar que foi pra um laboratório didático, porém eu não tinha esse contato com as pessoas fazendo a coleta, fazendo a análise dos materiais biológicos. Acabei também que tá tendo que tá trabalhando só com arrumação de aulas práticas, arrumação daqueles materiais pra utilizar durante as aulas. Então, eu não tinha aquele contato pessoal com as outras pessoas. Eu acho que isso eu tive que me adaptar a essa situação, mas teve pontos positivos porque dentro disso aprendi novas técnicas

Participante 22: Não do meu setor. Mas com a pessoa de outro setor, em um determinado momento eu senti essa...deixa eu ver o termo...não sei se assédio moral, mas enfim.. um toque diferente, uma conversa diferente. Eu cheguei a lidar, conversar, tentar explicar pra pessoa impor limites, né? E aí cheguei a perceber a situação e assim eu falei: “olha, o meu limite é até aqui, não vá”. No meu setor assim.. por que é um ambiente muito carregado.. a maioria é homem, né? tanto só tinha...no primeiro ano duas mulheres, no segundo ano que eu trabalhei só tinha uma mulher...no meu, no meu setor, então...a maioria como sempre, né? um pouco machismo, umas conversas internas ali, né? mas fora isso.. tranquilo. Soube muito bem lidar, conversar, explicar, tanto que eu cheguei a conversar com todos. Todos entenderam meu ponto de vista, foi um lidar diferente.

Participante 23: (...) agora com as pessoas em volta, né? É, eu sofria muito. Na verdade, todo mundo do Primeiro Emprego trabalhava no parque tecnológico, porque pra sair do parque tecnológico tínhamos que pegar uma van pra deixar no ponto mais próximo que seria no Shopping paralela. E aí não tinha...muitas pessoas não queriam que a gente usasse a van, por que não era nosso.. (inaudível)

a van era deles (inaudível)

Participante 23: Assim que eu cheguei na SEC (inaudível)...então, eu fui mandada para o parque tecnológico fiquei lá sem fazer nada, porque não tinha nada pra fazer. Depois me chamaram devolta pra SEC (...) Secretaria da APG?...e depois de três a quatro meses fazendo desvio de função. Teve essa parceria da SEC com a Instituição (inaudível), eles me chamaram e eu fui. E aí sim eu consegui desenvolver minha função de T.I.

Participante 24: Pra mim a experiência também foi excelente. é.. apesar do .. do que tem sempre no dia a dia que às vezes no caso realmente nos tratavam como estagiários é que (...) era informática, eu era pra ser auxiliar técnica, eu entrei na escola sabendo somente o que eu aprendi no colégio então, tipo não era tudo o que eu sabia por que realmente precisava de um tempo e tals pra eu começar a me adequar, mas só que infelizmente tipo sempre ‘ah você é técnica em informática e não sabe’ então essas coisas foram.. foram.. coisas que me fizeram crescer, entendeu? então eu sempre procurava fazer com que as críticas que lançavam sobre mim.. que fosse algo pra...tipo como escada pra eu crescer mais e mais.

Participante 24: Da minha parte, tanto em Pojuca quanto aqui em Salvador eu exerci a minha função somente quando acontecia algo, no caso como eu trabalhava na secretaria, acontecia algo na secretaria e, no caso, lá em Salvador tec. de informática não tava...era contratado pela

escola. Aí me chamavam, pediam pra eu dar uma ajuda somente. Aqui tipo eu entrava em contato com provedores de internet e tudo, mas não exercia a minha função o tempo todo, porque aqui não tinha uma técnica em informática assim...como é que chama? fixa. Então, eu ajudava no que eu podia e lá também. Tipo mesmo quando teve esse técnico eu era auxiliar, mas só que não me tratavam como tal. Sempre me tratavam como auxiliar administrativo. Então, eu ficava diretamente o tempo todo como auxiliar administrativa sendo que eu era auxiliar técnica em informática. Então... a minha função, no caso, que estava em carteira eu exerci pouco.

Participante 25: (...) Eu recebia muita crítica, porque trabalhava com a farda do Primeiro Emprego e muitas pessoas viam a gente como estagiário, chegava e dizia que não queria ser atendido por estagiário, não queria ser atendido por menina...e dali foi crescendo, foi experiência o tempo todo, desde ali até outros setores que eu passei foi crescimento a todo tempo.

Participante 25: (...) Já com as outras pessoas que não eram do Primeiro Emprego também foi tudo tranquilo, tudo ótimo. Sempre procurei é.. ter empatia com todos. Trabalhar com todos. Independente de você gostar ou não, enfim, é um ambiente de trabalho e só via como no projeto de melhoria que até o meu grupo propôs é que o primeiro emprego fosse o programa, mais conhecido pelas pessoas, porque muitas pessoas olhavam um pouco torto pra gente, achava que a gente era estagiário, muita gente acha que a gente é estagiário e não vê a gente como trabalhador realmente. Acha que a gente tem que fazer trabalho de estagiário, de menor aprendiz, trata a gente de qualquer forma. Alguns, por exemplo... no meu ambiente de trabalho lá tinha insalubridade e muitos ficavam olhando torto pra gente porque a gente recebia insalubridade e algumas críticaszinhas à gente, mas nada que não fosse resolvido.

Participante 25: Bom eu era técnico em informática pela formação do colégio que eu fiz, foi...mesmo por falta de opção, mas quase que eu cheguei; eu fui para a SESAB; eu trabalhei um mês na área, não gostava, não vou mentir, eu nunca gostei da área de informática e eu trabalhava mesmo sem o gosto e quando eu fui transferida para... a vigilância sanitária, eu comecei a atuar na área de auxiliar administrativo. Que era o trabalho mesmo que eu gostava e eu gostei de ficar, né? Na área mesmo que eu gostava da auxiliar administrativo, acho que era o que eu gostava de trabalhar com gosto. Era o que eu queria aprender, porque lá na vigilância sanitária não tinha o...setor que suportasse muita gente para...informática, então, eu fiquei na...na administrativa mesmo.

Eixo 5

Outros (3 falas)

Participante 10: Pelo menos aqui na minha cidade existe, tem faculdade assim é, pequena. Só que a maioria, todos os jovens, até o pessoal mesmo aqui sempre tá buscando fazer faculdade em Valença, Itabuna, Ilhéus e pega o carro, ônibus, essas coisas, o que impedia bastante era o assim o trabalho, então ou eu trabalhava e estudava. Eu optei por trabalhar para poder também ajudar em casa e aí eu fui deixando isso dos estudos, porque realmente não dava. O pessoal tá sempre chegando aqui uma hora, meia-noite, uma hora da manhã. Então uma coisa que não ia dar para tá pegando o carro, porque eu saía muito cedo para poder pegar o escolar e chegar no meu trabalho. A localização ela realmente impede um pouco, mas é isso mesmo como a gente tá falando aqui no interior do interior tem essas coisas por não ser uma cidade, vamos dizer cidade-pólo, então, a gente não tem muito isso aqui de ter faculdade, de ter mais oportunidade de estudo. O que seria muito bom e os jovens daqui, as pessoas da cidade aqui não precisariam sair daqui para fazer faculdade em outro lugar.

Participante 10: Deixa só eu interromper o Participante 11 rapidinho que a gente aqui do interior a gente sabe que a faculdade que tem é só pedagogia, então, se quiser cursar outra coisa que não seja pedagogia tem que ir para outra cidade.

Participante 11: Bem, mediadora. Por aqui mesmo, no interior...aqui o acesso à faculdade, pelo menos presencial, é meio limitado em que...é parecido à situação com a nossa amiga Participante 10 aí. E a questão de pegar transporte para a cidade, se quiser outra faculdade que não seja licenciatura. Fora isso só licenciatura que tem por aqui, presencial. As demais, né, EAD ou semipresencial tem disponível também, que é um pouco diferente. Muita gente trata com preconceito...

Saúde mental no trabalho (3 falas)

Participante 6: (...) Mas como eu citei, eu estava passando por uma situação bem complicada mesmo que eu estava, eu estava tendo acompanhamento com psicólogo, psiquiatra... eu sempre fui uma pessoa muito ansiosa, ansiosa mesmo, e isso desde criança. Eu tinha prova na escola e eu já não dormia no dia anterior, porque eu ficava preocupada com a prova, sabendo que eu ia ter um bom rendimento, que eu tinha me esforçado, mas é, desenvolvi muito... síndrome do pânico, eu tinha, não pelo local de trabalho não, mas foi por situações da minha vida, mas que ao invés e assim ajudar o local de trabalho lá, ele não beneficiou. Tanto que eu

tava tendo crise de ansiedade assim frequentemente, quase todos os dias. Eu trabalhava de meio-dia e meia, aí eu tinha uma hora de descanso, aí eu retornava e saía de lá 9h30 da noite. E aí nesse período que eu ficava era bem distante a minha casa do meu local de trabalho. Então, ficava pelo centro da cidade mesmo e às vezes acontecia de eu ter crise na rua, então tava bem difícil mesmo e aí eu falei com as meninas que faziam o monitoramento aqui da cidade e aí elas fizeram o possível e o impossível para me ajudar, para eu poder sair do local de trabalho lá que estava ficando bem, bem desgastante para mim. E aí que eu fui para NTE aí na primeira semana eu já tive uma mudança assim bem notória, tanto que eu fiquei um tempo mesmo sem fazer as minhas consultas com a minha psicóloga e mesmo assim eu não tava tendo crise assim tão frequentemente. Lá nesse novo local de trabalho eu tava, melhor mesmo. Embora, tipo assim, se encontrasse alguém do meu antigo local, eu cumprimentava normalmente “E aí. Como é que tá, sei o quê”. Como eram professores, eles iam lá no meu local de trabalho, principalmente no meu setor, porque o meu setor era meio que o setor de reclamação, assim, sabe. E aí eu os encontrava cumprimentava e tudo, então, assim... o mais que teve algumas desavenças e tudo mais, os dois locais de trabalho que eu tive são... encontro na rua até hoje as pessoas, a gente se cumprimenta “E aí, como é que tá e tal, você sumiu, não sei o que é, não não”. Então, assim foram pessoas, mas que não são tão amigas assim, são pessoas que eu tive um carinho muito grande, que tipo assim, me ajudaram muito. Teve muita gente que me dava, me dava muito conselho. Conselho, assim, que eu precisava muito, que quando eu tava tendo crise ia lá e me ajudava e até mesmo quando eu não tava tendo crise. (...)

Participante 17: (...) Lá onde eu trabalhava...acabei desenvolvendo uma gastrite, outros colegas meus acabaram desenvolvendo também o mesmo problema e eu não consegui tratar ainda, mastem... o máximo que eu pude do plano (...)

Participante 18: (...) única parte complicada um pouquinho foi no quesito, desenvolvi um pouquinho de ansiedade nesse trabalho por causa de algumas coisas, mas com o tempo a gente foi sabendo resolver. (...)

ANEXOS

Anexo 1 - Declaração de Anuência do Governo do Estado da Bahia



Coordenação de Acompanhamento de Políticas Sociais

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que, em relação ao projeto de pesquisa " INCLUSÃO SOCIAL PELO TRABALHO: REPERCUSSÕES DO PROGRAMA PRIMEIRO EMPREGO NA VIDA E SAÚDE MENTAL DE SEUS BENEFICIÁRIOS", que tem o objetivo de analisar as repercussões da participação do Programa Primeiro Emprego do governo do estado da Bahia (PPE) na vida e saúde mental de seus beneficiários, a ser executada pela mestrandia Patricia Souza Bahia Borges, sob a orientação da professora Dra. Carolina Villa Nova Aguiar, no âmbito do Mestrado em Tecnologias da Saúde da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, a Coordenação de Acompanhamento de Políticas Sociais da Casa Civil do estado da Bahia permitirá o acesso aos dados não sigilosos do PPE, bem como facilitará o acesso aos beneficiários para o desenvolvimento da referida pesquisa.

Atenciosamente,

Ruy José Braga Duarte
COAPS/CASA CIVIL

Ruy José Braga Duarte
Assessor Especial /COAPS
Matr. nº 74.589.366-5
Casa Civil do Estado da Bahia

Anexo 2 - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: INCLUSÃO SOCIAL PELO TRABALHO: percepções da primeira experiência de emprego em jovens de baixa renda

Pesquisador: Carolina Villa Nova Aguiar

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38803620.0.0000.5544

Instituição Proponente: Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências - FUNDECI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.400.409

Apresentação do Projeto:

No resumo, a pesquisadora considera: (...) O trabalho é um mister central na interação do indivíduo com o mundo, tanto no plano objetivo, como no subjetivo. Segundo as pesquisas de emprego e desemprego disponíveis (PNAD/IBGE e IBGE pesquisas), a taxa de desemprego entre os jovens é superior à encontrada na população economicamente ativa. Inversamente, o emprego formal baseado na seguridade social teria o efeito de reforçar laços, formar novos vínculos e estimular novas formas de sociabilidade, particularmente no que se refere à família e o projeto de vida. Como objetivo geral o projeto buscará analisar as mudanças que jovens de baixa renda percebem em si mesmos e em sua relação com o mundo do trabalho a partir de sua primeira experiência de emprego. No que diz respeito ao delineamento metodológico, o projeto trata-se de uma pesquisa de caráter

retrospectivo e prospectivo, dividida em duas etapas. (...) [etapas descritas no método]. Em relação a análise dos dados, na etapa 1, para as variáveis quantitativas, serão realizadas análises estatísticas descritivas (média e desvio padrão) e

inferenciais (testes T de Student e teste qui-quadrado). Para variáveis

qualitativas dessa etapa, será conduzida uma análise de conteúdo temática. Já para os dados da etapa 2, será conduzida uma análise de conteúdo. Espera-se que o desenvolvimento do presente estudo também poderá subsidiar diagnoses mais amplas da primeira experiência laboral do jovem de baixa renda, contribuindo para a implementação deste modelo de pesquisa em programas

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BRÓTAS

UF: BA

Município: SALVADOR

CEP: 40.285-001

Telefone: (71)2101-1921

E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.400.409

sociais, políticas públicas e orientação profissional.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora aponta os objetivos a seguir:

Geral: Analisar as mudanças que jovens de baixa renda percebem em si mesmos e em sua relação com o mundo do trabalho a partir de sua primeira experiência de emprego.

Específicos:

1. Caracterizar e comparar as realidades econômica, familiar e cultural dos jovens de baixa renda antes e após a experiência de primeiro emprego.
2. Identificar se a experiência de primeiro emprego é percebida como geradora de mudanças estruturantes na vida dos jovens de baixa renda.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora aponta os riscos e benefícios, respectivamente:

Riscos:

Sempre há riscos envolvidos em pesquisas com pessoas. Neste trabalho, entende-se que os riscos da participação dos beneficiários estão associados à possibilidade de quebra do sigilo da identidade do respondente e à possibilidade de mobilização dos participantes. Para minimizar esse risco, o material eletrônico será armazenado em banco de dados geral, salvo em um HD Externo usado para apenas esse fim, e ficará sob a responsabilidade da equipe de pesquisa. Após o período previsto pela Resolução nº 466/12, todos os dados serão apagados e o dispositivo será formatado. Na etapa prospectiva, identifica-se como risco adicional a possibilidade de mobilização por parte dos jovens que participarem do grupo focal. Para aqueles participantes que afirmarem ter sentido algum tipo de desconforto psicológico durante ou após o oferecimento das respostas, será oferecido um acolhimento (formato remoto) e, caso necessário, um atendimento psicológico breve (entre 3 e 5 sessões, também em formato remoto). Tais procedimentos serão realizados pelas pesquisadoras, psicólogas com inscrições ativas no Conselho Regional de Psicologia (CRP 03/9668 e 03/21004).

Benefícios:

Embora algumas características sejam gerais e marcantes para todos os jovens, é imprescindível compreender que essa trajetória de existência estará sempre vinculada aos caminhos percorridos por cada círculo social. A presente pesquisa tem a premissa de analisar as mudanças que jovens de baixa renda percebem em si mesmos e em sua relação com o mundo do trabalho, a partir de sua primeira experiência de emprego, contribuindo

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

UF: BA

Município: SALVADOR

CEP: 40.285-001

Telefone: (71)2101-1921

E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.400.409

para um melhor diagnóstico das necessidades desse grupo. Acredita-se que o desenvolvimento do presente estudo também poderá subsidiar diagnoses mais amplas da primeira experiência laboral do jovem de baixa renda, contribuindo para a implementação deste modelo de pesquisa em programas sociais, políticas públicas e orientação profissional.

Comentário ético: a pesquisadora apresenta as condições para atendimento em caso de mobilização dos participantes: prevendo uma intervenção de terapia breve, entre 3 a 5 sessões, online. Pendência saneada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A seguir, analiso a proposta de método e a repercussão ética:

Trata-se de uma pesquisa de caráter retrospectivo e prospectivo, dividida em duas etapas: Etapa 1: Estudo retrospectivo de caráter descritivo e abordagem mista: Para essa fase, serão utilizados dados secundários de pesquisa previamente realizada sob a responsabilidade da Coordenação de Acompanhamento de Políticas Sociais da Casa Civil do Estado da Bahia (COAPS/Casa Civil). Para a utilização dos dados, foi solicitada anuência (anexo I). Participantes: Tratou-se de uma pesquisa descritiva, de corte transversal, que teve abordagem mista (quantitativa e qualitativa) e foi desenvolvida com os beneficiários que completaram entre 12 e 18 meses, em setembro de 2019, de inserção no Programa Primeiro Emprego (PPE), uma política pública do governo do estado da Bahia. A

coleta das informações ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2019, por meio de um questionário estruturado. A participação na pesquisa foi voluntária e cumpriu com todas as premissas éticas relacionadas à pesquisa com seres humanos. Instrumento de pesquisa: Foi construído um questionário estruturado pela comissão de pesquisa para obtenção das informações necessárias. O instrumento final foi composto por sete seções, a saber: 1) caracterização pessoal; 2) caracterização geral relacionada ao PPE; 3) estrutura familiar; 4) estrutura residencial; 5) estilo de vida; 6) hábitos de estudo; 7) sobre o PPE e o significado do trabalho. O questionário na

íntegra encontra-se no apêndice 1. Procedimentos de coleta de dados: Como etapa preliminar à coleta de dados em larga escala, optou-se por realizar, no dia 12/08/2019, um teste piloto que contou com a presença de 10 beneficiários, todos integrantes da macrorregião Metropolitana de

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

CEP: 40.285-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)2101-1921

E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.400.409

Salvador. Na ocasião, a comissão de pesquisa apresentou os objetivos da pesquisa e, em seguida, conduziu uma aplicação assistida do

questionário, sendo registradas todas as dúvidas, dificuldades e sugestões levantadas pelos participantes. Além disso, avaliou-se o tempo de aplicação, que durou entre 27 e 66 minutos. Após alguns ajustes identificados e corrigidos a partir da aplicação do teste piloto, a pesquisa foi disponibilizada para os beneficiários. A divulgação ocorreu através de e-mail, cards, whatsapp e vídeos. O período de coleta foi de 05 de setembro a 11 de outubro de 2019. As respostas foram automaticamente direcionadas para um banco de dados, que ficará sob a responsabilidade dos pesquisadores. Etapa 2: Estudo prospectivo de caráter descritivo e abordagem qualitativa: Nesta fase da pesquisa, o que se pretende é aprofundar algumas questões gerais que tenham emergido na Etapa 1, trazendo à tona percepções mais singulares, assim como aspectos mais reflexivos

apontados pelos jovens. Participantes: A partir do banco de dados gerado na fase quantitativa, alguns jovens serão convidados a dar prosseguimento na pesquisa, aprofundando as suas respostas por meio da participação em um grupo focal. Estima-se a realização de cinco grupos focais, sendo convidados 10 jovens que responderam previamente à Etapa 1 da pesquisa para cada grupo, totalizando 50 participantes. Técnica de pesquisa: Será realizado um grupo focal. Nesse momento, algumas questões disparadoras serão utilizadas e os participantes serão convidados a refletir e, de forma interativa, pensar sobre os impactos da primeira inserção profissional em suas vidas profissionais e pessoais. Procedimentos de coleta de dados: O grupo será conduzido pelas pesquisadoras, sendo uma delas responsável pela facilitação do grupo e a outra por registrar as falas dos participantes. Tendo em vista a impossibilidade de registro de todas as falas no momento do grupo, as sessões serão gravadas e posteriormente transcritas com base nas anotações prévias. Para isso, os participantes deverão ser informados e será solicitado o consentimento para a gravação (apêndice 2). Posteriormente, para garantir a preservação das identidades dos participantes, serão atribuídos nomes fictícios a cada um deles.

Comentário ético: Em parecer ético primeiro foi considerado: 1. Informar o protocolo ético para realização da intervenção piloto e se houve, em especial, mobilização dos participantes. A pesquisadora esclareceu que: A etapa retrospectiva do estudo foi conduzida, inicialmente, sem fins acadêmicos/científicos, objetivando a geração de dados para uso interno da Coordenação de Acompanhamento de

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

UF: BA

Município: SALVADOR

CEP: 40.285-001

Telefone: (71)2101-1921

E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.400.409

Políticas Sociais da Casa Civil do Estado da Bahia. Por essa razão, não houve inserção prévia em Comitê de Ética em Pesquisa. Para a presente pesquisa, essa etapa se caracterizará como uso de dados secundários.

Para a etapa prospectiva, não há previsão para realização de intervenção piloto. O grupo focal consiste em técnica de coleta de dados que se assemelha à entrevista coletiva. As pesquisadoras entendem não haver necessidade de realização de piloto, uma vez que se trata de uma estratégia já consolidada.

Assim, considera-se a pendência saneada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: apresentada com correção, assinada com certificado digital da instituição.

Orçamento: Financiamento próprio, no valor de \$1700,00 (Hum mil e setecentos reais). Indica duas rubricas orçamentárias.

Cronograma: Apresenta as fases da pesquisa. Prevê relatórios parcial e final ao CEP Bahiana.Coleta dedados para 31/08/2021.

TCLE: ajustado, conforme indicações de parecer ético anterior.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após reanálise bioética embasada na Resolução 466/12 do CNS/MS e documentos afins, as pendências ética, indicadas em parecer consubstanciado de nº 4.347.011, foram integralmente sanadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-Bahiana, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação deste protocolo de pesquisa dentro dos objetivos e metodologia proposta.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274
 Bairro: BROTAS CEP: 40.285-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)2101-1921 E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 4.400.409

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1620727.pdf	28/10/2020 08:50:18		Aceito
Outros	RESPOSTA_CEP.docx	28/10/2020 08:49:16	Carolina Villa Nova Aguiar	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_PPE_CEP_rev.docx	24/10/2020 10:35:46	Carolina Villa Nova Aguiar	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEP_rev.docx	24/10/2020 10:35:26	Carolina Villa Nova Aguiar	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_assinada.pdf	16/09/2020 17:44:19	Carolina Villa Nova Aguiar	Aceito
Outros	GrupoFocal_CEP.docx	15/09/2020 08:48:30	Carolina Villa Nova Aguiar	Aceito
Declaração de concordância	Carta_Anuencia_CEP.pdf	15/09/2020 08:47:28	Carolina Villa Nova Aguiar	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 16 de Novembro de 2020

**Assinado por:
Roseny Ferreira
(Coordenador(a))**

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274

Bairro: BROTAS

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)2101-1921

CEP: 40.285-001

E-mail: cep@bahiana.edu.br